ANNO XXXII. N. 92.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

QUARTA FEIRA 16 DE ABRIL DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE.
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiniano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias.
Caruaru, Bonito e Garanhuns: nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exu' e Ouricury: a 13 e 28.
Goianna e Parahiba: segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal: nas quintas-feiras.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: quartas e sabbados.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE ABRIL.
5 Lua nova as 4 horas, 26 minutos, 48 segundos da manhãa.
13 Quarto crescente as 3 horas, 27 minutos e 48 segundos da m.
20 Lua cheia as 6 horas, 8 minutos e 48 segundos da manhãa.
27 Quarto minguante as 9 horas, 7 minutos e 48 segundos da tarde.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 2 horas e 6 minutos da tarde.
Segunda as 2 horas e 30 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
14 Segunda. S. Domina v.; Ss. Tiburcio e Valeriano mm.
15 Terça. S. Pancracio; Ss. Euthiquio, Enlimpiada e Pausilipo.
16 Quarta. S. Engracia v.: Ss. Calisto, Carisio a Ciciliano.
17 Quinta. S. Aniceto p.: Ss. Hermogenes e Fortuneto mm.
18 Sexta. S. Galdino b. card.; S. Perfeito presb.
19 Sabbado. Ss. Expedito, Aristonico, Socrastes e Galata.
20 Domingo 4. S. Ignez do Monte Policiano, v.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

AVISO AOS SENHORES SUBSCRIPTORES.

Somente he permittido pagar a subscripção do presente quartel deste *Diario* a razão de 4$ até o dia 15, e depois deste dia só se recebera a 4$500.

PARTE OFFICIAL

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 14 de abril.

Circular—Aos Exms. presidentes das provincias do sul.—Tenho a satisfação de communicar a V. Exc. que esta provincia goza de tranquillidade.

A epidemia nesta capital continua a declinar mui consideravelmente, pois que o obituario destes dous ultimos dias ha sido de seis pessoas.

Nos pontos que primeiro foram accommettidos está ella extincta, continuando ainda, posto que mais branda, em outros lugares por ultimo atacados.

Officio—Ao Exm. presidente da Bahia.—Os estudantes da Faculdade de Medicina dessa provincia, Francisco de Assis Negreiros Sayão Lobato, Joaquim da Silva Gusmão, Ermirio Cezar Coutinho e Alfredo da Rocha Bastos, foram dispensados das commissões em que se achavam empregados nesta provincia por occasião da epidemia, tendo-se portado com zelo e actividade no desempenho dellas, e para que de conformidade com o aviso da repartição do imperio de 25 de fevereiro ultimo, não sejam elles prejudicados no progresso dos seus estudos, julgo conveniente levar ao conhecimento de V. Exc. a nota inclusa na qual estão declaradas as épocas em que teve lugar semelhante dispensa.—Neste sentido officiou-se ao director da referida Faculdade.

Dito—Ao Exm. bispo diocesano, convidando-o a ir celebrar no dia 21 do corrente, em que deve ter lugar a abertura da assembléa legislativa provincial, a missa votiva do Espirito Santo na matriz da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves.—Officiou-se ao commandante das armas para mandar postar um batalhão de 1.ª linha em frente da casa da mesma assembléa e dar as salvas do costume.

Dito — Ao mesmo, remettendo o compromisso da irmandade da Misericordia desta cidade, afim de que se digne de approva-lo na parte religiosa, se por ventura estiver nas circumstancias de o ser.

Dito — Ao Exm. marechal commandante das armas, remettendo para ter o conveniente destino a guia de soccorrimento do desertor do nono batalhão de infantaria José Feliciano da Silva, que se acha a bordo do vapor *Paraná*, a disposição de S. Exc. — Officiou-se a respeito ao agente da companhia dos apores.

Dito — Ao inspector da thesouraria de fazenda, recommendando que mande pagar ao juiz de direito do Rio Formoso, a quantia de 225$000 rs., sendo 200$000 rs. que elle adiantou a commissão de beneficencia daquella cidade para soccorro das pessoas pobres accommettidas da epidemia, e 25$000 rs. que deu ao Dr. Frederico Relave, por conta dos seus vencimentos, segundo se vê do recibo que remette. —Communicou-se ao supradito juiz.

Dito — Ao mesmo, mandando pagar ao general Antonio Correa Seara a importancia da ajuda de custo que lhe compete como deputado a assembléa geral por esta provincia.

Dito — Ao mesmo, transmittindo para o fim conveniente os avisos de letras na importancia de........ 3:131$710 rs., saccadas pela thesouraria de fazenda da provincia do Rio Grande do Norte, sobre a desta e a favor de José Joaquim de Lima, Domingos Ferreira Maia e Joaquim Gomes da Silva.—Participou-se ao Exm. presidente daquella provincia.

Dito—Ao juiz de orphãos do termo do Recife para que, entendendo-se com os vigarios e agentes de policia das quatro freguezias da capital, remetta com a maxima possivel brevidade, uma relação dos meninos e meninas que ficaram em total orphandade e desamparo, em consequencia da epidemia reinante, com declaração de seus nomes, dos de seus pais, idade, condição e casa em que actualmente se acharem, afim de se lhes poder dar o abrigo que for possivel.—Neste sentido officiou se as autoridades e vigarios das mencionadas freguezias.

Dito—Ao inspector da thesouraria provincial, dizendo que, não obstante o que Smc. pondera em seu officio n. 92, mande entregar ao thesoureiro pagador da repartição das obras publicas os 2:400$000 rs., incluidos para a obra da casa de detenção no pedido que fez o director daquella repartição no corrente mez.

Dito—Ao director das obras publicas, autorisando-o a mandar reparar uma parte do aterro contiguo aos alicerces do theatro de Santa Isabel do lado do rio.—Communicou-se a thesouraria provincial.

Dito—Ao academico Luciano Xavier de Moraes Sarmento.—Accusando o recebimento do seu officio de hoje, ao qual acompanhou uma curiosa estatistica da epidemia no primeiro districto da freguezia de Santo-Antonio; cumpre-me louvar e agradecer a dedicação e actividade com que Vmc. gratuitamente prestou soccorros medicos a classe desvalida nos 3 primeiros districtos da referida freguezia desde que o cholera appareceu na capital ate esta data, em que achando-se elle quasi extincto, pretende Vmc. seguir para a provincia da Bahia afim de continuar o seu curso. O que tudo levarei ao conhecimento do governo imperial e do director da escola de medecina, a quem nesta data officio, bem como ao Exm. presidente daquella provincia.—Fez-se o expediente de que se trata.

Portaria—Concedendo tres mezes de licença para ir a côrte ao escrivão das collectorias de rendas geraes e provinciaes na comarca de Nazareth, Joaquim Theodorico de Albuquerque Maranhão.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Dita—Dimittindo de conformidade com a proposta do chefe de policia, do cargo de subdelegado da freguezia do Limoeiro a Manoel Cavalcanti da Rocha Wanderley.—Communicou-se ao referido chefe.

Dita—Desonerando, na mesma conformidade, do cargo de 1.º supplente do subdelegado da freguezia do Limoeiro a Henrique Luiz da Costa Gomes, e nomeando para o referido cargo ao cidadão Maximiano Antonio de Pinho Olivaes.—Inteirou-se ao chefe de policia.

Dita—Ao agente da companhia dos paquetes de vapor, para mandar transportar para a côrte por conta do governo, em um dos vapores da companhia, ao musico Manoel Leite Guimarães, que teve baixa do serviço do exercito.

EXTERIOR.

PORTUGAL.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA.

(Conclusão.)

Legislação que regulou a concessão das recompensas.

Na Exposição de Londres foram estabelecidas as seguintes recompensas:

Medalha do Conselho, grande medalha de honra, que só podia ser concedida pelo conselho dos presidentes das diversas classes dos jurados.

Medalha de premio.

Menção honrosa.

O decreto imperial de 10 de maio de 1855 estabeleceu para a Esposição Universal de Paris as seguintes recompensas:

Medalha de ouro.
Medalha de prata.
Medalha de bronze.
Menção honrosa.

A medalha de ouro só podia ser concedida pelo conselho dos presidentes e vice-presidentes, sobre proposição dos jurados de classe, approvada pelo grupo, a que pertencia a mesma classe. Essa medalha era destinada a recompensar—collecções muito completas, enviadas por Estados estrangeiros, ou por cidades ou centros de grande producção, e offerecendo uma grande utilidade debaixo do ponto de vista da instrucção;—productos expostos por industriaes, que se recommendassem por uma perfeição excepcional devida à arte, ao gosto, à sciencia, ou ao trabalho;—descobertas muito importantes, levadas ao estado de grande exploração industrial; —augmento muito consideravel de utilidade de um producto ja conhecido, e feito accessivel pela reducção do seu preço a um consumo mais geral.

A medalha de prata podia ser concedida por cada um dos grupos de jurados, sobre proposição das classes, de que estes eram formados. Esta medalha premiaria—a superioridade do gosto, da fórma ou de trabalho—collecções interessantes debaixo do ponto de vista da instrucção;— progressos importantes, e comprovados, introduzidos na fabricação, ou por meio de descobrimentos, ou de outro modo qualquer, dando em resultado um uso melhor, mais agradavel, mais util, ou mais duradouro, ou uma grande diminuição de preço dos objectos de grande consumo.

A medalha de bronze podia ser concedida por cada um dos grupos de jurados, sobre proposição das classes, de que estes eram formados, e recompensaria—a bondade do trabalho,—as qualidades de fórma e de gosto,—os melhoramentos reaes obtidos ou nos meios da producção, ou na maior utilidade dos productos, ou na diminuição do seu preço.

A menção honrosa podia ser concedida por cada um dos grupos de jurados, sobre proposição das classes de que estes eram formados, aos expositores dos productos que se distinguissem por um dos meritos acima designados, quando a novidade do descobrimento, ou a diminuta importancia da producção não désse lugar ao voto da medalha de bronze.

A medalha de ouro, a medalha de prata, a medalha de bronze, e a menção honrosa podiam ser tambem concedidas pelo jury aos contra-mestres e operarios, que se tivessem distinguido por serviços prestados a industria, que exercessem, ou pela sua [illegible]peração na producção dos objectos expostos, [illegible]gados dignos de recompensa.

Além destes premios o imperador reservava-se o direito de conceder, sobre recommendação do conselho dos presidentes e vice-presidentes, testemunhos especiaes da gratidão publica aos expositores, que tivessem prestado serviços extraordinarios à civilisação, à humanidade, as sciencias, ou as artes, ou recompensas de outro genero, proporcionadas aos sacrificios consideraveis feitos n'um fim de utilidade geral, e tendo em vista a posição das pessoas assim recommendadas.

Para a execução deste decreto dirigio o principe Napoleão, presidente da commissão imperial, e do conselho dos presidentes, diversas circulares aos presidentes das differentes classes do jury.

A circular de 19 de julho (documento n. 235) prescrevia, que na concessão das recompensas se pozesse de parte toda e qualquer considerção de origem ou de nacionalidade, toda e qualquer recordação das recompensas anteriores: que o jury se não deixasse tambem sorprender por esforços extraordinarios e accidentaes, que não exprimem nem uma fabricação regular e habitual, nem o resultado de uma nova conquista, de um progresso real e serio da industria.

Para a hypothese, em que um certo numero de expositores industriaes, tendo attingido juntos um alto grão de perfeição, sem que nenhum delles podesse ser qualificado de superior aos outros, se tornasse duvidoso a quem deveria ser attribuida a medalha de ouro, prescrevia a mesma circular, que esta medalha fosse concedida aos grupos industriaes, de que fizessem parte estes expositores, mencionando o relatorio do jury particularmente os nomes dos industriaes expositores, cujo merito collectivo tivesse merecido ao seu grupo esta elevada distincção.

A circular de 25 do mesmo mez de julho (documento n. 236) deu á medalha de ouro a denominação *grande medalha de honra*; á medalha de prata a denominação de *medalha de primeira classe*; a' medalha de bronze a denominação de *medalha de segunda classe*; e conservou a' *menção honrosa* a mesma denominação. Estas disposições foram confirmadas pelo decreto imperial de 3 de outubro.

As circulares de 21 de maio, 3 de agosto, 20, 22 e 23 de setembro (documentos ns. 237 a 240) recommendaram muito expressamente a execução das disposições do decreto de 10 de maio, que comprehendiam os contra-mestres e operarios, que tivessem feito serviços a' industria, na concessão das recompensas, que podiam ser decretadas pelo jury.

Para poder habilitar o jury a cumprir as disposições daquelle decreto, no que dizia respeito aos contra-mestres e operarios portuguezes, escrevi ao governo a 23 de maio, pedindo-lhe a relação dos contra-mestres e operarios das nossas fabricas, que estivessem nas circumstancias descriptas no decreto de 10 daquelle mez. Esta relação foi-me remettida com a data de 3 de setembro.

Apezar das disposições dos decretos imperiaes de 10 de maio, e de 3 de outubro, que definiam as recompensas, que podiam ser concedidas aos expositores, e declaravam a parte que pertencia na concessão das mesmas recompensas ás diversas classes do jury internacional, aos grupos, compostos destas classes, e ao conselho dos presidentes, que só tinha o direito de approvar ou rejeitar as *grandes medalhas de honra* approvadas pelos grupos, o conselho dos presidentes, depois de ter approvado um grande numero daquellas *medalhas*, e de terem sido feitas ja nesse sentido participações officiaes aos interessados, resolveu proceder a' revisão dos motivos, porque haviam sido concedidas as mesmas medalhas. Para esta revisão nomeou um conselho, composto de sete dos seus membros, e presidido pelo principe Napoleão. Este conselho propoz a rejeição de muitas das medalhas ja concedidas, e a divisão das restantes em duas classes—grandes medalhas de honra — medalhas de honra—proposta que foi approvada pelo conselho dos presidentes.

Reconhecendo, porém, a irregularidade com que procedera o conselho dos presidentes, depois de ter terminado os seus trabalhos, solicitou e obteve o decreto imperial de 11 de novembro (documento n. 241), que approvou a divisão da *grande medalha de honra* em duas classes, ou sanccionou a creação da *simples medalha de honra*. No relatorio do conselho dos presidentes diz-se, porém, que « depois de uma primeira leitura das proposições das classes, da rejeição de um certo numero destas, e de terem sido tomadas provisoriamente em consideração as restantes, o conselho encarregou uma commissão escolhida entre os seus membros de preparar a revisão e o voto definitivo. »

Não posso deixar de notar, que o que o conselho chama *tomar provisoriamente em consideração* foram resoluções definitivas, e a prova esta', em que essas resoluções foram communicadas a' secretaria do jury, e por esta se fizeram as pessoas que tinham obtido *a grande medalha* communicações officiaes para concordarem com o Sr. *Aldrophe*, architecto em serviço junto a commissão imperial, sobre o desenho do tropheu, que devia ser levantado com os productos que haviam obtido aquella alta recompensa. São testemunhas deste facto todos os interessados, e todos os commissarios estrangeiros, a quem foram remettidas aquellas communicações. Uma destas me foi tambem remettida, pelo motivo que adiante exporei. O procedimento do conselho dos presidentes foi, pois, um acto que excedeu as suas attribuições, por lhe não ser permittido pelos decretos de 10 de maio, e 3 de outubro, e por não poder ser autorisado pelo decreto de 11 de novembro, que não podia ter effeito retroactivo.

Houve, pois, as seguintes recompensas:

Grande medalha de honra (medalha de ouro).
Medalha de honra (medalha de ouro).
Medalha de primeira classe (medalha de prata).
Medalha de segunda classe (medalha de bronze).
Menção honrosa.

Premios concedidos aos expositores portuguezes na grande exposição, e na exposição da galeria economica.

Os premios concedidos aos expositores portuguezes foram:

Na grande exposição.

1 Medalha de honra (medalha de ouro).
19 Medalhas de primeira classe (medalha de prata).
84 Medalhas de segunda classe (medalha de bronze).
108 Menções honrosas.
Total—212 premios.

Na galeria economica.

1 Medalha de primeira classe.
1 Medalha de segunda classe.
6 Menções honrosas.
Total—8 premios.

Além disto foram concedidas aos contra-mestres e directores das nossas fabricas:

2 Medalhas de segunda classe.
1 Menção honrosa.
Total—3 premios.
Total geral—223 premios.

Deduzindo os premios repetidos, ou que foram concedidos ao mesmo producto nas duas exposições foram rigorosamente 218 os premios que obtivemos.

A *medalha de honra* foi concedida ao governo portuguez como representante de Portugal, pela collecção de productos agricolas que Portugal mandou á Exposição. Esta medalha substituio a grande medalha de honra, que a classe 11.º do jury internacional tinha votado para os vinhos portuguezes, e que fôra approvada pelo respectivo grupo de classes; e pelo conselho dos presidentes.

Em virtude desta decisão foram-me expedidas communicações officiaes para fazer preparar com os nossos vinhos que haviam obtido tão alta recompensa, um trepheo na sala em que devia ter lugar o encerramento da Exposição. Aquella decisão era, pois, ja um facto consummado e irrevogavel. Entretanto o conselho de presidentes tendo chegado ao fim dos seus trabalhos e vendo que havia approvado perto de 600 grandes medalhas, resolveu reconsiderar as decisões tomadas e revogar um grande numero das medalhas ja concedidas, entrando neste numero as duas votadas para os vinhos de Bordes e de Borgonha. Esta resolução trouxe apos si a da revogação da grande medalha concedida aos vinhos portuguezes; mas tal era a superioridade destes e a de todos os nossos productos agricolas, que nos foi concedida a medalha de honra pela collecção de todos estes productos, comprehendendo os mesmos vinhos; o que nos deixou a este respeito n'uma situação preferivel a de todas as outras nações, cujos vinhos só obtiveram medalhas de primeira classe.

Os nossos visinhos obtiveram ainda outro triumpho na galeria economica, cujo jury lhes votou a medalha de primeira classe. Esta resolução foi formulada nos seguintes termos:

Ao reino de Portugal pela boa qualidade e barateza dos seus vinhos ordinarios e substancias alimenticios que expoz.

Outro resultado que nos deve igualmente ser muito lisongeiro, he que o nosso paiz foi um dos que obtiveram proporcionalmente maior numero de recompensas. A estatistica destas recompensas só poderá ser organisada quando estiverem publicados os respectivos relatorios de todas as classes do jury. As listas publicadas até hoje são inexactissimas, excepto as que contem as grandes medalhas e as medalhas de honra.

Só se pode, pois, adoptar aproximadamente como ponto de partida, o que se encontra no discurso dirigido pelo principe Napoleão ao imperador no dia do encerramento da Exposição.

Segundo esse discurso, as recompensas concedidas aos productos da industria e da agricultura, montaram a 10,564 pela maneira seguinte:

112 grandes medalhas de honra.
252 medalhas de honra.
2,300 medalhas de primeira classe.
3,900 medalhas de segunda classe.
4,000 menções honrosas.

O que para 21,000 expositores dá a proporção de 50 por cento. Mas esta proporção he muito menor: porque naquellas recompensas entram pelo monos 1,000 concedidas a contra-mestres e operarios, cujo numero não entra no numero dos expositores. Deduzindo pois, aquellas 1,000 recompensas das 10,564, a verdadeira proporção entre o numero restante e o de 21,000 expositores, he a de 45 e meio por cento.

Portugal figura no catalogo official como tendo 441 expositores; mas he porque, segundo uma resolução adoptada para todos os casos analogos, a certas corporações e estabelecimentos foram dados tantos numeros quantas eram as classes em que expunham productos.

Neste caso se acharam o arsenal de marinha, o conselho ultramarino e a commissão central de Lisboa; o que reduz o verdadeiro numero dos nossos expositores a 407. Deduzindo dos 218 premios que obtivemos, os tres que foram dados aos contra-mestres de nossas fabricas, restam 215 que para o numero 407 dos nossos expositores, dão a proporção de 53 por cento. Mesmo na hypothese de termos tido 441 expositores esta proporção teria sido de 49 por cento.

Examinando o documento numero 242 que contem a lista destas recompensas, vê-se que os 218 premios, que obtivemos, se decompõem da maneira seguinte:

Topographia, geologia, lavra [illegible]inas e dreiras	9
Productos agricolas (cereaes, [illegible], amendoas, avelãas, lãas, urzella [illegible]los de bichos de seda)	32
Artes agricolas (vinho, vinagre, aguardente, licôres, azeite, mel, assucar bruto, queijo, fructos seccos, farinha e tapioca)	73
Artes chimicas (sal, rapé, charutos, sabão, cortumes e papel)	21
Conservações alimentares (conservações alimentares propriamente ditas, chouriços, touçinho, fructos em calda, azeitonas, sardinhas em azeite)	17
Materias primas (madeiras, seda em rama)	5
Artes e officios (calçado, fato feito, luvas, pentes, chapeos, botões, guarda-soes e bengalas, flôres, esteiras, palitós, encadernações, obras de marcineiro, machinas.)	45
Tecidos de seda, lãa, algodão e linho.	10
Ensaios industriaes (alumina do Sr. Sebastião Betamio de Almeida)	1
Collecções mumismaticas (medalheiro do Sr. Daniel José da Silva Mello).	1
Collecções de productos pertencentes a mais de uma destas classes (collecções de productos da commissão central de Lisboa, do conselho ultramarino, de vinhos, licôres e doces do Sr. Rodolpho Baltresqui, de vinhos e substancias alimenticias do reino de Portugal)	4
Total	218

Esta analyse mostra que não houve favor nos premios que nos foram concedidos, porque a maxima parte destes recairam em productos de industria, cuja superioridade entre nós não pode ser contestada. E para as industrias que não estão effectivamente no nosso paiz na altura em que se encontram nos paizes mais adiantados, tiveram-se em vista as nossas circumstancias especiaes, os esforços empregados para melhorar a fabricação, a importancia dos estabelecimentos recompensados e os serviços por elles prestados, ou no emprego de um grande numero de braços, ou na barateza dos productos que offerecem ao mercado.

He minha opinião, que, em logar de favor, alguns dos nossos expositores de productos agricolas, não obtiveram os premios a que me parece tinham direito.

Quiz-se fazer prevalecer na Exposição a idéa de que só se devia recompensar o trabalho e a industria do homem, e pôr de parte completamente o que era devido a fertilidade do solo e a influencia do clima; porem este systema tinha o inconveniente de preferir productos superiores, só porque elles tinham custado maior somma de esforços, destruindo-se assim um dos fins principaes da Exposição, que era fazer conhecer o estado das industrias dos diversos paizes, e aquellas, em que cada paiz sobresahia, esperando-se que deste exame resultassem modificações importantes na legislação fiscal dos mesmos estados.

Afigura-se-me que aquella idéa exerceu uma grande influencia na concessão dos premios aos nossos expositores de productos agricolas, vendo sobre-[illegible]do, que productos agricolas que tinham obtido do jury a mais alta qualificação, não obtiveram nenhum premio, e que a classe terceira, propoz e obteve do grupo respectivo, a approvação de uma grande medalha de honra para a collecção dos productos agricolas da Dinamarca, que se não podia comparar a nossa que não mereceu aquella classe tão elevada recompensa.

Felizmente o conselho dos presidentes reparou esta injustiça, reduzindo aquella grande medalha a medalha de honra, e concedendo-nos a mesma recompensa pela collecção dos nossos productos agricolas, que era inquestionavelmente uma das mais bellas e das mais ricas da Exposição.

Não deixarei tambem de repetir, que a falta de informações por parte do maior numero dos nossos expositores para esclarecimento do jury, falta que eu não podia supprir completamente, concorreu necessariamente para que alguns dos productos da nossa industria não merecessem a consideração a que tinham direito.

Encerramento da Exposição.

O decreto de 8 de março de 1853 ordenava que o encerramento da Exposição teria lugar a 30 de setembro de 1855.

O regulamento da commissão imperial approvado pelo decreto de 6 de abril de 1854, ordenou que esse encerramento só teria lugar a 31 de outubro seguinte: tendo-se porem verificado a abertura da Exposição a 15 e não a 1 de maio como estava determinado, foi facil de prever que o encerramento só teria lugar a 15 de novembro. Effectivamente por decisão da commissão imperial de 3 de outubro foi fixada aquelle época para se fechar definitivamente a Exposição, devendo os expositores proceder no dia immediato a recepção dos productos. (Documento n. 243).

O encerramento da Exposição teve lugar com a maior solemnidade, pronunciando nesse acto o principe Napoleão e o imperador, dous discursos memoraveis (Documentos ns. 244 e 245), que foram publicados com todos os pormenores desta grandiosa ceremonia no *Moniteur* do dia seguinte que remetti ao governo, e distribuindo o imperador as condecorações que concedeu aos industriaes sobre proposta do jury, e que montavam a cento e quarenta e cinco, e as grandes medalhas de honra em numero de cento e doze.

As outras recompensas não poderam ser distribuidas por S. M. por falta de tempo, e foram remettidas directamente aos expositores francezes e aos expositores estrangeiros, por meio dos respectivos commissarios.

As que pertenciam ao nosso paiz foram-me entregues a 20 de novembro, à excepção da medalha de honra que só foi entregue tres dias depois.

Os diplomas relativos a estas medalhas e as menções honrosas, não me poderam ser entregues então, nem o foram ainda por não estarem promptos.

No mesmo dia do encerramento official da Exposição publicou o *Moniteur* um annuncio assignado pelo secretario da commissão imperial em que declarava, que a commissão imperial tendo sido informada de que augustas personagens viriam em poucos dias a Paris, convidava os expositores a deixarem os seus productos nos palacios da Industria e das Bellas-Artes até 30 daquelle mez, ficando assim abertas ao publico até ao mesmo dia as duas Exposições respectivas (documento n. 246).

Sabendo que as augustas personagens a que alludia aquelle annuncio, eram S. M. o rei dos Belgas e S. M. o rei da Sardenha, entendi que interpretava fielmente as intenções do governo, prestando-me a deixar ainda os nossos productos até á época indicada nos dous palacios da Industria e Bellas-Artes, suspendendo a execução das ordens que ja havia dado para que a emballagem dos mesmos productos começasse no dia 16 de novembro. O mesmo fizeram todos os outros commissarios.

Assim a Exposição que devia acabar a 15 de novembro continuou de facto até 30, conservando o *transepto* que havia sido convertido n'uma sala de vastissimas dimensões para a ceremonia do encerramento, os mesmos ornatos que tinha naquelle dia, excepto o throno, que cedeu o lugar a uma orchestra composta de mil duzentos e cincoenta musicos, que deu concertos dez dias consecutivos depois do encerramento, tomando parte no ultimo, quatro mil e quinhentos musicos.

A este concerto assistiram SS. MM. o imperador e el-rei da Sardenha. O principal adorno do *transepto* e que mais chamava a attenção, eram os tropheos levantados com os productos que haviam obtido as grandes recompensas, entrando neste numero o tropheo de Portugal, formado com as ricas collecções dos nossos productos agricolas, e dos nossos vinhos que o tornavam um dos não menos notaveis da Exposição.

Condecorações concedidas pelo imperador aos commissarios estrangeiros e aos membros do jury internacional.

No dia do encerramento da Exposição publicou o *Moniteur* a lista dos commissarios estrangeiros e dos membros do jury internacional, a quem o imperador condecorou com diversos gráos da ordem imperial da legião de honra, pelos serviços que haviam prestado a Exposição.

Esta lista comprehendia trinta e um commissarios, quarenta e dous jurados estrangeiros e vinte e seis jurados francezes, sendo noventa e nove o numero total dos condecorados.

No numero dos jurados estrangeiros, a quem foi concedida aquella distincção, entrou o nosso illustre compatriota o Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, digno por certo desta honra pela reputação que grangeou na respectiva classe em que era reputado um dos membros mais distinctos.

Estas condecorações haviam sido distribuidas na vespera aos agraciados pelo principe Napoleão n'um sarão a que o principe convidára no palacio da sua residencia, e a que assistiram os ministros, os presidentes do corpo legislativo e do conselho de estado, o grão chanceller de legião de honra e os secretarios geraes, e o commissario geral da commissão imperial.

O *Moniteur* de 7 do corrente publicou outra lista de commissarios e jurados igualmente condecorados pelo imperador pelo mesmo motivo. Essas duas listas compõem a relação, que acompanha este relatorio (documento n. 247) da qual se vê, que o numero total dos condecorados montou a 122, comprehendendo 41 commissarios e 81 jurados.

Banquete dado pela municipalidade de Paris ao principe Napoleão, e á commissão imperial.

Este banquete teve lugar no dia 17 de novembro nas espaçosas e riquissimas salas dos paços do conselho (hotel-de-ville), sendo convidados para tomar parte nelle o corpo diplomatico, os ministros, os presidentes do senado, do corpo legislativo, e do conselho de estado, os deputados do departamento do Senna, os commissarios estrangeiros, os presidentes e vice-presidentes das diversas classes do jury internacional, uma deputação do corpo municipal de Londres, os administradores do conselhos das cidades de França, muitos dos expositores recompensados, muitos membros do Instituto, e muitos estrangeiros distinctos, o que elevava o numero dos convidados a mais de 500.

Os documentos ns. 248 a 250 contem os discursos pronunciados neste banquete, a que se seguio um brilhante concerto, em que tomaram parte os artistas de maior renome da capital do imperio, e a que assistio toda a sociedade de Paris.

Producções de artistas portuguezes enviadas a Exposição das Bellas-Artes.

Com officio de 8 de junho me foram remettidas pela commissão central de Lisboa dezeseis caixas contendo algumas obras de pintura e esculptura dos nossos artistas para serem collocadas na Exposição das Bellas-Artes. A abertura desses volumes só pode ter lugar no dia 27 do mesmo mez, assistindo eu a esse acto, para verificar o estado dos mesmos productos, e dar as providencias, que se tornassem necessarias. O estado, em que se achavam esses productos, he fielmente descripto no documento n. 251.

Esse mesmo documento mostra quaes foram as obras de pintura e esculptura descriptas na relação anteriormente enviada á commissão imperial, que deixaram de ser remettidas. O catalogo da Exposição das Bellas-Artes tinha sido organisado em vista dessa relação; porem, o catalogo, que eu fiz imprimir, de todos os productos da industria portugueza, que concorreram as duas Exposições, deixou já de incluir aquellas obras.

Trabalhos da commissão de estudo á Exposição Universal da industria.

A commissão encarregada pelo decreto de 29 de março deste anno do estudo technico da Exposição Universal da industria he composta de um presidente, cinco vogaes e um secretario. Na abertura da Exposição só se achavam em Paris o presidente, e tres vogaes; faltando, por tanto, dous vogaes e o secretario. Apezar disto a commissão installou-se, encarregando provisoriamente um dos seus membros de exercer as funcções de secretario. Os trabalhos da commissão até o encerramento definitivo da Exposição constam da serie das suas actas, que acompanham este relatorio.

Despezas ordenadas pelo commissario regio.

O artigo 4 das instrucções de 13 de abril dizia:

O secretario da commissão auxiliará o commissario regio no exercicio das suas funcções administrativas, e terá a seu cargo o pagamento das despezas ordenadas por elle.»

O artigo 11 das mesmas instrucções dizia:

« Todas as despezas com a guarda e conservação dos productos portuguezes, bem como as de expediente, serão ordenadas pelo commissario regio.»

O despacho de 10 de abril autorisava a verba de £ 100 para as despezas com a guarda dos productos, expediente, e gratificação mensal do fiel na importancia de 500 francos.

Não sendo aquella verba sufficiente, nem para esta ultima despeza, que n'uma commissão, que pelo menos duraria sete mezes, montaria a 3:500 francos, representei ao governo em data de 18 de julho, que para fazer face a todas aquellas despezas eram necessarias ainda mais £ 200. O governo resolveu favoravelmente a minha representação, como me foi participado em officio de 10 de agosto.

O documento n. 252 mostra qual foi o emprego, que tiveram aquellas trezentas libras.

Medidas que convirá adoptar no nosso paiz no caso de haver outra Exposição Universal de industria.

Julgo que não deverei pôr termo a este relatorio sem indicar as medidas, que me parece deverem ser adoptadas entre nós se tiver lugar outra Exposição Universal, e se a ella concorrermos, como entendo que devemos concorrer.

A Exposição Universal de Londres foi um facto de alta importancia, que muito concorreu para o grande desenvolvimento, que teve a industria nos quatro annos posteriores. Esse desenvolvimento foi comprovado pela Exposição Universal de Paris, e reconhecido por todos os homens competentes, que estudaram essa Exposição. Os jurados inglezes foram os primeiros que tiveram a nobre coragem de o revelar ao mundo civilisado.

E apezar desta manifestação estrondosa e das outras, que se lhe seguiram, e de que dei conta neste relatorio, foram raras as nações, que não pertenderam, que a Exposição de Paris não representava fielmente o estado da sua industria, tendo deixado de concorrer por diversos motivos muitos de seus industriaes dos mais importantes. Talvez que nenhuma nação o podesse dizer com tanta razão como nós.

Os serviços relevantissimos prestados por estas duas Exposições a industria, e as lacunas que nellas se encontraram, tem feito reconhecer a necessidade de outra Exposição Universal que se reuna o mais tardar em 1859. Asseverou-se mesmo, que a Allemanha se occupava ja muito seriamente da organisação desta Exposição, e chegou-se a designar Vienna como a capital, em que ella deveria ter lugar.

Afigura-se-me que as unicas capitaes da Europa, que offerecem os necessarios recursos para a organisação de uma Exposição Universal da Industria, são Londres e Paris. Mas qualquer que seja o local, em que se verifique esta Exposição, entendo, que o nosso paiz deve empregar todos os seus esforços para concorrer a ella, e para se fazer representar de uma maneira que lhe faça honra.

He preciso, que nos não illudamos sobre a opinião, que se forma de nós, afim de reconhecermos o quanto convem fazer mudar essa opinião. Julga-se, que nós somos uma nação sem nenhuma industria fabril, e que recebemos os droductos dessa industria em troca dos nossos vinhos, de uma nação poderosa que nos domina completamente. A maneira, porque concorremos a esta ultima Exposição; o setimo lugar que occupamos quanto ao numero dos expositores, entre os cincoenta e dous estados, que a ella concorreram; o numero de recompensas que obtivemos, abalaram muito esta opinião, que he preciso destruir de todo nas futuras Exposições. E isto não só por nossa dignidade como nação, mas até no interesse do nosso commercio, e consequentemente da nossa industria, cujos productos se tornam conhecidos por meio daquellas Exposições. A esta hora ja estão feitas encommendas de muitos dos nossos productos, que não teriam tido lugar, se elles não tivessem concorrido a esta Exposição. O mesmo aconteceu, ainda que em menor escala, com a Exposição de Londres.

He pois indispensavel, que todas as nossas industrias sejam representadas nessas Exposições, sem se perder de vista, que o fim destas he menos o deslumbrar por meio de prodigios de arte do que o melhorar a sorte da humanidade fazendo conhecer, e honrando as industrias, que occupam o maior numero de braços, e os productos que pela sua barateza estão em harmonia com os meios de acquisição das classes as mais numerosas das populações.

Mas não basta fazer uma collecção completa de todos esses productos. Essa parte do trabalho da organisação de uma Exposição industrial he inquestionavelmente a primeira e a mais importante; mas só por si não preenche o fim da Exposição. A collocação dos productos n'um local só fere os olhos daquelles, que examinam esses productos: ha duas outras Exposições mais extensas, que vão a toda a parte, que sobrevivem a primeira Exposição, e que podem por consequencia prestar melhores serviços aos industriaes: estas são o catalogo desses productos, e os relatorios dos jurys, que os examinaram. Devem pois empregar-se todos os meios para que esses catalogos sejam feitos com exactidão, e sem demora e para que os jurados possam ter ao seu alcance todos os meios de informação a respeito dos productos sobre que tem de emittir o seu juizo.

Estas considerações, e os factos descriptos neste relatorio, levam-me a recommendar as seguintes medidas para a organisação da exposição dos producções da nossa industria, que deve fazer parte das futuras Exposições Universaes.

1. As pessoas, que o governo tiver em vista para exercerem as funcções de commissario regio e jurados devem fazer parte da commissão central de Lisboa, encarregada de organisar a Exposição.

2. A commissão central deve cumprir religiosamente as disposições do regulamento, que lhe for dirigido pela commissão directora da Exposição Universal, sobre tudo no que disser respeito a fixação do numero dos jurados, a remessa dos elementos para a organisação do catalogo official, e as informações para esclarecimento do jury.

3. Se a commissão central ignorar na epoca fixada pelo regulamento para a remessa do numero dos expositores, base indispensavel para a fixação do numero dos jurados, o numero daquelles, indique por approximação o numero, que julgar poder obter. Assim o fizeram nesta Exposição quasi todas as nações, e algumas com bastante exageração, de que resultou terem um numero mais consideravel de jurados do que o que lhes competia. Se se tivesse sabido em França, na occasião da distribuição dos jurados, que teriamos mais de quatrocentos expositores, teriamos obtido, pelo menos seis jurados, e um presidente de classe; o que teria augmentado muito a consideração do nosso paiz, dandonos um voto no conselho superior, que decretava definitivamente as grandes medalhas de honra. O reino de Wurttemberg com dazentos expositores teve um presidente de classe.

4. Se os expositores não preencherem os modelos que lhes forem remettidos, para esclarecimento do jury, he indispensavel, que a commissão o faça, por meio das informações, que deve solicitar das autoridades locaes, e recorrendo a todos os meios que tiver a sua disposição para este fim. He possivel, que muitas destas informações sejam inexactas; mas em todo he mais facil a commissão fornecer dados exactos a este respeito, dados que collige em Portugal, sem pressa, e com toda a possibilidade de os

FOLHETIM.

A MAÇONARIA DAS MULHERES. *

Por Carlos Monselet.

SEGUNDA PARTE.

XVI

Nas circumstancias em que se tinham encontrado Mr. Blanchard e Mr. Filippe Beyle, suas relações a principio um tanto frias, tinham-se tornado insensivelmente mais faceis, como acontece sempre entre pessoas bem educadas que se reconhecem emfim mutuamente por pessoas de espirito.

Tinham-se visto por toda parte em Paris e principalmente no club Filippe tinha a Mr. Blanchard por individualidade notavel, e Mr. Blanchard de sua parte considerava a Filippe um homem, a quem somente faltava a benevolencia para ser inteiramente superior.

Achando-se diante de Filippe Beyle nos Campos Elysios, Mr. Blanchard disse-lhe depois das saudações costumadas:

— Leio em sua physionomia que meu vestuario causa-lhe admiração.
— Oh! não.
— Que estas pelliças dão-me aos seus olhos o ar de original?
— Absolutamente não.

O leitor se lembrará talvez de que o maior cuidado de Mr. Blanchard era escapar á nota de originalidade.

— Vossa senhoria não falla sinceramente, disse elle a Filippe.
— Assevero-lhe...

Então he o senhor que he original, por não vestir-se como eu.

(*) Vide *Diario* n. 91.

Assim poderia ser, Mr. Blanchard, respondeu Filippe no tom mais serio.
— Vai aos Campos Elyseos?
— Não sei.
— Que! não sabe?
— Não. Eu ia ao acaso quando encontrei-o.
— Ao acaso? Então permita-me que regule meu passo pelo seu.
— De boa vontade, disse Filippe.
— Eu cria que na nossa época só eu era que andava ao acaso.
— Porque?
— Porque sou um ocioso, ao menos no ponto de vista do mundo, que não he o meu ponto de vista. Mas vossa senhoria, um estadista....
— E os estadistas nunca andam ao acaso?
— Bello! bellissimo! genero de Mr. Scribe. Mas.... um homem recem casado?
— He justamente por isso, respondeu Filippe.
— Seu pensamento escapa-me.
— Ah! Mr. Blanchard, ja que vossa senhoria anda em procura de emoções vivas, vou indicar-lhe uma estrada que ainda não conhece.
— Eu cuço-o.
— Trave nos bastidores de algum theatro, um namoro com alguma dessas mulheres encantadoras, a quem a vida do mundo e a vida da arte dão duas naturezas; com uma cantora ou uma dansarina.
— *Giselle* ou *Norma*.
— Faça por entreter durante um anno ou dezoito mezes esse namoro, que lhe parecia a principio delicioso como uma opera, e depois deixe repentinamente o objecto de sua phantasia...
— Até ahi não he cousa difficil.
— Não dê ouvidos nem aos furores, nem as lagrimas, permaneça frio e brilhante como o aço do machado. Depois....
— Ah! vejamos!
— Case no fim de algum tempo com uma bella mocinha ignorante da vida e dos odios; faça por isolar-se com ella no retiro maravilhoso e inaccessivel, que todo o homem sonha para a idade viril, nesse jardim de Armida purificado; adormeça com essa confiança... Ah! o despertar será terrivel!

— Conheço isso, disse Mr. Blanchard.
— Duvido.
— Com palavras novas, vossa senhoria acaba de contar-me o velho drama, o velho romance, a velha comedia intitulados: mulher e amante.
— He verdade; mas quantas variações tem esse eterno assumpto!
— Sim, a vingança da mulher he o sentimento que póde mais aperfeiçoar-se e refinar-se.

Filippe sentio um estremecimento a essas palavras.
— Então he mui difficil romper inteiramente com o passado? disse elle, como se fallasse a si proprio.
— He mesmo impossivel, respondeu Mr. Blanchard.
— Impossivel?
— Não se recomeça nunca a vida, continua-se.

Um momento de silencio seguio estas palavras, durante o qual Mr. Blanchard examinou furtivamente a physionomia tão expressiva de Filippe Beyle.

Depois de uns vinte passos elle dirigio-lhe estas phrases, nas quaes o recato e a sympathia tomavam a côr de suprema distincção:
— O sentido de suas palavras he talvez mais facil de penetrar-se do que vossa senhoria suppõe. Quer que eu o tenha adevinhado.

Filippe hesitou.
— Ainda não, disse-lhe agradecendo com um sorriso forçado.
— Como lhe aprouver. Eu teria posto com prazer minha pouca experiencia a sua disposição. Vossa senhoria poupa-me o papel de desparateador, e eu he que lhe fico obrigado.
— Oh! Mr. Blanchard, sua perspicacia falhou agora.
— Então como?
— Eu que desde alguns minutos só cuido em pedir-lhe um favor!
— Qual favor? A que respeito?
— A respeito... de musica, se lhe apraz.
— De musica; pois bem, ponho-me completamente ás suas ordens.
— He uma idéa que tive ha pouco, disse Filippe.
— Ah! ah!

— Ja esteve na Russia?
— He por causa de minhas pelliças que diz isso.
— Não!
— Tenho estado em toda a parte.
— E sem duvida, continuou Filippe, conservou relações em San Petersburgo?
— Muitas.
— Então deve conhecer o general Guedenoff.
— Qual general Guedenoff?

— Aquelle que esta especialmente encarregado de recrutar actores para o theatro do imperador Nicolão.
— Primeiramente elle não he generai.
— Oh!
— E até nunca foi militar.

— Não importa. Conhece o senhor Guedenoff?
— Perfeitamente, he um dos mais finos sabujos artistas que conheço; fareja um bom actor a mais de cem leguas de distancia.
— Com effeito, tenho ouvido gabar suas faculdades especiaes, disse Filippe.
— Guedenoff teria sido no seculo XVIII o mais habil e mais espirituoso sargento das guardas francezas para metter uma penna nas mãos de um aldeão, promettendo-lhe todas as deosas do paganismo. Mas outros tempos! Hoje elle contenta-se de alistar por preços fabulosos os amantes do gymnasio, que ainda não tem barriga (pois ha uma tarifa para os amantes, assim como para os jocheys) e de expedir de quando em quando para o Neva algumas minoridades torneantes, e torvelhinhantes, que rouba a academia real de musica.
— Bem o sei, e perguntando-lhe se conhece ao senhor Guedenoff, desejo somente saber se conhece-o intimamente....
— Muito intimamente!
— Se tem credito para com elle.
— Assim o creio.
— Então elle ouve seu juizo?
— Consulta-o, affirmou Mr. Blanchard.
— De veras?
— Ha seis mezes que fiz-lhe contratar um elephante.

— Apre! disse Filippe rindo; vejo que elle tem a vossa senhoria em muita consideração.
— De facto.
— Eu queria tambem attrahir a attenção do senhor Guedenoff sobre alguem... mas não he sobre um elephante.
— Isso he indifferente.
— Queria usar de sua influencia para recommendar-lhe ou antes para assignalar-lhe... uma mulher.
— Uma mulher, Mr. Beyle?
— Sim, uma mulher moça.
— Esta visto!
— De talento extraordinario, de belleza celebre.
— *Giselle* ou *Norma*?
— *Norma*, disse Filippe.
— As cantoras são pouco procuradas em San Petersburgo. Para serem bem aceitas pelo imperador Nicoláo releva que sejam precedidas de uma reputação europea.
— Aquella de que fallo satisfez essa condição.
— Pois bem, diga-me o nome, e fallarei brevemente della a Guedenoff.
— Vossa senhoria a conhece assim como eu; he a Marianna.

Mr. Blanchard recuou alguns passos e exclamou:
— A Marianna, he a Marianna que o senhor quer recommendar...
— A' Russia, accrescentou Filippe.
— Mas isso he impossivel.
— Por que?
— Ao menos por duas razoes.
— A primeira?
— A primeira... mas só vossa senhoria ignora o que he mui sabido no mundo musical... a primeira he que desde muito tempo a Marianna perdeu a voz.
— Ja recobrou-a! exclamou Filippe.
— Oh!
— Mais forte e mais admiravel do que nunca.
— Vossa senhoria ouvio-a?
— Sim... sim... murmurou Filippe com amargo sorriso provocado pela lembrança da missa de seu casamento.
— He cousa extraordinaria!
— Nesse caso vossa senhoria deve comprehender, e quanto he feliz o momento para realçar a Marianna.
— Concordo.
— Para faze-la subir de novo ao pedestal, onde ninguem ainda substituio-a.
— Ninguem, he verdade. Porem, Mr. Beyle, vejo que vossa senhoria não esta inteirado da nova situação de Marianna. Deixe-me completar suas informações assim como o senhor acaba de completar as minhas.
— Com prazer, disse Filippe.
— Marianna he agora rica, mui rica, he quasi milhonaria.
— Milionaria! Como? Porque casualidade?
— Morrendo Ireneo de Tremeleu deixou-lhe toda a sua riqueza.
— Mr. de Tremeleu morreu?... disse Filippe, cuja fronte tornou-se sombria.
— Nas ilhas Hyeres, onde Marianna o tinha acompanhado.
— Era homem de sentimentos nobres, disse Filippe pensativo.
— Assim vossa senhoria deve comprehender a seu turno quanto he difficil offerecer um contrato á uma pessoa, que a administração de sua riqueza deve occupar exclusivamente.
— Nessa circumstancia não se lhe offerece.
— Que se faz então?
— Impõe-se-lhe.
— Apre!
— Não ha precedentes nos annaes dramaticos da Russia? Lembro-me de ter ouvido contar muitas vezes certos raptos executados por conta de Sua Magesta Imperial.
— Oh! são contos!
— Citam-se os nomes de muitas actrizes raptadas...
— Por piratas barbarescos talvez, mas não pelos Russos.
— Ah! Mr. Blanchard, crê que a consciencia do senhor Guedenoff esteja limpa a esse respeito?
— Nunca interroguei-o.
— Pois interrogue-o. Falle-lhe ao mesmo tempo com enthusiasmo de Marianna, da brilhante ressurreição de sua voz, da dispertação inesperada de seu genio. Estou certo de que isso o impressionara.
— Eu ficaria mais certo se elle podesse ouvir ao senhor mesmo. Na verdade, Mr. Beyle, vossa senhoria tem um calor, uma convicção...
— Filippe mordeu os beiços.
— Eia, continuou Mr. Blanchard rindo, confesse que não lhe desagradaria que a Marianna fosse raptada!...
— Mas...
— No interesse da arte! como diz o *Pai da Estreante*. Desta vez excedo a permissão e adevinho-o inteiramente. Tanto peior, meu charo. Eu tambem não amo essa Marianna; ella fez padecer Ireneo; quero-lhe mal por isso. Sei que elle perduou-lhe; mas não tenho motivo para renunciar ao meu rancor. Além disto...
— Acabe, disse Filippe vendo Mr. Blanchard hesitar.
— O que vossa senhoria deixou-me ha pouco entrever coróa esse caracter, com o qual nunca sympathisei. Basta uma victima na vida dessa mulher. Não convem que ella possa tocar nos anjos da familia. A profunda e respeitosa affeição que sempre consagrei a madamesella de Ingrande, e que conservo a madama Beyle diz-me que meu dever he procurar tambem os meios de poupar-lhe um contacto indigno.

Filippe apertou-lhe a mão com verdadeira emoção.
— Assim confie em mim, disse Mr. Blanchard. Fallarei a Guedenoff esta noite, ou amanhãa. Hei de inflamma-lo, hei de invocar a lembrança de Falcon. Uma viagem forçada he necessaria á Marianna.
— Certamente.
— As difficuldades serão grandes; mas viva Deos! Guedenoff tem privilegios, immunidades. Dirá: Raptemos primeiro! e raptará. Não he qualquer cousa ser representante de um autocrata.
— Obrigado, Mr. Blanchard, obrigado.
— De sua parte vossa senhoria sabe sem duvida onde acha-se a Marianna?
— Não.

MUTILADO

emendar por meio de informações contradictorias, de que ao commissario no paiz, em que tiver lugar a Exposição, sem auxilio algum, e apertado pelos jurados que querem respostas promptas, e que não ficam satisfeitos se estas lhes não são dadas logo.

5. He necessario que a commissão reuna as informações dos expositores uma memoria, em que descreva o estado industrial de Portugal, debaixo de todas as relações, acompanhada de todos os dados estatisticos, que lhe for possivel reunir. Esta memoria devera' ser traduzida em francez, e collocada a' frente do catalogo especial, que o commissario deve fazer imprimir e distribuir pelos jurados, antes que estes comecem as suas funcções.

6.º O commissario regio deve tambem ser jurado, e mesmo presidente de classe, se nos for concedido um ou mais presidentes. Se o exercicio destas funcções augmenta o trabalho do commissario, que ja não he pouco, augmenta por outro lado consideravelmente a sua influencia para com os jurados, e colloca-o por consequencia n'uma posição muito mais favoravel para advogar os interesses do seu paiz. O trabalho, que eu tive nesta Exposição, foi um trabalho, que não devem mais ter os commissarios para as outras Exposições. Achei-me sem jurados, sem catalogo, sem informações para o jury, foi-me necessario crear todos estes elementos á ultima hora, e com muito poucos recursos. Fazendo-se o que aconselha nas medidas precedentes o commissario á sua chegada ao local da Exposição Universal achará tudo isto feito, e conhecerá não menos a Exposição portugueza, o que tambem me não aconteceu, por não ter feito parte da commissão central de Lisboa. O trabalho do commissario não deve pois ser tal que o iniba de exercer, e de uma maneira muito efficaz, as funcções de jurados.

7. e ultimo. Se o governo nomear uma commissão de estudo para aquella exposição, esta deve ser essencialmente composta do commissario, e dos jurados, que pelas funcções que exercem, estão mais habilitados do que ninguem para darem conta do que observaram em tudo o que possa interessar o nosso paiz.

Remessa dos productos da exposição portugueza para Lisboa.—Venda de muitos desses productos.—Concessão de alguns delles a estabelecimentos publicos, e a differentes commissarios estrangeiros, e membros do jury internacional.

O decreto imperial de 28 de novembro ordenou, que a Exposição universal da agricultura, da industria e das Bellas-Aartes, seria definitivamente encerrada a 30 daquelle mez, ficando a cargo do ministro de estado e do ministro da agricultura, do commercio e das obras publicas a liquidação das despezas feitas pela commissão imperial. (Documento n. 253).

Por virtude deste decreto no dia 1 do corrente começou a emballagem dos productos expostos; fazendo eu começar tambem nesse dia com a maior actividade a emballagem dos nossos productos, para poderem ser remettidos para Lisboa sem perda de tempo.

Uma parte destes productos ja estava encaixotada desde o dia 1 de novembro; porque a commissão imperial tinha ordenado, que naquelle dia e seguintes fossem entregues aos expositores todos os productos que occupavam o *transepto*, e uma parte da galeria, que o dominava, afim de se fazerem os preparativos necessarios para a ceremonia do encerramento official da Exposição, que devia ter lugar no dia 15 daquelle mez. (Documentos ns. 254 a 256.)

Muitos dos productos da nossa Exposição deixaram de ser remettidos para Lisboa por diversos motivos, todos honrosos para a nossa industria.

Grande numero dos nossos expositores juntaram aos seus productos a indicação dos seus preços de venda. Uma parte destes productos foi vendida por esses preços.

Além da vantagem de fazer conhecidos aqui esses productos por meio destas vendas, não era possivel recusa-los ao publico, que os procurava obter pelos preços indicados pelo expositor. Essa recusa revelaria logo a inexactidão desses preços e a menos boa fé, com que haviam sido feitas as declarações dos expositores, que se diria terem sido feitas de proposito para sorprender a consciencia dos jurados e obter recompensas, que não seriam concedidas, se fossem conhecidos os verdadeiros preços dos productos que expunham. Convencido de que os nossos expositores não mereciam essa censura, entendi, que o unico meio que tinha para o demonstrar, era autorisar a venda de todos os objectos, que se achavam naquellas circumstancias.

Houve, porém, alguns artigos, cuja venda autorisei, sem que os seus expositores tivessem indicado os respectivos preços de venda. Esses artigos muito pouco numerosos, foram unicamente amostras de alguns dos nossos vinhos, que entendi ser do interesse do proprio productor, além do interesse geral do nosso paiz, de fazer conhecidos aqui, onde geralmente só se encontram imitações, e muito más, daquelle valioso producto da nossa industria. Para esses vinhos foram estabelecidos preços em harmonia com os preços de vinhos analogos, que tinhamos, na Exposição.

Assim mesmo para a adopção desse arbitrio, que me lisongeio, merecerá a approvação dos expositores, e de todos os homens sensatos do nosso paiz, consultei a commissão, que presido, e o proprio ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e do das obras publicas, commercio e industria, o Sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, que se achava então em Paris. Todos os votos foram em favor da medida que adoptei.

Outra causa de terem ficado em Paris muitos dos productos da nossa Exposição, foram os pedidos dos mesmos productores, que me foram feitos por alguns commissarios e membros do jury internacional. Eis a relação desses pedidos.

A commissão imperial da Exposição Universal pedio especimens dos productos que haviamos mandado á Exposição, principalmente daquelles, que pela sua barateza e applicação especial poderiam figurar n'uma *galeria de economia domestica*.

O *conservatorio das artes e officios* pedio uma collecção dos nossos marmores, dos nossos mineraes, das nossas madeiras, dos nossos cereaes, das nossas lãas, e outros productos agricolas. Estas collecções deviam formar parte de um museu technologico, que estando aberto todos os dias ao publico, formaria uma especie de exposição permanente, que offereceria á industria dados preciosos, e novos alimentos ao commercio internacional.

A *escola agricola de Grignon* pedio uma collecção de productos agricolas com os typos de todas as variedades de *gramineas* e *leguminosas* cultivadas em Portugal.

A *escola municipal Turgot*, de Paris—uma collecção dos nossos productos, que podessem servir ás suas lições de technologia, e de materias primas; ficando esta collecção depositada na sala das collecções da escola, com o nome do paiz a quem era devida.

A *sociedade imperial zoologica de aclimatação*, de Paris— uma collecção dos nossos productos que podessem formar parte do seu museu de historia natural e comparada.

O *museu de historia natural*, de Paris — amostras das nossas madeiras e urzellas.

A *escole normal de agricultura de Beauvais*— uma collecção dos nossos productos agricolas.

O *instituto de Hoheinheim* —uma collecção dos nossos cereaes.

A *manufactura imperial de Sevres*— uma collecção dos nossos productos ceramicos, tivos as para fazer parte da rica collecção dos objectos relaartes ceramicas, fundadas naquella manufactura, e que pode ser considerada hoje como uma exposição permanente dos productos ceramicos de todos os paizes.

A *manufactura imperial dos Gobelins* — uma collecção dos nossos productos tinturiaes, afim de os submetter a exames, com o fim de conhecer o seu valor commercial; exames cujos resultados me seriam communicados.

A *sociedade central de agricultura*, de Paris— uma collecção dos diversos productos de cera e mel que haviamos exposto.

O *commissario da Sardenha* —uma collecção dos nossos productos agricolas para o instituto technico de Turim.

O *commissario da Toscana*.—uma collecção dos nossos productos agricolas, gommas, resinas e objectos metalurgicos, para o instituto technico de Florença.

O commissario da Turquia — uma collecção dos nossos cereaes e legumes.

O commisario do Canada' — uma collecção dos nossos productos agricolas.

O Sr. Vilmorin, membro da sociedade imperial de agricultura, e do jury internacional — uma collecção de productos agricolas.

O Sr. Delesse, engenheiro das minas de Paris, e membro do jury internacional — amostras das terras asphalticas, que expozemos, e dos productos que dellas se obtem, afim de serem submettidos a analyses, cujos resultados me seriam transmittidos.

O Sr. Robinet, membro da sociedade imperial de agricultura e do jury internacional — amostras dos casulos de seda, que haviamos exposto.

Persuadi-me de que era do nosso interesse satisfazer a estes pedidos dispondo para este fim de alguns productos do governo e dos nossos productos agricolas que tinham pouco valor, por serem todos simples amostras: havendo sobre tudo a respeito destes, alem do precedente da Exposição Universal de 1851, uma grande compensação nos productos analogos que recebiamos em troca. Desta opinião foi o Sr. ministro das obras publicas, commercio e industria.

Uma circumstancia veio tornar mais faceis estas concessões: foi a offerta generosa de muitos valiosos productos expostos pela fabrica da Vista Alegre, pelas companhias Perseverança e de Mineração Luzitana, e pelos Srs. Duarte Ferreira Pinto Basto, Joaquim Ferreira Pinto Basto, Jose Ferreira Pinto Basto e Justino Ferreira Pinto Basto.

Esta offerta, que me foi feita em nome dos expositores pelo Sr. Justino Ferreira Pinto Basto, designava expressamente os productos, que se deviam dar a alguns daquelles estabelecimentos, deixando outros artigos a minha disposição para os distribuir como entendesse (documento n. 257.)

Para evitar a confusão nestas distribuições pedi ao Sr. João de Andrade Corvo, que se encarregasse de fazer as collecções pedidas, e de receber as collecções de productos que nos fossem offerecidos, indicando tambem aquelles que nos podiam ser uteis, e que os respectivos proprietarios deixavam a nossa escolha. O Sr. Corvo prestou-se de bom grado a este serviço, que desempenhou como era de esperar da sua reconhecida intelligencia.

Junto a este relatorio a interessante carta, que o Sr. Corvo me escreveu a este respeito (documento n. 258,) e em que exprime a idea da conveniencia de crear em Lisboa no instituto agricola um jardim de cultura para instrucção dos alumnos, e para estudo das especies e variedades de plantas cultivadas e cultivaveis em Portugal. O Sr. Corvo entende, que devem desde ja destinar-se para este fim as collecções de productos agricolas, de que fiz menção e que remetti para Lisboa com os productos da nossa industria. Nestas collecções entram sementes de França, da Italia, da Allemanha, da Turquia, da Hespanha, do Canadá, e da Australia, alem dos numerosos exemplares, que o Sr. *Vilmorin* offereceu ao Sr. Corvo, das variedades vegetaes, que aquelle sabio tem caracterisado com tanta autoridade. Julgo este projecto muito digno da protecção do illustrado governo de vossa magestade.

No dia 14 de dezembro estava concluida a entrega das collecções dos nossos productos, e a emballagem e a partida para Ruão de todos os artigos, que ainda nos restavam no palacio da industria. Hoje teve lugar a partida para o mesmo porto dos productos, que expozemos no palacio das bellas artes (documentos ns. 259 a 262.)

Segundo o artigo 20 do regulamento da commissão imperial a despeza da conducção de Paris até Ruão correu por conta do thesouro francez, correndo por nossa conta a despeza de emballagem. O documento n. 263 mostra qual foi a importancia dessa despeza.

Cartas dirigidas pelos commissarios estrangeiros a sua alteza imperial o principe Nappleão, e ao barão de Rothschild, presidente da reunião dos commissarios.—Conclusão.

Os commissarios estrangeiros antes de se separarem julgaram do seu dever manifestar por uma carta assignada por todos e dirigida a sua alteza imperial o principe Napoleão, presidente da commissão imperial, os seus sinceros e respeitosos agradecimentos, pela benevolencia com que sua alteza imperial os havia sempre honrado, e protecção efficaz e esclarecida, que lhes dera sempre no exercicio das suas funcções. O mesmo espirito de justiça, e de gratidão inspirou a carta, que pela mesma occasião dirigiram ao barão James de Rothschild, commissario de Austria, que haviam eleito presidente das suas reuniões, e exercera effectivamente estas funcções (documentos ns. 264 e 265.)

Taes são, senhor, os factos mais importantes da commissão de que o augusto pai de Vossa Magestade se dignou encarregar-me junto a commissão imperial da Exposição universal de Paris, como commissario regio por parte de Portugal, actos que se acham comprovados pelos numerosos documentos que acompanham este relatorio.

Esses documentos conteem a descripção de factos de uma ordem secundaria, sobre os quaes não me pareceu dever chamar especialmente a attenção de vossa magestade, receiando dar assim a este trabalho uma desmesurada extenção.

Era minha intenção abrir um parallelo antes de pôr termo a este relatorio entre as duas Exposições universaes de Londres e Paris, porem os dados officiaes que estão colligidos até agora a respeito da Exposição universal de Paris, ainda não inspiram sufficiente confiança para os collocar em frente dos trabalhos estatisticos publicados sobre a Exposição universal de Londres. He provavel que esta lacuna poderá ser preenchida em poucos mezes; o que habilitará a commissão que presido, a juntar aos seus trabalhos esse importante parallelo.

Affianço a vossa magestade, que empreguei como devia, todos os meus esforços para fazer representar ao nosso paiz o papel que lhe convinha nesta manifestação magnifica do trabalho humano, e dar-mehei por amplamente recompensado desses esforços se o cumprimento que dei as reaes ordens de vossa magestade e ás de seu augusto pai, merecer a approvação de vossa magestade.

Deos guarde a vossa magestade por muitos e dilatados annos. Paris 15 de dezembro de 1855. —O conselheiro de estado commissario regio á Exposição universal de Paris —*Antonio José de Avila*.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARIS

24 de fevereiro. (*)

He amanhãa, 25 de fevereiro, que terá lugar definitivamente a abertura das conferencias de Paris. Digamos primeiramente que na diplomacia assim como no publico, todos estão geralmente persuadidos que ellas acabarão em um tratado de paz. Os pessimistas vêem uma pedra de escandalo no 3.º e 5.º artigos do ultimatum austriaco; mas não he presumivel que a Russia tenha aceito as conferencias de Paris sem que se tivesse entendido anteriormente com as potencias alliadas sobre a interpretação dos artigos principaes. Um facto hoje adquirido he a intelligencia perfeita que existe entre a Russia, a França e a Austria. Quanto ao gabinete de Londres parece sempre conservar-se na reserva, talvez tambem para poupar esta parte da opinião publica que quer a continuação da guerra.

Nas reuniões em que se encontram os plenipotenciarios, todos os olhos se cravam sobre elles, todos os ouvidos se conservam attentos, para adevinhar, por uma palavra, por um gesto, o fundo dos seus pensamentos. Até asseveram que nas Tuilerias, as maiores personagens receberam como senha formar-se em grupos, nos salões, afim de observar tudo, ouvir tudo, e fazer a este respeito um relatorio ao amo. Tem-se observado que os ministros inglezes evitavam com certa affectação, qualquer encontra com os ministros russos; ordinariamente se reunem á parte com os ministros piemontezes. Em um concerto dado nas Tuilerias a semana passada, depois de um jantar diplomatico, lord Cowley se achava, não sei como, ao lado do barão de Brunow. Estes dous plenipotenciarios deram as costas um para o outro, e conversaram todo o tempo com as senhoras. Este par arrufado contrastava singularmente com o conde Walewski e o barão de Buol que cochichavam em um canto, como um verdadeiro par enamorado.

O imperador, nas suas conversações, manifesta publicamente as mais completas esperanças no resultado pacifico das conferencias, mas ao mesmo tempo não cessa de dar a lord Clarendon os protestos mais formaes de marchar sempre de conserva com a sua amiga e alliada a Inglaterra. He sempre o mesmo systema de desnortear a opinião. Deu-se a este respeito, a semana passada, um facto bastante singular e que causou certa emoção na Bolsa e no mundo diplomatico. O jornal *des Debats* em o numero de 16 ou de 17 publicára um artigo sobre as difficuldades que se podem apresentar no correr das conferencias, especialmente acerca da conservação de Nikolaieff como arsenal militar. He a interpretação do famoso artigo 3 concebido nos termos seguintes: « Este mar, (o mar Negro) será aberto aos navios mercantis, fechado aos navios militares. Por consequencia não se crearão nem se conservarão arsenaes militares maritimos. » Agora trata-se de saber se Nikolaieff deve ser comprehendido entre os estabelecimentos russos do mar Negro. Segundo o *Journal des Debats*, como Nikolaieff está situado sobre o Bug, a 20 leguas da sua embocadura, o art. 3 não pode comprehende-la. Esta interpretação pareceu demasiado russa ao jornal. O *Siecle* no dia seguinte respondeu ao collega do *Debats*, demolindo um a um todos os seus raciocinios jesuiticos.

« Para fechar o mar Negro aos navios militares, diz o *Siecle*, he evidente que a primeira cousa que se deve fazer he fechar o Bug. Se o Bug ficar aberto, não se dá encerramento do mar Negro. Admittamo-lo fechado por um tratado; quem, no mundo, poderá garantir effectivamente este encerramento se Nikolaieff ficar alvo e ameaçador com os seus arsenaes e os seus estaleiros? Ahi não se construirão grandes navios, mas se hão de fazer pequenos que compensarão pelo numero o que lhes faltar em grandeza. As expedições de Sinope sahirão do Bug e de Nikolaieff, em vez de sahir de Sebastopol; eis ahi toda a differença...... »

Este artigo, vindo do *Siecle*, foi apenas observado, mas, qual não foi o espanto geral ao ver no dia seguinte este artigo reproduzido, *in extenso*, na primeira pagina do *Moniteur*? Grande panico na Bolsa, grande emoção no corpo diplomatico que correu ao ministerio dos negocios estrangeiros para pedir explicações. O conde de Walewski assevera que este artigo foi inserido em consequencia de um erro, e no dia seguinte apparece uma nota no *Constitutionel*, no sentido desta affirmação do ministro. Mas no dia seguinte, eis nova complicação! O *Moniteur* dá um desmentido ao *Constitutionel*, dizendo mui seccamente que não concedia a ninguem o cuidado de reetificar os seus erros quando por ventura lhe escapassem.

Qual he a verdade que se occulta no fundo destas negações e affirmações? Fizeram circular no publico muitas versões a este respeito: eis-aqui a que me parece mais verosimil e que me foi transmittida por pessoas assas informadas.

Fould, posto que ministro de Estado, nem por isso deixa de ser banqueiro e especulador; um dá fraternalmente a mão ao outro. Ora, depois de ter realisado os bellos beneficios da alta destes ultimos dias, experimentava naturalmente a necessidade de uma pequena baixa para continuar o curso das suas felizes operações. Mas a Bolsa se obstinava em acreditar no resultado pacifico das conferencias, e era preciso um grande facto para fazer que ella mudasse de opinião. No dia em que appareceu o artigo do *Siecle*, o imperador fallou nelle com elogios diante de Fould que, sem pedir conselho a alguem, enviou o artigo ao *Moniteur*, certo do effeito que produziria. A Bolsa soffreu a baixa de 1 fr. O conde Walewski correu furioso, a pedir explicações a Fould, que lhe respondeu hypocritamente que esta inserção era o resultado de um erro. Eis o que explica a nota do *Constitutionel*. Mas como o imperador achasse perigo em um desmentido official, mandou inserir pela sua parte, no dia seguinte, a nota do *Moniteur*. Imagine o papel ridiculo que representou o conde Walewski neste negocio! Explicações mui animadas tiveram lugar entre elle e Fould, depois das quaes deu a sua demissão; mas o imperador recusou porque não queria crise ministerial no momento da abertura das conferencias.

A imperatriz vê approximar-se com certa inquietação o momento de dar a luz. Comtudo a sua saude he tão boa quanto he possivel na situação interessante em que se acha. Ha dezoito mezes pouco mais ou menos teve um aborto que deixou consequencias mui graves. assim quando a ultima prenhez se declarou, os medicos julgaram necessario, para previnir novo aborto, cauterisar de quando em quando a augusta enferma; mas esta operação, ao endurecer as carnes, tornará o parto mais laborioso, tanto mais quanto a imperatriz tem 30 annos, e ainda não foi mãi. A' semana passada o palacio das Tuilerias esteve um momento em agitação; a imperatriz foi atacada de repente de grandes dores e receiou-se um aborto antes de tempo; mas o medo desappareceu. Todavia, desde este dia, o Dr. Dubois não deixou mais as Tuilerias. Emfim, tudo está prompto para receber dignamente o recemnascido. Duas magnificas amas, uma Normanda e outra Bourgignona ja se acham installadas nas Tuilerias com armas e bagagens, e um delicioso berço de madeira cor de rosa, presente da cidade de Paris está elegantemente acondicionado a um canto prompto para acalentar o primeiro vagido do herdeiro de Cesar.

Ha muito que a imperatriz tem uma mania mui extravagante: he recolher todos os objectos que pertenceram á rainha Maria Antoinette. Possue o livro de horas em que a rainha resava quando estava prisioneira no Templo, livro, dizem, em que varias passagens estão sublinhadas e annotadas pela mão desta rainha infeliz. Tem na sua camara de dormir um busto de Maria Antoinette de porcelana de Sevres, escapo á pilhagem do *Petit-Trianon* em 1793. Na época do seu casamento Eugenia Montijo observara, não sei onde, um chale de rendas pretas que tinha pertencido á Maria Antoinette; manifestara um vivo desejo de te-lo em sua posse.

O imperador mandou compra-lo em segredo, e a dama d'honor encarregada de preparar o açafate de casamento, imaginou pôr este chale no açafate de maneira que impressionasse á primeira vista os olhos da futura imperatriz. A' vista deste véo duplicadamente funebre, pela cor e pela recordação tragica que trazia a lembrança, Eugenia de Montijo estremeceu involuntariamente, e disse baixinho ao imperador: he de mao agouro!... Este incidente impressionou vivamente a imaginação meridional da imperatriz, e crê muitas vezes que está destinada a experimentar a mesma sorte que Maria Antoinette. Um dia que ella estava ao tocador, contemplava melancolicamente no espelho o seu bello collo digno do cinzel de Phidias, e fallando a uma das suas damas d'honor: talvez este collo tenha de ser cortado!...—so Deos he quem pode saber o que occulta o sombrio futuro das revoluções; a experiencia nos prova desgraçadamente que a historia parece destinada a gyrar no mesmo circulo vicioso; mas esperemos ao menos, porque se devemos ser expostos a provações de uma nova revolução, ella não recomeçará as horriveis tragedias de 93.

Napoleão quer fazer do Bois de Bologne uma especie de Hyde-Park que, em um tempo dado, substituirá os Campos Elysios destinados a tornar-se um novo bairro de Paris. Hoje a gente vai directamente ao Bois de Boulogne por uma magnifica alameda, que recebeu o nome de—Avenida da imperatriz. Faltava a agua aos aformoseamentos deste jardim-inglez, que he o ponto de reunião dos ricos ociosos, e dos *gentlemen* mais ou menos *riders*; Napoleão, como Moisés, ferio o rochedo, e delle sahio um encantador ribeiro, em que andam bateis e hiates elegantes. Varias propriedades particulares se acham encravadas no bosque e contrariam um pouco os aformoseamentos projectados: entre outras cita-se o castello de Bagatelle que pertence ao marquez de Hereford, rico inglez que professa opiniões legitimistas mui pronunciadas. A cidade de Paris fez offertas ao marquez para comprar-lhe o castello, porém elle recusou as mais vantajosas proposições. Ha poucos dias o imperador, passeando no Bois de Bologne, encontra casualmente com o marquez de Hereford, que elle conhecera em Inglaterra; cumprimenta-o, e lhe diz: « então marquez [illegible] nos quer ceder Bagatelle? — Senhor, respond[illegible] dogmaticamente o marquez, guardo Bagatelle pa[illegible] conde de Chambord; lh'o darei, quando elle [illegible] a França.—Mas, replicou, rindo-se, o imperador quando o conde de Chambord voltar, tudo lhe ha de pertencer, Bagatelle e o mais; assim nada se oppõe a que no lh'o preste. O marquez não ficou convencido pela logica de Napoleão, e guarda sempre Bagatelle para o futuro rei de França.

Dão-se neste momento algumas dissidencias entre os legitimistas e orleanistas conciliados sobre a questão da bandeira. Os legitimistas querem a bandeira branca, os orleanistas a bandeira tricolor. Os ultimos dizem que o exercito nunca quererá aceitar a bandeira branca, e que em consequencia a duqueza de Orleans aguarda a maioridade do conde de Paris no mez de agosto proximo, para publicar um manifesto em favor da bandeira tricolor, assim he preciso preveni-la. Os legitimistas pela sua parte asseveram que o conde de Chambord ainda não he de opinião que se trate esta questão delicada; quando chegar o momento, elle fará um appello a nação que decidirá; antes disso he inopportuno optar abertamente por uma ou por outra.

Ultimamente uma carta do general Lamoricieres, interceptada pela policia, foi entregue ao imperador. Nesta carta, o general manifestava esperança de ver em breve o restabelecimento da monarchia constitucional, *com o concurso de todas as capacidades*. « Capacidades! diz o imperador, certamente não as tenho empregado, e me tenho dado bem com isto. » Como isto he lisongeiro para os ministros de S. M. I.

— 25 —

Hoje se abriram as conferencias no palacio do ministro dos negocios estrangeiros. He provavel, que esta primeira sessão se limite a simples formalidades. Depois de muitos boatos consernentes a questão pueril das precedencias, venceu-se a difficuldade, classificando as potencias por ordem alphabetica, Austria, França, Grão-Bretanha, Piemonte, Russia. Mas, sobre a questão da precedencia na corte, esperava-se que se não chegaria a um accordo. A Inglaterra especialmente não quer ceder, esperando que se imagine um meio de contentar a todos, o imperador evitou receber ao mesmo tempo á sua mesa os ministros das differentes potencias, a Inglaterra teve seu dia, depois a Austria, e depois a Russia, etc.

Hontem era o dia da Austria; depois do jantar, houve concerto; todos os plenipotenciarios se acharam reunidos ahi pela primeira vez. O conde Orloff, que chegou por ultimo, foi objecto de attenção geral. Elle não se cansava de elogiar o exercito francez da Criméa; não disse uma palavra acerca do exercito inglez. Já antes delle, o barão de Brunow, seu collega, se exprimira com o mesmo calor. Os Russos são diplomatas destros; lisongeando a vaidade franceza, molestam de proposito o orgulho dos Inglezes; he como se diz, matar dous coelhos com um cajadada. Querem evidentemente nos intrigar com os Inglezes, a quem elles detestam, serão bem succedidos? O futuro no lh'o dirá. (1)

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

—O conselho administrativo dos orphãos, tomando em consideração os valiosos serviços prestados no collegio das orphãas, pelo Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga, acaba de agradecer-lhe por officio de 12 do corrente, sendo seu orgão o presidente interino Dr. Joaquim José da Fonseca. Em verdade esses serviços não foram do numero daquelles chamados de *bocorio*: o Sr. Pitanga nunca se escusou a qualquer hora da noite, boa ou tenebrosa, de ir partilhar com o Sr. Dr. Silva de seus trabalhos, salvando a um grande numero de innocentes, que tinham sidos feridas do mal. Todos são testemunhas da actividade desse moço, e não serão as nossas palavras, que lhe darão o cunho dessa nobreza d'alma, dessa extrema caridade, e desse modo perfeitamente medico, que o tornam tão recommendavel, serão apenas simples coadjuvação.

— Ao nosso correspondente de Serinhaem.— A allusão que fizestes ao prior do Carmo sobre a apprehensão desses africanos em um engenho desse convento, que se acha arrendado, foi senão injuriosa e atroz, injusta: já uma vez neste mesmo jornal, o Sr. provincial explicou-se a esse respeito convenientemente, e seria querer depreciar-se totalmente o credito e nome que gozam os religiosos carmelitas, fazendo-os complices desse ignobil tecido de vergonheiras. O nosso correspondente não conhece o caracter honesto do prior do Carmo.

—Consta-nos, que o Sr. José Thomaz de Aguiar Junior, filho do tenente-coronel do mesmo nome, empregado no consulado geral, acaba de recolher-se a esta cidade da sua viagem a certos pontos da comarca do Cabo. A' intelligencia e actividade a toda prova desse nosso joven patricio deve-se a salvação de perto de cem pessoas, que por alli foram assaltadas do terrivel flagello reinante. Asseguramos pessoas circumspectas, que esse distincto joven desenvolveu tal esmero, e dedicação para a acudir e soccorrer a pobreza enferma e desvalida, que he digno de elogio. Oxala que, possuindo elle ja tão bons precedentes, se quizesse dedicar as sciencias medicas! Estamos persuadidos, que a sua distincta familia muito concorreria para assegurar-lhe tão nobre profissão (quando he exercida sem contractos e ajustes....)

—Acaba de ser espancado na estrada do engenho *Serraria*, um escravo do Sr. João Rufino da Silva Ramos, que ia a Serinhaem. O facto foi por muitos presenciado: o aggressor foi um morador de Serraria:—Na luta desappareceu uma carta que levava o preto com 100$000 reis, e letras para Serinhaem. Veremos onde vai esse negocio parar.

—Falleceu um alferes do 2.º batalhão de infantaria, Manoel Maria Cardoso.

—Acha-se bastante doente o ajudante do mesmo batalhão.

—Melhorou o chafariz da rua Imperial: quem o dirije agora he um preto experimentado em conhecimentos de aguas, e com um copo e torneira aberta não vende em quanto a agua não fica crystalina no copo; o processo he *difficultoso*, mas o publico ganha com elle.

—Certos caixeiros, quando os matutos não acodem aos convites dos canudos, soltam-lhes uma ladainha de descomposturas, que os pobres almocreves sabem vendendo azeite ás canadas. Bom modo de agradar!

—Não será tão incommodo *ample.car-se* a uma m... de uma calçada, e a meia rotula? Ao menos, se não passasse gente, e a lua não estivesse tão argentina, talvez que outro gallo cantasse; mas a velha rabujenta de dentro, a bella *Diana* no céo, os passeadores nas calçadas são uns *perus* temiveis, que não deixam ao bello *Torquato* pôr o pé em ramverde... quem se expõe a amar, expõe-se a padecer!....

—Nem pela rua ser de S. Gonçallo!—uma menina nessa rua, que tem seus foros de Lucrecia, debateu-se tão fortemente com sua mãi n'um desses dias, e com palavras tão *sonantes*, que chamou a attenção publica para alli. Rolaram com vento fresco de parte a parte os mais bem feitos supapos de Londres.

O publico apreciou bem esse quadro moralisador. Eis porque os capadocios se atrevem a aventurar pensamentos quasi sempre em perda do pudor de filhas taes, e de taes mãis. Benza-as Deos...

—Não sabemos se o ex-cadete que mora na rua Direita, he o Sr. José Joaquim de Figueiredo Pernambuco, porque a noticia, que tivemos desse senhor não mencionava seu nome. He o que podemos informar.

—Não entendemos uma só phrase da carta que recebemos de um *Pintasilgo*; seria bom, que nos escrevesse mais intelligivel para sabermos o que queria.

—Consta-nos que uma nossa patricia modista, madama Scasso, tem sido lisongeiramente acolhida. Nós a recommendamos, e será assim que poder-se-ha aos poucos ir-se desenvolvendo entre nós o amor ao trabalho, e o espirito de nacionalismo na escolha dos industriosos. Não desanime, madama Scasso, que mais tarde não teremos que invejar as modas parisienses.

As nossas patricias são industriosas, e havendo quem as anime e proteja, ellas nos pouparão grandes despezas.

—Remetteram-nos responsabilisada a nota infra, que nos apressamos em da-la:

« Feliciana Maria do Carmo teve tres filhos e uma filha; um destes filhos falleceu do cholera em fevereiro deixando uma filha; um filho suppõe-se residir em algum dos nossos sertões, e a filha no Pará, lugar para onde foi, existindo na praça um de nome Antonio dos Santos Porto, conhecido por Antonio menino, e ainda mesmo por ter assassinado sua mulher, pelo que foi condemnado pelo jury desta cidade a 9 annos de prisão, e que hoje desgraçadamente he soldado da 2ª companhia do corpo de policia. Sendo atacada do cholera no mez passado, a dita Feliciana chamou a diversas pessoas fez o seu apontamento, deixando a sua terça a sua neta Florentina Rosa Maria da Conceição; sabendo o tal Antonio menino, que a mai se achava em perigo de vida, apareceu em casa e assim que ella espirou carregou com o apontamento, um oratorio de valor, ouro e roupa, sendo vendida a maior parte destes objectos e até hoje não há remedio apresentar o apontamento

(1) Pensamos que a correspondencia supra nos foi trazida pelo vapor francez *Cadiz*; entretanto so agora foi que chegou ás nossas mãos. Posto que seja de data atrazada, com tudo sempre a consideramos curiosa e interessante, e por isso a publicamos.

Os RR.

to para ter o andamento necessario; tudo isso fez *a fortiori* por se achar a rapariga em casa sozinha e elle ser soldado.

— Existe ha muitos annos um cano que atravesse a rua do Chora-menino e vai desaguar no pequeno rio que passa por tras do sitio do Meuron, este cano foi feito para a passagem das aguas que vão da Soledade atravassando por diversos sitios; mas desde a grande cheia de 1853 que aquelle cano ficou obstruido, de sorte que as aguas em lugar de sahirem entram para o sitio dos herdeiros de Caetano de Carvalho Raposo e ahi encontrando-se ficam estagnadas em uma bacia, donde resulta ficarem putridas, com o que causam bastante malfa saude publica, e em particular á dos visinhos.

—Hontem arrematou o Sr. Antonio Gomes Pessoa a capatazia da alfandega a 71 centesimos, ficando obrigado a augmentar 10 serventes e mais dous empregados alem do que o antecedente capataz. A differença de 4 centesimos do preço actual, dizem-nos, que apenas chegara para o augmento do pessoal, o que prova a regularidade da arrematação, tanto mais que não appareceram licitantes.

Até amanhãa.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Secretaria da policia de Pernambuco 15 de abril de 1856.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foram presos: pela subdelegacia da freguezia do Recife, a parda Senhorinha Maria do Rosario, por insultos.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto Marcellino Sebastião, por desordem.

E pela subdelegacia da freguezia de S. José, Umbelina Paulina Maria da Conceição, por briga.

Deos guarde a V. Exc. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

Diario de Pernambuco.

Temos noticias da Parahiba com data do dia 11 A epidemia continuava a decrescer consideravelmente na capital, cuja mortalidade diaria regulava entre 5 a 6 victimas, e o numero total em 1126. Em quasi todos os pontos da provincia a situação tem bastantemente melhorado. No dia 8 do corrente tinha chegado o vapor *Parana'*, procedente da Bahia, conduzindo uma porção de soccorros enviados pelo Exm. Sr. Tiberio Moncorvo. No numero das victimas fallecidas naquella cidade contavam-se varias pessoas que occupavam lugares importantes como bem os senhores Francisco José Meira, Felix e Mello Azedo e Manoel Deodato de Almeida Henriques.

BULLETIM DO CHOLERA-MORBUS.

Participações dos hospitaes.

Hospital do Carmo, 3 mulheres em tratamento.
Hospital da rua da Aurora, 1 homem.

Relação das pessoas que falleceram do cholera-morbus e foram sepultadas no cemiterio publico das 6 horas da tarde do dia 14 ás 6 horas da tarde do dia 15 de abril de 1856.

Livres.

Numero 2418—Rosa Thereza de Jesus, Africa, 65 annos, casada, preta, S. José, rua do Alecrim n.17.
Idem 2419—Benedicta Maria, Africa, 60 annos, viuva, preta, Santo Antonio, rua de S. Francisco n. 54.
Idem 2420—Maria Francisca da Conceição, Pernambuco, 50 annos, viuva, parda, S. José, becco do Pocinho n. 21.
Idem 2421—Jeronyma Francisca da Conceição, Pernambuco, 40 annos, casada, parda, S. José, rua de Santa Rita n. 40.
Idem 2422—Amelia, Pernambuco, 12 mezes, branca, S. José, praia de Santa Rita defronte do deposito do carvão de pedras.
Idem 2423—Florinda Maria da Conceição, Pernambuco, 50 annos, solteira, preta, Boa-Vista, lavadeira, rua da Esperança contigua a casa da viuva Maia.
Idem 2424—Marcelino, Pernambuco, 4 annos, pardo, Recife, rua do Pharol.
Idem 2425— Damiana de Paula, Pernambuco, 40 dias, parda, S. José, rua do Forte n. 3.

Escravos.

Numero 855—Gio, Pernambuco, 5 annos, pardo, S. Antonio, rua da Cadeia n. 16.
Idem 856—Manoel, Africa, 40 annos, solteiro, preto, Recife, rua do Vigario n. 7.
Idem 857—Maria, Africa, 30 annos, preta, Boa-Vista, rua da Matriz n. 26.

Resumo da mortalidade.

Mortalidade do dia 15 até as 6 horas da tarde—11.
Homens 1 — mulheres 6 — parvulos 4.
Total da mortalidade até o dia 15—3,261
Homens 1398—mulheres 1521—parvulos 342.
Recife 15 de abril de 1856.
A commissão de hygiene publica interina,
Drs. *Sá Pereira*, presidente.
Firmo Xavier, secretario.
I. Poggi, adjuncto.

Communicado.

ENSINO PUBLICO.

Um dos talentos solidos que entre nos desabrocha com o sol da patria, e que já ha dado fructos de excellente cheiro e delicado gosto, he sem contradicção o Sr. Dr. Antonio Marques Rodrigues, hoje professor de Historia universal no Lyceu do Maranhão.

Apressamo-nos a dar publicidade ao seguinte artigo, que deve servir de prefacio ao compendio de que o illustre professor se occupa, como uma homenagem antecipada que as lettras rendem ao auctor de um trabalho de similhante ordem.

Não conhecemos o molde em que elle tem de vasar esta obra de ensino, com a habilidade e lucidez que todos distinguimos em seus escriptos, mas se a qualidade de parente, de collega, e mais que tudo de amigo do novo professor nos dão direito a manifestar-lhe os nossos desejos sobre a structura do livro que elle tem em mãos, quizeramos nós que, não só ao registrar os factos d'um modo elementar, mas ao desenvolve-los na cadeira, sob o esplendor da palavra e o lume da philosophia, adoptasse elle de preferencia neste empenho o methodo synchronico, isto he, que retraçasse simultaneamente tudo o que se houvesse passado em uma época historica nos diversos lugares da terra, e que atasse depois esses factos, não segundo o principio de successão, como até aqui se tem feito quasi geralmente, mas segundo o principio de associação, como convem ás sciencias historicas. De outro modo, parece-nos que tão bella semente seria como lançada em terra infecunda; e o Maranhão não o he, nunca o foi. O exemplo vivo está no auctor das profundas considerações que abaixo se lêem.

Com effeito, he antes a relação de espaço que a de tempo que deve dominar no ensino da historia para que elle aproveite; e se o distincto professor adoptar no seu compendio este principio, que tomamos a liberdade de aconselhar-lhe, verá quanta vantagem o seu auditorio hade colher, gravando-se-lhe na memoria cada uma das datas abraçadas com cada um dos factos pertencentes a um mesmo periodo, com a mesma facilidade com que se abraçam as curvas da ancora ao navio que surge no porto.

Este methodo racional, que começa hoje a generalisar-se na Allemanha, dará ao Brasil homens que conheçam clara e verdadeiramente todas as revoluções por que as sociedades humanas hão passado, e dará ao eloquente professor do Maranhão a gloria de os haver dirigido em tão agradavel senda.

Seja porem qual fôr o methodo que o Sr. Marques Rodrigues adopte para o seu importante compendio, nós nos felicitamos com o Maranhão, por se achar designado para a cadeira de Historia universal d'aquelle Lyceu o illustrado critico de *Rodolfo Topffer*.

Soares d'Azevedo.

A CIVILISAÇÃO'.

(Ao meu amigo A. T. de Carvalho.)

I.

Desenvolve-se a humanidade assim como as nações e os individuos. Surgem as idéas, os costumes transformam-se, nascem as religiões, a politica idealisa-se, e nesse caminhar do espirito desenvolve-se o homem em poucos annos, as nações em seculos, a humanidade em millenios. Do cogitar *espontaneo e reflectido* travam-se as renhidas pelejas humanitarias: o existir intimo das sociedades vacilla no meio desses dous principios oppostos da razão humana, e victorioso proclama os dogmas da verdade eterna quando a concentração e a persistencia intellectuaes subjugam a razão irreflectida. Descuberta a verdade os philosophos a encarecem, e a razão espontanea curva-se resistindo á supremacia da razão reflectida. Os habitos individuaes, as crenças de um povo não se aniquilam n'um momento: a verdade irrita ao principio a razão insipiente, provoca a discussão, combate os preconceitos, e depois de muitos annos, ou seculos, de provação dolorosa he que vai identificar-se nos espiritos rebeldes, e marcar mais um triumpho nas conquistas do mundo moral. Assim he que Socrates bebeu a cicuta, e Athenas arrependida ergueu-lhe altares: assim he que a violação da liberdade humana, estigmatisada pelo Homem Deos, he a vergonha, o cancro roedor de muitas sociedades modernas.

II.

No caminhar vagaroso e progressivo da civilisação, nas porfiadas pelejas que ella sustenta, e na victoria que proclama as turbas espantadas he que existe o principio inconcusso da philosophia da historia. Na Azia erguem-se os imperios, dilatam-se, e o peso da barbarie despenha-se impetuoso na Grecia e o amor da liberdade afoga no sangue o despotismo, e patentêa aos olhos do mundo absorto os dias solemnes de Marathona e Salamina e Platéa. Depois a Grecia não se occupa em repellir os barbaros não chama sobresaltada os guerreiros em defeza da patria, e, no remanço da paz, admira os choros patrioticos d'Eschylo, as singelas narrações de Herodoto; o dizer energico de Thucydides, os arrebatados vôos de Pindaro, a musa caustica d'Aristophanes, a eloquencia inflammada de Demosthenes, o cinzel mimoso de Phidias, e, conduzida por Alexandre, invade, e combate, e derrota, e subjuga as nações do Oriente. Mas os successores de Alexandre não possuiam o mesmo genio, a mesma robustez para dirigirem os destinos da Grecia: a desunião, as guerras intestinas, e o soccorro de extranhos analaram a unidade grega: Paulo Emilio em Pidne, Metello em Scarphéa, Sylla em Athenas deram o golpe mortal, e os descendentes de Milciades fizeram parte das provincias romanas!

III.

Roma, herdeira da civilisação grega, manifesta nas formas politicas, nas instituições civis, nas crenças religiosas, na literatura, na philosophia, nos costumes a origem helenica. As leis das XII taboas vieram da Grecia: Jupiter Stator não he mais que o Jupiter Olympico: o senado, a imitação do areopago: a severidade inflexivel de Catão d'Utica, a doutrina de Zeno: Cicero, o discipulo de Demosthenes: Virgilio, de Homero: Terencio, de Menandro, Horacio, de Pindaro. Nas guerras dos Volscos, dos Faliscos, dos Veientes a sociedade romana consolida-se, e afina-se o patriotismo nos tempos angustiosos de Breno, de Pyhrro, de Anibal. Na jornada de Zama a fortuna de Roma deixa de vacillar, e Mario derrotando os Cimbros, e Cesar imitando os prodigios de Alexandre, chegando as terras inimigas, vendo-as, vencendo-as, assombram o espirito. Atraz do carro triumphal seguiam-se os prisioneiros d'Africa, d'Azia, da Europa — os reis vencidos, as coroas, as purpuras, as estatuas, e a aguia vencedora parecia proteger com as azas desmedidas a sorte do povo soberano. Porem, ao buido punhal succumbe Cesar, e cahe aos pés da estatua de Pompeu: Antonio mostra o cadaver, as vestes ensanguentadas na praça publica e desencadea as iras populares: Antonio, Augusto, e Lepido recordam as scenas lutuosas de Mario e Sylla, e nas horrendas proscripções morre o eloquente Cicero, e denunciam-se covardemente o filho ao pai, a esposa ao esposo, a irmãa ao irmão, e nos campos de Phillipes expira a liberdade nos braços moribundos de Cassio e de Bruto.

IV.

A civilisação he mentira aonde não impera a liberdade. A Roma republicana dos Camillos succedeu a Roma dos rethores: á trompa guerreira, que alentava o brio dos soldados de Curio Dentato, succederam os circos, os amphitheatros, os histrioes, e apenas eram os despojos de Cartago o premio de um tocador de flauta! Em vez da nobre simplicidade dos Cincinnatos, em vez das cabanas de colmo, existiam os banquetes opiparos de Lucullo, as demasias sumptuarias de Crasso, os marmores custosos, e relaxou-se a disciplina militar, a agricultura definhou, e depois essas riquezas da Grecia e d'Azia corromperam os dominadores do mundo — escravisaram-nos. Dahi surgiram as calamidades publicas, a tyrannia, as proscripções, o governo despotico, os horrores do imperio, o monstro de Capréa, Caligula e Incitato, Claudio e Messalina, Nero e Agripina, as cohortes pretorianas, Roma em almoeda, os barbaros do norte. No meio desse cataclisma, no meio dessas trevas intensas, lá nos apparece n'um canto da Judea o Filho de Maria, Jesus Christo, o Homem Deos, e traz ao mundo a ordem, a luz, a liberdade, a esperança, a consolação, a caridade, o ennobrecimento do trabalho, o amor do proximo, o perdão das injurias, e marca na historia humanitaria a terceira época civilisadora. Diz o escriptor do Genio do Christianismo que pode ser chamado Jesus Christo no sentido material o *Salvador do mundo*, como no sentido espiritual. No apogeu da corrupção a Grecia não enthesourou os desprezos da posteridade; porem os costumes descompostos e barbaros e desprezivels de Roma ainda hoje fazem estremecer indignado o coração por mais lubrico, mais envilecido, mais sanguinario que seja. O severo Catão assistindo á prostituição dos jogos de Flora: Tiberio inventando os « scellarii e os spintriæ: » as matronas romanas desenfadando-se nas festas de Tigelino com as meretrizes despidas: os animaes ferozes famelicamente rasgando os escravos no circo: o « Ave, imperator, morituri te salutant » dos gladiadores provam de sobejo que só o christianismo podia salvar a misera humanidade.

V

No Egypto, os obeliscos, os templos, as esphinges, as pyramides traduzem materialmente a civilisação. O politheismo grego e romano, lisongeando os sentidos, revela-se mais ou menos pomposo na delicadeza das formas, e a doutrina do Evangelho achou-se a braços com a civilisação pagãa, civilisação material desacompanhada da civilisação moral. Na corrupção do mundo antigo, foram como balsamo consolador, a palavra, os exemplos do Nazareno. A' resistencia brutal, oppunha o Redemptor a mansidão: aos pobres de espirito, aos famintos de justiça, aos limpos de coração, aos que choram na terra, aos pacificos, aos misericordiosos apontava-lhes no céo a glorificação eterna; e a dignidade feminil, a igualdade, a liberdade, a fraternidade eram o protexto solemne da nova lei contra as vãas distincções do indigente e do rico, do plebeo e do nobre, da fraqueza e da força. Ao menor aceno do homem Deos os cegos viam, os mudos fallavam, os surdos ouviam, os paralyticos moviam-se, os mortos resuscitavam, e no Thabor os discipulos admiravam extaticos o seu rosto que refulgia como o sol, as vestiduras branquejando como a neve, e a nuvem lucida envolvendo os vultos venerandos de Moyses e de Elias. Mas, os escribas e phariseos hypocritas, semelhantes aos sepulcros branqueados por fóra e immundos por dentro, raça verdadeira de viboras, conductores de cegos, honravam-no com os labios, e no coração desdiziam-se. « Criei uns filhos, disse energicamente Isaias, criei uns filhos e engrandeci-os, porem elles me desprezaram. Ai da nação peccadora, do povo carregado de iniquidade, da ralé maligna, dos filhos malvados: abandonaram o Senhor, blasphemaram o Santo d'Israel, tornaram para traz alienados... » A pungente prophecia do filho de Amós devia cumprir-se. A plebe desenvolta, prende, processa, condemna e vociferando, arrasta pelas ruas da cidade santa a victima expiatoria: na fronte cravam-lhe os espinhos: a canna he o symbolo do escarneo: as cordas roxeam-lhe os pulsos: a flagellação dilacera-lhe as carnes, e depois o madeiro affrontoso opprime-lhe os hombros, a esponja centuplica-lhe o martyrio, e anceia e desfalece, e morre, e por si rasgam-se as cortinas do templo, a terra abala-se, as pedras estalam, o sol escurece-se!

VI.

O sangue do crucificado, esparsido no Golgotha, regenerou a humanidade, e a fé enraizou-se no coração dos apostolos, e deu fructos de benção, como a

---

— Isso he importante, e será mister sabe-lo.
— Hei de indagar...
— Pois bem, disse Mr. Blanchard.

E esfregando as mãos accrescentou com ar de satisfacção:

— Ah! ah! fazer uma mulher desapparecer de Paris, isso vai occupar-me alguns dias.
— Quanto lhe serei reconhecido!
— Concordo; mas... suspenda a expressão de seu reconhecimento até nova ordem, pois a tarefa he espinhosa.

Quasi uma hora decorrêra durante essa conversação.

— Receio abusar de seu tempo, disse Filippe a Mr. Blanchard.
— Vê o que ganha-se as vezes em andar ao acaso! respondeu este.
— He verdade, espero que tornaremos a fallar a respeito.
— Quando quizer.
— Onde poderei ve-lo?
— Por toda a parte, no club, em sua casa.
— Mas se eu tiver alguma communicação importante a fazer-lhe?
— Poderá escrever-me essa he boa!
— A que lugar?
— Ah! eu não tinha cuidado nisso, murmurou Mr. Blanchard.
— Onde reside? perguntou Filippe crendo não ter ouvido bem.
— Não resido em parte nenhuma.
— Expliquei-me mal sem duvida. Qual he sua habitação?
— Ah! eis uma pergunta, a qual me he mui difficil responder.
— Fui indiscreto?
— Não; mas estou embaraçado, por que não posso dizer-lhe aquillo que eu mesmo não sei.
— Não sabe! repetio Filippe sorrindo.
— Palavra de honra!
— He verdade, esquecia-me de que vossa senhoria traçou para si mui espirituosamente uma vereda independente e excepcional na vida.
— Oh! não ignoro, que todos me acham phantastico, muitas vezes até ridiculo, ao passo que sou a logica e a simplicidade incarnadas.
— Todavia, Mr. Blanchard, um homem que não sabe onde mora, posto que goze de grande riqueza.....
— Assemelha-se em sua opinião a um doudo?
— A um excentrico somente.
— Tranquillise-se, Mr. Beyle, não sou absolutamente vagabundo como um excommungado da media idade.
— Habita provavelmente alguma mysteriosa casinha occulta por um dê seus antepassados entre as rosas e as madresilvas rodeada de armadilhas e defendida por estrepes de ferro no fundo do bairro de Saint Germain e além das Missions Etrangeres. Approvo-o certamente!
— Não. Meus antepassados, já que vossa senhoria digna-se de dispertar esses dignos personagens, legaram-me com effeito tres ou quatro casas, ao menos assim o diz o notario que as administra; não sei mesmo em que bairros, em que ruas são situados esses bens, e Deos me livre do pensamento de habitar um só!
— Prefere nossos grandes e sumptuosos hoteis?
— Ainda menos! exclamou Mr. Blanchard; eu morar, agora em um hotel confiar-me a pessoas estranhas, a fechaduras desconhecidas! repousar em um leito que tem dado sua venal hospedagem a todas as emigrações! estar exposto de noite a acordar sobresaltado pelo rumor que fazem sobre minha cabeça ou debaixo de meus pés! Não pense em tal cousa, Mr. Beyle.
— Todavia, Mr. Blanchard, quem não mora em sua casa, mora em casa de outrem; não ha meio termo.
— Ahi era que eu esperava-o. Não ha meio termo! pois bem, eu achei um.
— Devo crê-lo; mas minha sorpreza...
— Apressemos somente um pouco o passo. Antes de cinco minutos vossa senhoria saberá onde moro..... hoje.
— Ah!
— Mas não lhe affirmo que saiba onde morarei amanhãa.
— Confesso que minha curiosidade está excitada ao ultimo ponto.

Caminharão ainda até chegarem o campo de Marigny.

Todos sabem que esta vasta praça he occupada pelos saltimbancos e mostradores de animaes, que certas épocas do anno ahi se installam com grande alarido; mas nesse momento só havia uma carruagem no campo de Marigny.

— He verdade que essa carruagem era de molde esquisito.

A leve fumaça que sahia de um cano preto indicava que era habitado.

Em um cartaz liam-se estas palavras traçadas com lettras mui grandes: — HOJE DESCANSO.

Foi diante dessa carruagem que parou Mr. Blanchard.

Applicou o dedo sobre um botão, que agitou uma campainha no interior.

Repentinamente sahio do vehiculo um servo vestido de libre, o qual vendo os dous visitadores abaixou logo um estribo.

— Tenha a bondade de subir, disse Mr. Blanchard á Filippe.
— Eu subir... alli?
— Pois he alli que moro.
— Que zombaria!
— Vou mostrar-lhe o caminho.

Mr. Blanchard subio primeiro; Filippe seguio-os.

Depois de atravessarem um simulacro de antecamara, cuja perspectiva era augmentada por pinturas a fresco, entraram em uma sala magnifica. Se o exterior dessa habitação movediça tinha apparencia modesta calculada de proposito para não excitar a curiosidade publica, o interior offerecia o mais brilhante tabernaculo, que conteve jamais todos os deoses da arte e da industria.

Será mister por essa occasião dizer ou lembrar aos nossos leitores que ainda ultimamente um nosso antigo ministro, tornado historiador, e obrigado a fazer numerosas viagens pelos seus estudos topographicos mandou construir uma carruagem analoga, um desses *wagons*—aposentos que permittem gozar-se ao mesmo tempo as vantagens de uma locomoção rapida, e as doçuras do luxo?

Remontando mais acima vê-se que Luiz XVI encommendara igualmente para sua fugida uma carruagem semelhante, mas monstruosa, com muitos repartimentos, e destinada a conter toda a familia real, alguns cortezãos, e os servos. Essa carruagem quebrou-se depois de uma carreira de algumas mudas.

A de Mr. Blanchard fora construida segundo suas proprias indicações, e quasi a sua vista.

Mr. Blanchard tinha gosto; suas idéas confiadas a obreiros de merecimento superior tiveram execução perfeita. Podia-se dizer que era uma obra prima da arte. A excellencia das molas tornava impossivel qualquer solavanco; não eram mais molas, eram fitas. O ruido chegava ao interior amortecido por tapeçarias muito encorpadas, e era absolutamente suffocado pelos postigos que guarneciam as janellas por dentro e por fóra.

Até as vidraças dessas janellas eram duplas, á moda russa.

Prodigios de marceneria, uma mesa elastica que podia-se augmentar a vontade ou reduzir a mui pequenas proporções, espelhos ricos e collocados por tal maneira que multiplicavam a extensão, refletindo-a mutuamente; pinturas serias, uma bibliotheca, em que as encadernações de Niedrée e de Daru adornavam as obras da Pleiada tiritante; armas para o caso de ataque, e candelabros, eis o que a primeira vista abraçava no salão-miniatura, em que Mr. Blanchard introduzio a Filippe Beyle.

Tudo isso era illuminado pela claridade que vinha de cima, e cuja intensidade bem como a do rumor, podia ser facilmente graduada.

Dous cavallos possantes em Paris, quatro fóra, punham em movimento essa carruagem, cujas maravilhas nada trahia exteriormente, e que passava aos olhos do publico por um carro estrangeiro ou da companhia do gaz.

Mr. Blanchard não fazia mais do que transportar para a nossa civilisação os costumes nomadas dos Arabes, com a differença, que em vez de uma tenda conica e austera a sua era quadrada e esplendida.

Foi o que elle esforçou-se por explicar a Filippe logo que assentaram-se em excellentes poltronas.

— Francamente, Mr. Beyle, para um homem solteiro ou viuvo, isto he, para quem não he attrahido por nada ao mesmo ponto, ha uso mais tyrannico do que aquelle que consiste em morar em alguma parte? Não he melhor morar como eu por toda a parte?
— Confesso, Mr. Blanchard, que ainda não calculei as vantagens de seu systema. Embora seja commoda e elegante esta volumosa carruagem, parece-me que uma boa casa seria preferida.
— Por quem? por homens rotineiros, por gente a quem assusta todo o progresso, todo o melhoramento. Habitar uma casa he preparar para si os maiores embaraços, os mais longos enfados, e gradualmente as mais odiosas torturas. Não creia que eu exagere. Tomemos um exemplo: saio do club Sou obrigado a ir a pé ou em sege até *minha casa*, e se esta he um pouco distante, perco dez ou quinze minutos em um estado de estupida passividade. Se vem-me a phantasia ir ao Bosque ou mais longe, sou obrigado a fazer um calculo enfadonho de previsões afim de voltar antes da noite para a minha casa. Não he verdade?

Filippe ria e não respondia.

— Minha casa! minha casa! E ha pessoas que sentem alegria inefavel em proferir estas duas palavras. Melhor fora que dissessem—minha cadeia. O homem que tem casa, não pode viver nem respirar fóra della: suas menores vontades estão submettidas a enorme massa de pedra que o aguarda, que o reclama; bem quizera elle viajar, mas que seria della? Assim he uma expressão viciosa esta: *ter casa*. Elles não he que tem a casa; a casa he que os tem.
— Como a cadellinha de Beaumarchais, disse Filippe.
— Tive pois razão de livrar-me dessas tribulações ridiculas. Em vez de ser obrigado a voltar todas as noites para meu lar, elle segue-me por toda a parte a que vou.
— Sim, vossa senhoria he quasi como o caracol.
— Que me falta aqui? Depois de minha sala eis a minha alcova.

Mr. Blanchard empurrou uma porta, a qual desbrio um antro alcatifado, acolchoado, um leito que ninguem teria nunca suspeitado, e que convidava a dormir tranquillamente.

— Meu servo tem sua maca na antecamara, continuou elle. Pousamos onde me apraz. Muitas vezes no verão tenho visto romper a aurora na planicie de Saint-Denis.
— Isso he bello!
— E que felicidade não ter de soffrer nenhuma visinhança incommoda, não ouvir de manhãa nenhum dos rumores, dos gritos dos tambores que saudam a alva em Paris! Alem de que ha cousa mais monotona, e mais tola para o homem que tem casa do que acordar todos os dias diante da mesma parede, do mesmo pateo, ou do mesmo jardim? Isso he capaz de dar o spleen. Pela minha parte vario eternamente meus pontos de vista, crio para mim cada dia, como Mr. de Fenelon, *horisontes feitos á vontade para o prazer dos olhos*.
— Vossa senhoria vive mais do que nós, he verdade; mas isso não me explica o cartaz collocado no exterior de... seu palacio.
— Qual cartaz?
— HOJE DESCANSO.
— Alias he facil de comprehender-se. A forma e a extensão de meu domicilio expoem-me, convenho sem nenhuma difficuldade, a enganos, cuja repetição poderia fatigar-me as vezes. Nos lugares em que paro, todos tomam-me por dentista, mercador de creiões, ou pelotiqueiro.

Filippe não poude deixar de rir.

— Foi para evitar as semelhanças e as perguntas que autorisei meu camarista a pôr aquelle cartaz: HOJE DESCANSO. Isso afasta ou ao menos adia as curiosidades. He quanto me basta.
— Bravo! Mr. Blanchard, vossa senhoria tem resposta para tudo, disse Filippe levantando-se.
— Onde vai?
— He mister que eu o deixe; Amelia ficaria inquieta por uma ausencia mui longa.
— Somente isso? Torne a assentar-se, Mr. Beyle.
— Mas...
— Torne a assentar-se por favor.

Mr. Blanchard tocou uma campainha, e disse ao servo que appareceu:

— Prepara os cavallos.

Depois voltando-se para Filippe.

— Vou reconduzi-lo a sua casa.
— He muita bondade, e desarranjo lhe talvez o itinerario.
— Não. Jantarei nos arredores do passeio publico, e depois voltarei para vestir-me.
— Aonde?
— Aqui. Ah! ainda não mostrei-lhe meu guarda roupa.
— E depois, Mr. Blanchard?
— Depois irei passar uma hora no theatro italiano, onde talvez encontrarei Guedenoff.
— Sua... casa ficará entre as carruagens?
— Certamente.
— E ao sahir do theatro se lançará no leito.
— De ordinario assim acontece; mas esta noite recebo alguns amigos.
— Aonde?
— Aqui, sempre aqui! conto com algumas pessoas sem ceremonia a quem marquei o meu lar para ponto de reunião. Tomaremos chá nesta sala. Se vossa senhoria digna-se de vir tambem...
— Obrigado, Mr. Blanchard.
— Em todo o caso não chegue depois da meia noite; porque minha casa e eu teremos partido para Orleans, onde sou convidado a almoçar amanhãa.
— Tanto melhor! Sabe que eu poderia emfim abraçar seu methodo?
— Seria preciso começar por aqui.
— Ninguem he perfeito, disse Filippe rindo.
— Ria! minhas idéas se propagarão.
— Graças ao seu cocheiro.
— Antes de um seculo o genero humano habitará carruagens.
— Isso dará a imagem de uma universal mudança de domicilio.
— Mr. Blanchard levantou-se a seu torno, e distendendo a mão a Filippe Beyle
— Até breve.
— Como?... disse este sorpreso.
— Vossa senhoria chegou á sua casa.

(Continuar-se-ha.)

MUTILADO ILEGÍVEL

boa semente da parabola. A' voz dos apostolos edificam se as primeiras igrejas: Alexandria, Jerusalem, Antiochia, Roma, e desdobram-se os caracteres indispensaveis da perfeita existencia: a *unidade* no culto, nos sacramentos, na doutrina—a *santidade* na pureza—a *catholicidade* que ensina e crê e prega universalmente a mesma doutrina—a *apostolicidade* ate a consummação dos seculos. A razão irreflettida do paganismo reage contra a nova crença, as bestas féras devoram os martyres, a perseguição azeda-se, requinta, e o espirito confunde a materia com estas palavras sublimes do eloquente panegyrista dos primitivos christãos: « Somos de hontem e ja invadimos tudo, o palacio, a curia, o conselho do principe, e as assembléas da nação. » A doutrina do Christo encarnou-se na civilisação moderna, e a impiedade philosophica he a propria que admira e curva-se ao ver a suavidade, a grandeza do Evangelho. O parallelo de Socrates e de Christo he a maior homenagem que podia prestar ao Evangelho a philosophia pela bocca do Rousseau. « Qual he a razão insensata, diz elle, que se atreva a comparar o filho de Maria com o filho de Sophronisco? Dizem que Socrates inventou a moral, porem antes de Socrates outros a praticaram, e Socrates não fez mais que dizer o que os outros fizeram, e formular em theoria o exemplo. Aristides foi justo antes que Socrates dissesse o que era a justiça: Leonidas immolou-se pela patria antes que Socrates encarecesse o patriotismo: Sparta foi sobria antes de Socrates louvar a sobriedade; e havia na Grecia homens virtuosos antes de Socrates exaltar a virtude. Mas, aonde Jesus recebeu dos seus essa moral magestosa, e candida, cujos exemplos foi elle o primeiro que praticou? No seio do mais furibundo fanatismo resplandece a mais elevada tolerancia; e a simplicidade nas mais elevadas virtudes ennobreceu o mais vil de todos os povos. A morte de Socrates, philosophando tranquillamente com os amigos, he a mais suave que se possa desejar: a morte de Christo, expirando nos tormentos, injuriado, escarnecido, amaldiçoado por um povo inteiro, he a mais horrivel que se pode temer. Socrates, recebendo a taça envenenada, abençoa o homem que lha dá e que chora: Jesus, nas ancias de supplicio horroroso, supplica pelos verdugos inexoraveis. Sim, a vida e a morte de Socrates pertencem ao sabio: e vida e a morte de Jesus pertencem a Deus. »

VII.

Como as vagas revoltas, rolando successivamente, envolvendo, arrastando furiosas apos si o que não póde resistir-lhes, assim as hordas selvaticas do norte, os Ostrogodos, os Vandalos, os Hunos accommettem, assolam, desconjuntam os membros gangrenados da sociedade romana. Debalde nos campos catalannicos a lança romana e o franciske dos Godos reluzem e traspassam e decepam as hostes medonhas de Atila: debalde ruge a vingança no coração dos soldados de Theodorico, os mortos e o sangue alastram e ensopam a terra, Atila foge, mas não esmorece, e convoca de novo os barbaros, e accende-lhes as iras na embriaguez dos tumultuosos festins, e conquista a Italia. Como açoute de Senhor, o chefe dos Hunos varre na sua passagem devastadora a multidão dos inimigos, arrasa as cidades, mutila os monumentos, Ahi, como sempre, manifesta-se grandioso o phenomeno da absorpção historica. A Europa recebe aterrada a lei do vencedor, mas a civilisação barbara e a civilisação christãa não eram identicas: a reacção agita-se vagarosa, energica, successiva: o christianismo absorve, unifica os barbaros, e de conquistadores tornam-se conquistados. Neste periodo obscuro da historia apparece na Arabia uma nova crença religiosa. Mahomet, espirito reflectido, ardente na imaginação, idealisa os gosos materiaes, e promette no paraiso aos filhos do prophéta a voluptuosidade eterna, os arvoredos sombrios, o gorgeio das aves, a verdura das relvas, o cristal dos arroios, e a huri, mimosa nas carnes, scintillante nos olhos. Embebidos no fanatismo, despresando impavidos a morte, com o alcorão n'uma das mãos, o alfange na outra, os valentes discipulos marcham a conquista do mundo. *Crê ou morre* he o grito de guerra, e nas margens do Tigre, na Syria, no Egypto, na Persia, nas Hespanhas tremula o estandarte do Islam. Como tremenda catadupa, os Arabes arrojam se pelos Pyreneus, avassalam parte das Gallias, porem, espavoridos, retrocedem aos golpes de Carlos Martello, e salva-se a Europa. Carlos Magno, subjugando os Saxonios, passando os Alpes desafrontando o Pontifice, regendo a Italia, as Gallias, a Allemanha, realça a purpura dos Cesares. A eloquencia de Pedro o Eremita desperta a Europa adormecida: Godofredo e Ricardo embriagam as espadas no sangue ismaelita, e nessas cruzadas gigantescas o feudalismo enfraquece-se, as communas emancipam-se, a realeza fortifica-se, e desponta na historia moderna a renascença das letras, o equilibrio europeu, a organisação dos exercitos, a regularidade nos impostos, o prodigio nas artes, a descoberta de novos mundos, a imprensa, a reforma, a philosophia, a politica, a democracia: Mahomet II e os Medicis, Guttemberg e Colombo, Bacon e Descartes, Rafael e Miguel Anjo, Luthero e Gustavo Adolfo, Richelieu e Mirabeau.

VII.

O mahometismo, o boudhismo, o christianismo, são as tres grandes religiões, que representam civilisações diversas no estado actual da humanidade. Os povos selvagens, que povoam pequena parte do globo, insensivelmente são dominados pela civilisação christãa, e o mahometismo e o boudhismo permanecem inertes. A pedra arrojada pelo fundibulario desprende-se ao principio cheia de força, rompe a resistencia das camadas aérias, zune estrepitosa, e depois vai perdendo pouco a pouco o primeiro impulso, e cahe por fim amortecida. Dese modo nasceram as crenças de Visnú e Mahomet, engrandeceram-se, e agora estorcem-se moribundas; e a religião do espirito, o Evangelho, esmaga o embrutecimento dos sentidos, a materia, a inercia, e resume em si a intelligencia, a vida, o movimento, o numero, as descobertas scientificas, o progresso nas artes, a disciplina militar, o poderio dos exercitos, a opulencia financeira, os milagres da associação, os canaes, o ferro-carril, os vapores, a electricidade. Na Azia, na Africa, na America, na Oceania, por toda a parte, reina a supremacia christãa. e converte a palavra apostolica, em semanas, em mezes, o que dantes não convertia em seculos. A contenda collossal da Russia e das nações do occidente he mais uma victoria do christianismo: reluza embora o alfange, trucidem os estilhaços da metralha os destemidos soldados, amontoem-se os cadaveres, não será indecisa a victoria. Francezes ou Russos hão de ser os vencedores, a Turquia ha de ser absorvida, o christianismo ha de estirpar nos filhos do propheta os voluptuosos harens, a oppressão mulheril, os hediondos eunucos, e a sombra da cruz ha de ser alli uma realidade a rehabilitação do espirito, os laços de familia, o amor conjugal. Nos primeiros tempos da igreja ganhavam os christãos a palma de martyrio, e ainda hoje arrostram os missionarios da doutrina evangelica uo mar as tormentas, a sede nos desertos, a fome, as tribulações, a morte quasi certa. A religião do espirito se torna cada vez mais robusta, e não ha maldade, resistencia, perseguição, heresia que possam abalar-lhe as raizes profundas. Assim, o impiedoso arrojo do protestantismo lavrou por si a propria condemnação. Desconhecido o principio da autoridade, a esperança morreu, no coração do homem nasceu o egoismo, formigaram as seitas, e dilaceram-se impotentes; e, arrependidas, hão de voltar ao mesmo redil, ao mesmo pastor, a mesma unidade. He pois no christianismo que devemos estudar a verdade civilisação, o desenvolvimento da humanidade.

Maranhão, 1856.

A. Marques Rodrigues.

Correspondencias.

Senhores redactores.—No seu *Diario* de 7 do corrente foi publicada uma correspondencia do Sr. capitão João Gonçalves Rodrigues França, na qual pretendeu este senhor fazer crer ao publico que não era exacto o que eu havia affirmado relativamente á « não recepção de dinheiro algum da thesouraria, e da collectoria de Olinda para occorrer as despezas com a epidemia naquella cidade, » e quando me preparava para cabalmente responder ao mesmo Sr. capitão França, procurando informar-me do que elle referio, na supposição de contradizer-me com vantagem, eis que outrem, « o Sr. Velho Olindense, » appareceu com igual pretenção no *Diario* do seguinte dia, e com relação ao que eu referi sobre o « enterramento de mais de 20 cadaveres no cemiterio daquella cidade no dia 16 de março proximo findo. »

Assim resolvi demorar a resposta ao Sr. capitão França, para dar-lhe-a e ao Sr. « Velho Olindense, » juntamente. Foi-me preciso tempo para colher minuciosas informações, e obter alguns documentos, e por isto demorei-me mais do que desejava.

Primeiramente o Sr. capitão França.

Diz este senhor: « Lendo o *Diario de Pernambuco* de 5 do corrente, nelle deparei com uma « correspondencia em que se defende ao Sr. tenente coronel Passos affirmando-se, que não tinha « recebido quer da thesouraria geral, quer da collectoria, dinheiro algum para occorrer as despezas não só do hospital como do cemiterio desta « cidade; mas como não seja isto exacto, por isso « que sei, que da thesouraria provincial se recebeu « para tal fim um conto de réis, sendo que tambem « desta collectoria foi entregue ao Sr. delegado a « quantia de quatro contos e cincoenta mil réis, por « isso apresso-me a declarar que foi menos exacto « o que allegou o autor da correspondencia, o que « se pode ver do respectivo recibo, que ache-se recolhido á thesouraria de fazenda. »

Em verdade, uma censura desta ordem não tem qualificação, quando se vê principalmente que ella he tal que tende a desmentir o que se affirmou ao publico, sem o menor receio de que alguem houvesse que se atrevesse a dizer que a verdade não presidio a affirmação! Uma semelhante censura termi-hia até impacientado, se eu não tivesse a precisa pachorra para mostrar ao Sr. capitão França, que bem longe de ter sido inexacta essa minha affirmação, he ella exactissima; sendo que o procedimento do Sr. capitão França revela apenas sua precipitação fallando (com a devida attenção) ao escrever a sua correspondencia. Felizmente o proprio Sr. capitão França forneceu-me provas sufficientes do que venho de dizer.

Demonstrarei, pois, isto.

Na minha correspondencia que Vmcs. senhores redactores, se dignaram publicar no *Diario* de 5 do corrente, relativamente as occurrencias havidas em Olinda emquanto a epidemia alli reinou mais intensamente e desde seus primeiros ataques, fallando eu, da não recepção de dinheiros mandados dar pelo governo, estabeleci as seguintes asserções:

« 1.º Nenhum dinheiro foi directa ou indirectamente remettido a commissão beneficente, e « nem ao Sr. tenente coronel Passos. »

Diga-me, Sr. capitão França, isto he ou não exacto? He; e V. S. não me o pode contestar. V. S. mesmo diz na sua correspondencia que os 450$000 dados pela collectoria foram recebidos pelo Sr. delegado; este he o Sr. Dr. Manoel Joaquim Carneiro da Cunha, que por certo não he o Sr. tenente coronel Passos, não he a commissão beneficente, e nem deta faz parte.

Quanto a este dinheiro, pois, he evidente que o proprio Sr. capitão França forneceu-me a prova desta minha primeira asserção. Como porém não foi só este dinheiro que o governo deu para Olinda, pois que tambem deu um conto de réis pela thesouraria; talvez com relação a este fallasse o Sr. capitão França.

Ainda quanto a este outro dinheiro, enganou-se o Sr. capitão França, pois quem o recebeu foi o Sr. major Salvador Henrique de Albuquerque, por autorisação da camara municipal, o qual não he por certo o Sr. tenente coronel Passos, não he a commissão beneficente, e nem desta faz parte. Leia o Sr. França o documento que abaixo vai transcripto do proprio punho do Sr. major Salvador, e nelle achara a prova do que digo.—Assim provada fica exhuberantemente a minha primeira asserção—, quer a respeito do dinheiro dado pela collectoria, quer de que foi dado pela thesouraria.

« 2.º Nenhum dinheiro recebeu o Sr. tenente coronel Passos, para ser aplicado as despezas com a « epidemia, dado pelo governo ou por particulares. »

O Sr. capitão França, na sua correspondencia refere-se apenas á recepção dos dinheiros dados pelo governo, e por isto julgo-me dispensado de offerecer outras provas desta minha asserção, alem das que offereci ja quanto a primeira.

Mas o Sr. capitão França no principio de sua correspondencia por tal forma redigio a minha asserção nas palavras « em que se defende ao Sr. tenente coronel Passos, affirmando-se que não tinha recebido, » que declarando-a inexacta, não se deveria entender senão que esses dinheiros, de cuja recepção elle falla, haviam sido recebidos pelo Sr. tenente coronel Passos; dando porém razão de minha inexactidão, exprime-se de maneira que não affirma que o Sr. tenente coronel Passos foi quem taes dinheiros recebeu, nem o exclue da hypothese de poder ter sido elle quem effectivamente os houvesse recebido, usando das palavras « se recebeu. » Isto prova que o Sr. capitão França, foi precipitado até na redacção de sua correspondencia!

Felizmente porém fica evidentemente provado que o Sr. tenente coronel Passos não foi quem taes dinheiros recebeu; e por conseguinte, seja qual for a intelligencia que se queira dar as palavras citadas do Sr. capitão França, he claro que este senhor não logrou levar a effeito o que pretendeu, isto he: que foi inexacto nesta minha segunda asserção.

« 3.º Até hoje (23 de março, que foi a data de « minha correspondencia) se não recebeu dinheiro « algum nem na collectoria nem na thesouraria. »

Então, Sr. capitão França, acha que esta minha asserção he inexacta? Pois combine a data de minha correspondencia com os documentos prestados pelo Sr. major Salvador, e pelo Sr. Manoel Marques de Santiago Junior, e conhecerá que fui exactissimo no que affirmei. E se o Sr. capitão França tivesse procedido assim quando se lembrou de contradizer-me, por certo que o não faria.

A minha correspondencia he de data de 23 de março, e se neste ponto, eu assim expressei-m « mas até hoje affirmo-lhes senhores redactores, q « se não recebeu dinheiro algum, nem na collecto... « nem na thesouraria, » e os dinheiros de que falla o Sr. capitão França foram recebidos em 25 e 28 do dito mez de março, he evidente que não fui inexacto no que affirmei; porque a recepção de taes dinheiros se effectuou depois do dia 23—como provam os documentos a que me refiro.

Aqui cumpre notar que, embora o dinheiro da collectoria fosse recebido no dia 25, o respectivo recibo he de data anterior, talvez mesmo a de minha correspondencia, não sendo de crer que nisto se fundasse o Sr. capitão França, porque então negar-lhe-hia a boa fé com que supponho ter elle procedido, visto como de tudo isto sabe elle, que he o escrivão da collectoria, e sabe o Sr. collector Salgueiro—; asseguro porém que antes do dia em que tal dinheiro foi recebido, não havia sido procurado ainda.

« 4.º e ultima. Nenhum dinheiro deu o governo « para o hospital, sendo que apenas ministrou os « objectos com que elle se acha montado. »

Tambem esta asserção foi comprehendida na generalidade com que fallou o Sr. capitão França quando disse: « mas como não seja isto exacto; » entretanto que ella he tão exacta quanto as tres primeiras; e para que disto se convença o Sr. capitão França, basta lêr o documento que offereço firmado pelo Sr. Dr. Queiroz Fonseca, thesoureiro da commissão beneficente, a cujo cargo está o hospital. A' ser exacto que o governo tem concorrido com dinheiro para o hospital de Olinda, o Sr. Dr. Queiroz devia sabe-lo porque á sua mão devia ir ter esse dinheiro; entretanto da declaração do mesmo Sr. Dr. Queiroz se vê o contrario disto; o que prova que esta nossa asserção he exacta. Não menos o prova a declaração do Sr. major Salvador, pelo que diz respeito ao conto de réis, recebido do thesoureiro, pois que, como elle affirma, este dinheiro foi mandado dar por emprestimo a camara municipal para fundar-se o cemiterio, e isto mesmo he o que consta da ordem respectiva do governo que se lê no *Diario de Pernambuco* de 12 de fevereiro deste anno, na parte official.

Pelo que diz respeito aos 450$ mandados dar ao Sr. delegado, e por este recebidos na collectoria de Olinda, he sabido que o Sr. delegado os destina para satisfazer as despezas já feitas com os enterramentos e com o trabalho da desinfecção da cidade; sendo que duvido que seja sufficiente essa quantia mesmo só para isto.—He claro pois que deste dinheiro não aproveitará o hospital.

Não he portanto inexacta esta minha quarta e ultima asserção.

O Sr. capitão França deixou-se levar por demasiado zelo pela repartição a que pertence, e sem attender bem para o modo porque me exprimi na minha correspondencia, e para a data em que foi ella escripta, julgou a proposito contradizer-me para evitar uma censura, em que jamais se diria que incorreu a collectoria de Olinda, não dizendo eu que o dinheiro que ella estava autorisada a dar, havia sido pedido ja, quando ao contrario de minhas palavras se conhece perfeitamente que tal pedido não havia sido feito ainda.

O que conseguio pois o Sr. capitão França com as suas declarações? Creio que nada; nem a seu proveito, nem em proveito da collectoria; visto como nem esta e nem elle precisavam de justificação, não se lhes tendo feito arguição alguma.

A correspondencia do Sr. capitão França era portanto desnecessaria; o Sr. capitão França obrou sem duvida alguma com precipitação; e tudo quanto elle creou e erigio elle proprio desfez e aniquilou, até sem o querer, visto como não devo suppor que de sua parte houve má fé.

Creio ter cabalmente respondido ao Sr. capitão França, e tão cavalleiramente quanto elle se portou para comigo.

Agora o Sr. Velho Olindense.

O documento que em ultimo lugar vai transcripto abaixo mostra que não fui enexacto no que referi sobre as occurrencias do dia 16 de março relativamente ao enterramento de mais de 20 cadaveres; elle foi fornecido pelo Sr. Dr. Lobo, cujo testemunho neste ponto he sem duvida alguma irrefragavel.

Dignem-se, senhores redactores, transcrever estas linhas no seu *Diario* e obrigarão seu

&. &. &.

Recife 11 de abril.

Declaro que por autorisação da camara municipal desta cidade de Olinda recebi da thesouraria de fazenda provincial, no dia 28 de março proximo passado, a quantia de 1:000 que por emprestimo e para a fundação do cemiterio publico foi concedida a mesma camara pelo Exm. presidente da provincia.

Desta declaração se podera fazer o uso que convier. Olinda 9 de abril de 1856.—O vereador membro da commissão do cemiterio, *Salvador Henrique de Albuquerque.*

Declaro que por ordem do Sr. Dr. delegado Manoel Joaquim Carneiro da Cunha fui á casa do Sr. collector Francisco das Chagas Salgueiro, no dia 25 de março proximo passado, e delle recebi a quantia de 450$, importancia de um recibo desta quantia passado pelo mesmo Sr. delegado. Olinda 9 de abril de 1856.—*Manoel Marques Santiago Junior.*

Illm. Amigo.—Em resposta a sua carta firmada de hoje, tenho a dizer que a commissão de beneficencia desta cidade não recebeu dinheiro algum do governo para sustentação da enfermaria montada na casa onde funcionou a Faculdade de Direito.

Sou com estima e respeito seu amigo e obrigado —*José Cardoso de Queiroz Fonseca.*

Francisco Antonio da Silva da Silveira precisa por certidão o theor do officio que á esta subdelegacia dirigio o Dr. Manoel Joaquim de Miranda Lobo, sobre o enterramento de mais de vinte cadaveres, no cemiterio desta cidade, no dia 16 de março proximo findo; requer portanto a V. S., que mande o escrivão, que perante V. S. serve, extrahir dita certidão a vista do mencionado officio.

Pede a V. S. mande na forma requerida.—E R. M.

Passe, vindo perante mim. Subdelegacia da Sé de Olinda 10 de abril de 1856.—Passos.

Evaristo Vieira Cavalcanti de Albuquerque Lins, escrivão da subdelegacia do Curato da Sé de Olinda, em virtude da lei, etc.

Certifico ser o theor do officio da forma e maneira seguinte:

Illm. Sr.—Em resposta ao officio de V. S., em data de 23 do corrente, tenho a reponder a V. S. em primeiro lugar, que no sabbado 15 do corrente o serviço do cemiterio foi feito regularmente, ficando apenas quatro cadaveres nos vallados sem serem socados, por terem chegado as horas que os trabalhadores haviam deixado o serviço; emquanto ao domingo 16 do corrente, chegando eu no cemiterio as cinco e meia horas para seis, ahi permaneci até onze horas, pouco mais ou menos, e durante esse tempo e ainda mais até uma para duas horas da tarde, pouco mais ou menos, os cadaveres que foram recebidos no cemiterio eram logo lançados nos vallados e cobertos com uma porção sufficiente de areia.

Em segundo lugar, que o serviço foi interrompido no domingo a uma para duas horas da tarde, pouco mais ou menos.

Em terceiro lugar, até a hora acima dita, existiam nos vallados 21 cadaveres sem serem socados, e um em uma cova, mas todos cobertos com areia sufficiente.

Em quarto lugar, consta-me, por ter ouvido a alguns trabalhadores, que o serviço de novo começou no domingo as tres horas da tarde, tendo sido empregados nesse serviço os quatro homens por mim engajados e por mim despedidos a uma para duas horas, e mais dous que ignoro.

Da mesma maneira sube, dos mesmos trabalhadores, que o serviço se havia findo ás cinco horas da tarde, pouco mais ou menos, sendo esses trabalhadores engajados pelo alferes Lopes de Almeida. Ainda mais consta-me, que nesse dia, domingo, que V. S., chegando com gente sufficiente para socar os cadaveres que existiam por socar, não usou della por ja se achar quasi o serviço findo, sendo que V. S. ahi chegou as quatro e meia horas da tarde, pouco mais ou menos. Julgo ter satisfeito ao que de mim exige.

Deos guarde a V. S. Cidade de Olinda 24 de março de 1856.—Illm. Sr. Dr. Manoel Antonio dos Passos e Silva, diguissimo subdelegado de Olinda.—*Manoel Joaquim de Miranda Lobo.*

E mais se não continha em dito officio, que eu escrivão abaixo assignado aqui e fielmente copiei do proprio original, e vai esta sem cousa que duvida ça, por mim escripta e assignada nesta cidade de Olinda, aos 10 dias do mez de abril de 1856.

Em fé de verdade—*Evaristo Vieira Cavalcanti de Albuquerque Lins.*

Srs. redactores.—Dizia um moralista—que muitas vezes he ingratido o agradecer sem testemunhas. —Com effeito, he tal o reconhecimento de que me acho possuido para com o Sr. Dr. Pedro de Athaide Lobo Moscozo que não posso deixar de recorrer a Vmcs. afim de por meio de seu conceituado *Diario* tributar a minha gratidão ao mesmo Dr.

Seis pessoas de minha familia foram successivamente accommettidas do cholera, e não obstante o grande numero de doentes que reclamavam os cuidados do Sr. Dr. Moscozo, este Sr. dignou-se visitar constantemente a minha casa, empregando ahi todo o esmero e philantropia afim de conseguir o restabelecimento dos doentes; procedimento este que penhorou-me summamente e isso tanto mais quanto algumas das pessoas medicadas pelo Sr. Dr. Moscozo me eram summamente charas pelos laços de sangue que nos ligavam: dous filhos, uma mana, uma cunhada e uma escrava foram tratados pelo Sr. Dr. Moscozo, acham-se hoje completamente restabelecidos.

Acceite pois o Sr. Dr. Lobo Moscozo meus agradecimentos tanto mais sinceros, quanto tambem participei da sollicitude e philantropia com que se houve o mesmo Sr. para com a minha familia.

Sou, Srs. redactores, seu venerador e criado,

Manoel Antonio Pereira

Srs. redactores—Numa crise luctuosa como a por que acabamos de passar, (graças á Deos, já podemos assim dizer) he por certo a classe medica a que mais figura, e que mais serviços póde prestar; porem já que por nossa infelicidade não podemos tecer elogios a toda ella, porque realmente alguns Srs. medicos não o merecem; não devemos por isso deixar em olvido os serviços relevantes que prestaram outros, pois até entendemos que por isso mesmo elles se tornão mais valiosos; e como julgo que entre os medicos que nessa epoca se mostraram caridosos, tem o primeiro lugar o muito distincto e intelligente Sr. Dr. Silvio Tarquinio Villas-boas, seria faltar á um rigoroso dever imposto pelo reconhecimento, se deixassemos de, á esse medico prestimoso, tributar os encomios de que elle he credor. Sim, *Srs. redactores*, só quem fosse testemunha ocular, como eu o fui, poderá aquilatar a caridade, e os serviços prestados por esse homem incansavel. A qualquer hora do dia ou da noite, apenas recebia um chamado corria pressuroso não só para a casa do rico, como e principalmente para a choça do pobre, onde muitas vezes para entrar era preciso agachar-se, (apezar de ser de baixa estatura) e ahi sem o menor recato do *contagio*, sentava-se muitas vezes na propria cama do cholerico dirigindo-lhe palavras animadoras e o soccorrendo com os remedios precisos, de modo que bastavam suas maneiras para encher de consolação ao pobre, que talvez em toda sua vida nunca encontrasse um Dr. que o tratasse com tanto carinho! Apezar da precaução que tinha no abrir de sua bolsa para que ninguem o visse, com tudo estamos informados que elle nunca foi indifferente aos gemidos da miseria, e de sua algibeira soccorria aos pobres doentes. Em fim faltão-nos expressões para relatar os innumeraveis beneficios feitos pelo digno Sr. Dr. Villas-boas, e pintar com vivas cores esse genio caritativo de que he dotado.

Os serviços desse distincto medico não se limitão só ao 1º districto da freguezia da Boa-Vista, de que foi encarregado, elle tambem os prestou ao 2º districto que não lhe pertencia, indo lá todas as vezes que o chamavam, fosse a que horas fosse, da noite ou de dia, e isso sem outro interesse mais do que o ser util ao seu semelhante.

Queiram por tanto, Srs. redactores, inserir em seu muito conceituado *Diario*, estas poucas linhas dedicadas ao merito de um habil medico, cujo desinteresse e caridade nesta quadra terrivel o tornam superior a todo o elogio, e muito recommendavel aos Pernambucanos, e dictadas não por vil bajulação, porque a detestamos, mais por um eterno reconhecimento e gratidão; pelos beneficios prestados a nossos semelhantes. Não he, pois, como paga de algum curativo que nos fizesse, porque graças a Deos não tivemos occasião de o precisar, mas só e unicamente pelo que o vimos praticar com a indigencia.

Um apreciador do merito.

Srs. redactores.—Constando-me que fôra designado o dia 13 do corrente para a reunião da irmandade do Divino Espirito Santo no consistorio de sua igreja, afim de formularem-se os seus estatutos, quiz assistir á essa reunião e apreciar os seus trabalhos, que começaram justamente a hora que fôra designada pelo juiz actual, o qual perante mais de cem irmãos declarou o fim para que tinha convocado dita irmandade, seguindo-se logo depois um brilhante discurso, improvisado pelo digno irmão, o Illm. e Exm. Sr. Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares, que por suas patheticas expressões commoveu de tal modo os seus ouvintes, que não poderam deixar de mostrar em seus semblantes os sentimentos de sua alma. Em seguida porém o Sr. João Baptista Ribeiro recitou outro discurso, historiando as phases da dita irmandade desde o seu principio até o presente, e demonstrando com precisão o seu progresso, devido em parte ao actual juiz, que não tem poupado esforços, já como thesoureiro, já como juiz, e em parte ao dignissimo administrador desta provincia. E na verdade he de crer que o Divino Espirito Santo prodigalise suas graças ao actual Exm. presidente, que he dellas credor restituindo ao culto um magestoso templo, ha quasi trinta annos profanado. Para que pois não fosse desapercebido um acto tão meritorio e glorioso para todos quantos hão concorrido para elle e que além das benções celestes teem incontestavel direito a gratidão publica do Orthodoxo *Poco Pernambucano*. Dignem-se, Srs. redactores, de dar publicidade a estas toscas linhas do seu constante leitor.

Maricultura.

Plantio, cultura, colheita, e fabrico do Urucu no Pará.

Esta preciosa lavoura ainda hoje he uma das principaes fontes de riqueza da provincia do Pará, posto que depreciada pelas falsificações que se tem introduzido no seu fabrico. A extensa applicação que se faz do urucú na Europa, e nos Estados Unidos da America para dar cor a manteiga, ao queijo, e outros comestiveis; o seu emprego na tinturaria e na medicina, o tem tornado tão indispensavel, que apezar das escandalosas falsificações, ainda sustenta o preço de oito a dez mil reis por arroba no nosso mercado, e promette voltar aos antigos preços de 16 e 18 mil reis, se providencias adequadas neutralisarem os ardis da fraude.

Isto posto, e sendo constante que o urucú brota espontaneamente nos terrenos incultos d'esta provincia, julguei acertado dar aos nossos lavradores uma noticia resumida do seu plantio, colheita, e fabrico, afim de que os mais curiosos façam experiencias, e possamos assim aproveitar aquelles terrenos que não se prestem a cultura mais productiva.

Plantio do urucu'.

Preparado o terreno convenientemente no tempo e a maneira do que se pratica na plantação do algodão, abrem-se sulcos ou covetas em distancia de oito ou dez pes umas das outras, e nelles depositam-se de dous a tres grãos de urucu, convindo deita-los precedentemente n'agua, quer para inutilisarem-se os estereis que sobrenadam, quer para que brotem com mass brevidade e mais viço. Passados tres mezes depois da planta o urucusal deve ser capinado, e durante este processo vão sendo arrancados os pesinhos que vieram de mais, de modo que fique um só em cada cova. Feito este beneficio ainda a plantação sem outro amanho, salva a utilidade de nova capina n'aquelles terrenos em que ella se torne necessaria.

Colheita.

O urucu fructifica no fim de oito a dez mezes, mas a colheita não deve ter principio sem que o fructo ou casulo tenha tomado uma cor avermelhada, e sem que em cada caixo esteja aberto pelo menos um casullo. Colhe-se es caixos quebrando-se o galho de que prendem, servindo esta operação de nova poda para tornar a arvore mais viçosa, mais copada, e menos alta para facilitar as futuras colheitas.

Depois de assim colhido o urucu, e conduzido ao paiol em carros ou paneiros, no mesmo ou no seguinte he posto ao sol em esteiras ou lençoes, e ahi revolvido repetidas vezes: ao fim de tres a quatro dias de bom sol estara perfeitamente secco. Neste estado he lançado aos montões sobre terreno ou soalho bem limpo, esteiras ou lençoes, e ahi pisado e malhado a varapáo, até que todo o grão se tenha separado da vagem; e terminada esta operação tira fora a casca mais grossa, e leva-se o urucú a assopradores, veatiladores, urupemas ou peneiras para que fique o grão bem limpo de toda a casca e quaesquer materias estranhas. Feito isto deve ser bem acondicionada a semente até ser levada ao fabrico.

Fabrico.

Para o fabrico do urucú além do respectivo engenho ou moendas (*) são precisos tres grandes tanques de madeira (um dos quaes deve ser dividido ao meio) uma prensa como as de mandioca, duas taixas ou caldeiras, seis grandes gamellas, duas urupemas, uma pá, dous pequenos cochos para aparar a agua do urucu' no engenho, e alguns outros utensis menos importantes, cujo prestimo será indicado no seguimento do processo.

Na noite antecedente ao dia em que se pretende moer e fabricar, deita-se de molho a respectiva porção de urucu' (dous alqueires para vinte potes d'agua) em um dos tanques, enche-se outro tanque d'agua pura, e o tanque dividido deve achar-se vasio e bem limpo. Ao amanhecer tiram-se pequenas porções do urucú que se acha de molho para as gamelias, e ahi duas pessoas o esfregam com força nas mãos e contra o fundo e lado das gamellas, deitando-lhe uma pouca da mesma agua em que esteve de molho, e depois de bem esfregado, e achando-se a agua bem vermelha, deita-se tudo sobre uma urupema collocada sobre um dos repartimentos do tanque dividido, e toda a agua que cahir no tanque sera passada immediatamente para o segundo repartimento do mesmo tanque por meio de outra urupema muito fina Esta agua coada, depois de reunida a da primeira moagem, devera ser successivamente depositada em uma das grandes gamellas onde será conservada por espaço de oito horas para assentar o sedimento ou polme, a que chamam—tapioca de urucú.

Depois de bem esfregado o uru[illegible], e de ter escorrido a agua na primeira urupe[illegible] he immediatamente levado ao engenho, e a m[illegible] que vai sendo moido he lançado nas gamellas [illegible] equanas porções para ser de novo aguado e esfre[illegible] com a mesma agua em que esteve de molho [illegible] isto volta a primeira urupema onde he espremido entre as mãos, e a massa que fica e levada a prensa para d'ella extrahir-se toda a agua.

Espremida a massa he segunda vez levada no engenho e repetido o processo indicado, ainda volta a ella uma terceira vez; devendo observar-se que as moendas devem achar-se pouco apertadas na primeira operação, sendo porem successivamente apertadas nas duas posteriores.

A agua resultante da segunda e terceira moagem he lançada nas taixas immediatamente a medida que vai sendo coado o ureco. Chesas as taxas atacase bastante fogo, e ta proporção que a agua se vai evaporando pela fervura he reunida em uma so taixa para que a outra possa receber nova agua, como se pratica no fabrico do assucar. Alguns lavradores entendem que a agua introduzida pela terceira moagem não deve ser levada ao fogo se não no ultimo dia de safra, devendo servir para deitar-se nella a semente de molho durante o curso da safra; e isto pela razão de conter pouca tinta.

Do urucu' que fica depositado para assentar a tapioca, vai-se tirando de leve a agua por cima até ficar no deposito somente o sedimento ou polme; e a agua extrahida vai sendo levada as taixas com a outra da segunda e terceira moagem; e a tapioca (ou sedimento) só he levada ao fogo quando a evaporação tiver reduzido a dous potes o urucu' que se acha na taixa do ponto. A medida que vai diminuindo a quantidade do urucu' na tava do ponto, he mister que o taixeiro o va revolvendo com uma pa, e tendo-se-lhe toda a tapioca deve haver o maior cuidado em revolve-lo sem descanço para evitar a queima até tomar ponto. A massa chega ao ponto quando se acha na consistencia da goiabada, o que melhor ensina a pratica.

Acondicionamento.

A massa do urucu' depois de fria he tomada em porções a duas mãos, untadas ligeiramente de azeite, e lançada em paneiros ou caixas. O uso do azeite de mamona geralmente adoptado parece dever ser substituido pelo de gergelim ou outro de igual natureza, attento o emprego do 'urucu' nas comidas.

F. A. C. R.
(Diario do Maranhão.)

Publicação a pedido.

O verdadeiro castigo vem de Deos, bem pode ser tardio; mas sempre terrivel.

Ao ler-se um artigo da redacção do *Echo Pernambucano* de 11 do corrente, acerca do deploravel, e luctuoso apartamento entre o Illm. Sr. Burgos, e sua Exm.ª senhora causa horror, revolta mesmo a aquelles de corações enervados.

Parece incrivel que nesta grande cidade alguns se tenham ostentado com tanta atrocidade: que esses ignobeis factos que alludem, se tenham dado mesmo........ e com tudo, passam por reaes e são afiançados sua authenticidade, não receiando-se a serem desmentidas.

Ha nesses succesos de assombrosa selvageria, tanta impiedade e tanto sacrilegio que custará a crer, se a parte sãa da sociedade tão offendida, não tomar em deivida consideração da cynica zombaria que se lhe fazem de seu prodigioso poder. Oh! maldição tremenda! seja fulminada sobre os criminosos que sem entranhas e verdadeiramente atheos tiveram a immensa perversidade de os desunir opprimido-os de opprobrio: preparam sua preciosas victimas enlaçadas por tenros filhos, a um futuro horrivel todo cercado de insondaveis abysmos, em cuja queda sucumbirão de vergonhosas miserias...... desgraças...... remorsos...... carrependimento! !..... Que sorte aguardará a esses pobres innocentinhos! ? Só Deos o sabe: elle que os proteja.

Os justos.

Commercio.

PRAÇA DO RECIFE 15 DE ABRIL AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Frete do Rio Grande para o Canal—40 e 5 % por tonelada de assucar.

Frederico Robilliard, presidente.
P. Borges, secretario.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 ¼ d. por 1$.
« Paris, 348 rs. por f.
« Lisboa, 92 por 100.
« Rio de Janeiro, ao par.
Acções do Banco, 35 0/0 de premio.
Acções da companhia de Beberibe. . . 54$000
Acções da companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora.—sem vendas.
Disconto de lettras, de 12 a 15 por 0/0

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas. . . 28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas . . . . 16$000
» » 6$400 novas . . . 16$000
» » 4$000. . . . . . . 9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . . . 2$000
Pesos columnarios. . . . . . 2$000
» mexicanos. . . . . . . 1$860

(*) Este engenho parece que seriam substituidos com vantagem pelos moinhos de Begardus, ou mesmo por pedras de mó communs, ou de rodizio. Creio que assim poderiam ser dispensadas a segunda e terceira moagem. Os engenhos usados constam de dous cylindros de ferro, cujo diametro não exceda a dez polegadas. Os tres cylindros mais grossos talvez sejam preferiveis.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 14. . . . 184:239$296
Idem do dia 15. . . . . . . 17:492$771
201:732$067

Descarregam hoje 16 de abril.

Brigue inglez—*James Clarke*—mercadorias.
Brigue inglez—*Belle*—bacalhão.
Brigue inglez—*Titania*—idem.
Brigue inglez—*Volante*—idem.
Barca americana—*C. E. Tay*—farinha, chá e banha.
Brigue portuguez—*S. Manoel I*—barris de vinho.

IMPORTAÇÃO.

Barca ingleza «Aturiel», vinda de Liverpool, consignada a C. J. Astley & C., manifestou o seguinte:
1 caixa fio de sapateiro; a Burle & Souza.
6 ditas biscoitos; a Southall Mellors.
6 fardos ferros para engommar; a Brender & Brandis.
7 caixas e 2 barricas provisões, 2 ditas cerveja; a Fonte Irmãos.
3 caixas e 1 barrica provisões; a J. C. &c.
3 ditas couro de lustre; a Rabe S. & C.
1 dita ferragens; a Feidel Pinto.
1 dita e 100 gigos louça, 1 caixa fazenda de seda, 38 ditas e 30 fardos dita de algodão, 14 caixas lenços, 3 ditas fazendas de algodão e linho; a Fox Brothers.
3 caixas couro de lustre, 22 ditas folha de flandres, 65 ditas e 32 fardos fazendas de algodão, 1 barrica estanho, 500 barris polvora; a C. J. Asthey.
1 caixa fazenda, 6 ditas ditas de algodão. 1 dita dita de lãa e algodão; a J. Keller & C.
50 barricas cerveja, 1 fardo fazendas, 67 ditos e 15 caixas ditas de algodão, 5 ditas chapéos de sol; a Rostron R. & C.
26 barricas ferragens, 18 caixas linhas, 10 safras; a James Halliday.
3 barricas ferragens, 1 fardo fazendas de lãa; a Whyatt.
11 fardos fazendas de algodão; a J. Crabtree & C.
9 barricas e 4 caixas cobre, 1 dita e 21 barricas ferragens, 1 dita estanho, 50 ditas cerveja, 50 caixas vinho, 19 tonelladas, 1 quintal, 1 arroba e 7 libras de ferro; a Paton Nash & C.
45 caixas fazendas de algodão, 8 ditas linhas, 1 dita couro de porco, 33 safras; a Timm M. & Vinasse.
50 barris manteiga, 9 caixas fazendas de algodão, 3 fardos algodão para saccos; a Mc. Calmont & Comp.
7 caixas e 7 fardos fazendas de linho, 19 ditos e 13 caixas fazendas de algodão, 7 ditas ditas de linho, e algodão, 50 barris manteiga; a Johnston Pater & C.
8 caixas e 2 fardos fazendas de linho, 34 caixas e 37 fardos ditas de algodão; a Adamson Howie & C.
1 fardo fustão; a H. Brunn.
1 fardo tapetes, 26 ditos e 19 caixas fazendas de algodão; a N. O. B. & C.
15 fardos fazendas de algodão; a Isaac, Curio & C.
1 tonelada, 10 qq, 1 a e 4 lb de ferro; a Starr & Companhia.
3 caixas miudezas, 14 ditas linhas, 51 fardos e 48 caixas fazendas de algodão, 33 ditas ditas de linho e algodão, 3 ditas dito de seda e algodão; a H. Gibson.
11 toneladas, 18 quintaes, 3 arrobas e 15 libras de ferro, 1 caldeira, 71 taixas, 1 barrica tornos; a Bowman & C.
6 caixas biscoutos, 3 ditas queijos, 3 ditas conservas, 3 ditas chá, 10 gigos batatas, 1 barrica presuntos, 1 dita sal em jarra, 4 ditas carnes; a Geo Nesbith.
1 caixa e 1 fardo fazenda de algodão, 3 ditos cobertores de lãa; a Augusto C. de Abreu.
1 caixa machinismo; a R. & Bidoulac.
2 ditas bicos de seda e ditas de algodão, 15 caixinhas fructas em conservas; a ordem.
20 toneladas carvão de pedra, 10 ditas queimado, 28 caixas e 2 fardos fazenda de algodão, 1 dita dita de linho; a Barroca & Castro.
3 barricas drogas; a Bartholomeu F. de Souza.
50 caixas queijos; a F. G. de Oliveira.
58 fardos fazenda de algodão, 78 barricas enxadas, 2 ditas ferragens, 2 ditas couros, 13 quintaes ferro em folha e arcos, 4 toneladas e 10 quintaes ferro em barra; a S. P. Johnston & C.
2 saccos amostras; a diversos.
Brigue inglez «Titania», vindo de Terra Nova; consignado a J. Crabtree & C., manifestou o seguinte 2,700 barricas bacalháo; aos mesmos.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 14 . . . . 27:279$403
Idem do dia 15 . . . . . . 3:068$559
30:347$962

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 14 . . . . 3:091$259
Idem do dia 15 . . . . . . 182$358
3:273$617

Exportação.

Acaracu' pelo Ceará, hiate brasileiro «Exalação», de 37 toneladas, conduzio o seguinte: — 5 fardos, 2 parotes e 7 caixas fazendas, 1 mala e 3 barris vinho, 6 caixões, 3 latas e 2 barricas remedios, 2 caixões, 2 gigos e 2 barricas louça, 1 barrica e 1 caixão ferragens e diversas mercadorias, 3 barricas bolachas, 1 lata dita ingleza, 1 dita biscoito, 2 fardos taboinha, papelão e miudezas, 1 pipa e 1 garrafão vinho, 8 barricas farinha de trigo, 4 ditas cerveja, 3 barris vinagre, 1 lata e 1 barril azeite doce, 1 caixa vidro, 1 fogão de ferro, 1 sacco pimenta, 1 dito alfazema, 1 maço de junco, 1 pipa aguardente, 1 barril genebra, 2 barricas licores, 2 garrafões aguardente do reino, 1 caixão rolhas de cortiça e mais miudezas, 13 barricas com 33 arrobas e 30 libras de assucar, 70 volumes fazendas e outras mercadorias, 52 volumes differentes generos do paiz.

Marselha, brigue francez «Colbert», de 285 toneladas, conduzio o seguinte: — 3,870 saccos com 19,350 arrobas de assucar.

Gibraltar, brigue sueco «Arancen», de 211 toneladas, conduzio o seguinte: —3,397 saccos com 16,985 arrobas de assucar.

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 14 . . . . 23:354$501
Idem do dia 15 . . . . . . 3:119$995
26:474$496

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 15.

Parahiba—13 horas, vapor brasileiro «Paranà», commandante Daniel Flintes Coelho. Passageiros, Francisco Dias da Costa, José Joaquim de Souza Lima, Baldoino da Cruz Ribeiro, Hypolito Gadault, Manoel da Costa Ramos, Miguel L. Duarte Amaral.

Ilha da Assumpção—8 dias, patacho inglez «Albina», de 135 toneladas, capitão Le Boutillier, equipagem 7, em lastro; a Mc. Calmont & Companhia.

Editaes.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 30 do corrente vai novamente a praça para ser arrematados a quem por menos fizer, os concertos necessarios no empedramentos das areias do Giquiá estrada da Victoria avaliados em 1:115$ rs.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 15 de abril de 1856. O secretario,
A. F. da Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 30 do corrente, vai novamente a praça para ser arrematada, a quem por menos fizer, a obra do empedramento que precisa fazer-se no aterro dos Afogados, avaliada em 25:000$000 rs.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 15 de abril de 1856. O secretario,
Antonio Ferreira da Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 30 do corrente, vai novamente a praça para ser arrematados a quem por menos fizer, os reparos de que precisam a cadeia e casa da camara da cidade de Olinda, avaliados em 2:640$ rs.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 15 de abril de 1856. O secretario.
A. F. da Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 30 do corrente vai novamente a praça para ser arrematada, a quem mais der, a renda do sitio na estrada de Belem, avaliada annualmente em 170$ rs.

A arrematação sera feita por tempo de 25 mezes, a contar do 1.º de junho do corrente anno, ao fim de junho de 1858.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 15 de abril de 1856. O secretario,
A. F. da Annunciação.

O Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa, juiz de direito especial do commercio nesta cidade do Recife e provincia de Pernambuco por S. M. I. e C. que Deos guarde etc.

Faço saber aos que a presente carta de editos virem, e della noticia tiverem, que Joaquim Lucio Monteiro da Franca, me dirigio a petição do theor seguinte.

Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz de direito do commercio.—Diz Joaquim Lucio Monteiro da Franca que tendo obtido sentença contra Francisco Antonio de Carvalho Sequeira e Joaquim Duarte Pinto e Silva, como socios em uma taberna, e tendo sido intimada ao Sequeira, não foi ao socio Pinto e Silva, por não se achar nesta cidade; e como entende o supplicante que tendo sido intimada a um dos socios, não se faz necessario intimar-se ao outro, e ainda mais tendo este deixado correr a revelia a causa, por isso vem requerer a V. Exc. que mande passar mandado de penhora contra os bens dos supplicados, visto que ja se findaram as 24 horas sem que tenham pago, nem nomeado bens para pagamento da quantia constada no rosto da sentença, e nas custas que accrescerem.

Pede a V. Exc. lhe defira.—E R. Mc.—Miguel José de Almeida Pernambuco, procurador.

E mais senão continha em dita petição, na qual proferi o meu despacho do theor seguinte:

Seja a sentença intimada tambem ao supplicado Pinto, afim de proseguirem os mais termos da execução.

Recife 3 de março de 1856.—Peretti.

E mais se não continha em dito meu despacho, em vista do qual veio o supplicante com sua replica do theor seguinte:

Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz do commercio.—O supplicante vem requerer a V. Exc. que o admitta a justificar a ausencia do supplicado Joaquim Duarte Pinto e Silva, afim de ser intimado por carta de editos da sentença junta, e para todos os termos da execução, visto que o supplicante não sabe onde esta hoje elle, e só desta maneira he que se pode cumprir o respeitavel despacho retro.—E R. Mc.—Miguel José de Almeida Pernambuco, procurador.

Nada mais se continha em dita replica, em consequencia da qual proferi o meu despacho do theor seguinte.

Justifique.—Recife 5 de abril de 1856.—Peretti.

E mais se não continha em dito meu despacho, em virtude do qual passou o supplicante a produzir suas testemunhas que justificaram a ausencia e incerteza do lugar da morada do supplicado: e subindo os autos a minha conclusão, proferi a minha sentença do theor seguinte.

A'vista da inquirição de fls. 36 a fls. 37, julgo provada a ausencia de Joaquim Duarte Pinto e Silva, e para a intimação e citação de que trata a replica de fls. 34 verso, mando que se passem editaes com o prazo de 30 dias e custas.

Recife 9 de abril de 1856.—Anselmo Francisco Peretti.

E mais se não continha em dita sentença, por força da qual o escrivão a meu cargo, abaixo assignado, fez passar a presente carta de editos com o prazo de 30 dias, pelo theor da qual cito, intimo e hei por intimada a sentença exequenda na pessoa do supplicado executado Joaquim Duarte Pinto e Silva, por todo conteúdo na petição do supplicante exequente Joaquim Lucio Monteiro da Franca, para que no referido termo de 30 dias compareça neste juizo por si, ou por seu procurador bastante, para pagar e dar bens a penhora, para pagamento da quantia constante do rosto da sentença, e o não fazendo se procederá penhora em seus bens, e proseguira a execução nos ulteriores termos, até final e real embolso do supplicante.

E portanto, toda e qualquer pessoa, parentes, amigos ou conhecidos do referido supplicado, lhe façam aviso do quanto acima fica exposto. sob pena de tudo se proceder a sua revelia.

E para que chegue a noticia de todos mandei passar o presente, que sera publicado pela imprensa e affixado nos lugares do costume.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 14 de abril de 1856.

Eu Francisco Ignacio de Torres Bandeira, escrivão a subscrevi.

Anselmo Francisco Peretti.

Avisos Maritimos.

Companhia

de navegação a vapor Luso-Brasileira.

Até o dia 18 do corrente espera-se neste porto o vapor *D. Pedro II*, commandante o tenente Viegas do O' e depois da competente demora seguirá para a Bahia e Rio de Janeiro: para passageiros, dirijam-se ao agente Manoel Duarte Rodrigues, rua do Trapiche n. 26.

Para o Ceara'

o hiate Novo-Olinda: a tratar com Tasso Irmãos.

— Para Loanda com escala por Benguella e Mossamedes a barca portugueza «Progressita», segue com toda a presteza; recebe algumas miudezas e passageiros, para os quaes tem os mais aceiados commodos: trata-se com os consignatarios T. de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, ou com o capitão o Sr. Paulo Antonio da Rocha, na praça.

— Para o Rio de Janeiro sahe com toda a brevidade, por ter parte da carga prompta, o patacho *Flor da Bahia*, capitão Damião da Costa Rosa: quem quizer carregar o resto, entenda-se com o consignatario Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

Para o rio de Janeiro

Segue com toda a brevidade por ter grande parte do carregamento, o brigue nacional HERCULES: para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34.

COMPANHIA FRANCO-AMERICANA.

Serviço regular do Havre ao Rio de Janeiro com as escalas de Lisboa e Santa Cruz de Teneriff, Gorée, Pernambuco e Bahia, por vapores novos de 2,000 tonelladas e força de 500 cavallos.

Preço das passagens	1ª mesa. Camarotes de 1ª classe		Camarote de 2ª class		2ª mesa. Sem roupa de cama nem vinho
Part. de Pern.	Sing.	Dobr.	Sing.	Dobr.	
Para o Havre . .	f.1300	f.950	f.1100	f. 750	f.550
Lisboa . .	1100	800	970	660	450
S. Cruz de Teneriff .		556			380
Gorée . .		450			300

O vapor Cadiz desta companhia partirá do Rio de Janeiro no dia 8 do corrente: para frete e passagens, aos consignatarios L. Lecomte Feron & C., rua da Cruz n. 20.

AVISO MARITIMO.

Precisa-se contratar marinheiros nacionaes para seguir viagem no brigue nacional «Adolpho» para o Rio Grande do Sul com escala por Maceió: a tratar na rua do Vigario n. 5, ou com o capitão Manoel Pereira de Sá a bordo ou na praça do commercio.

— Para Maceió segue até o dia 22 do corrente o brigue brasileiro «Adolpho»; para carga e passageiros, trata-se na rua do Vigario n. 5, ou com o capitão Manoel Pereira de Sá, na praça do commercio.

Maranhão e Pará

Segue com brevidade o palhabote «Venus», recebe carga e passageiros; a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

Maranhão.

Segue no dia 18 do corrente o patacho «Santa Cruz», só recebe passageiros: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

PARA O RIO DE JANEIRO segue com muita brevidade por ter grande parte de seu carregamento, o bem conhecido patacho «Bom Jesus», e de primeira marcha, para o resto da carga, se poderão entender com o seu proprietario Bartholomeo Lourenço, no trapiche do algodão, ou na rua da Madre de Deos, n. 2.

Companhia brasileira de paquetes a vapor.

O vapor *Tocantins*, commandante o capitão de fragata G. Mancebo, espera-se dos portos do norte a 29 do corrente, em seguimento para Maceió, Bahia e Rio de Janeiro: agencia, rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

Leilões.

— A directora do collegio N. S. da Divina Providencia, tendo de seguir para a Europa no primeiro vapor, fará leilão, por intervenção do agente Oliveira, da mobilia e mais objectos de sua casa, consistindo em um excellente piano vertical, inglez, sofá, cadeiras, ditas de braços e de balanço, candelabro, lanternas, vasos e casticaes de porcellana dourada, camapé, mesa redonda, consolos, commodas, feitos francezes, banquinhas de costura, um lindo sanctuario, redomas com peanhas, 1 rica colxa de damasco, 1 espelho grande de vestir, toucadores, mesa de jantar elastica, aparadores, apparelho de porcellana para chá, bandejas, globo para escada, venesianas, mesas, bancos e mais arranjos proprios para aula, banheiro, taixos de cobre, trem de cozinha, etc., uma preta moça que sabe fazer bem todo o serviço de uma casa de familia, menos engommar e coser, sendo perfeita cozinheira; assim mais um mulatinho acaboclado, de 8 annos de idade: quarta-feira 16 do corrente, as 10 horas da manhãa, no indicado collegio, aterro da Boa-Vista n. 8.

— O agente Borja fara leilão da bem conhecida taberna sita na rua de Collegio n. 16, muito afreguezada para o matto, constando de armação, todos os generos, especiarias e mais objectos etc. existentes na mesma, tudo em perfeitissimo estado; a qual sera entregue pelo maior preço offerecido, visto não haver limite algum, pois que he para liquidação: quinta-feira 17 do corrente as 11 horas da manhãa.

— O agente Borja fara leilão em seu armazem, na rua do Collegio n. 15, de uma grande quantidade de obras de marcineria novas e usadas, e outros muitos objectos de diversas qualidades, que seria enfadonho menciona-los, os quaes se acharão patentes no mesma armazem para exame dos senhores pretendentes; e se entregarão sem recusa de qualquer preço offerecido, visto que não ha limite: sexta-feira 18 do corrente, as 11 horas da manhãa.

Avisos Diversos.

—Na rua dos Copiares n. 20, lava-se, engomma-se, e armam-se bandejas de bolos, por menos preço do que em outra qualquer parte.

—Quem precisar de uma pessoa para escripturario ou cobrança, dirija-se a rua da Florentina casa n. 6, a qualquer hora do dia que achará com quem tratar, ou annuncie para ser procurado.

—Precisa-se de uma ama secca: na rua Bella n. 24.

—Precisa-se de uma ama de leite forra ou captiva, sem vicios nem achaques, e que tenha boa conducta, paga-se bem: no pateo do Hospital n. 26, sobrado.

O abaixo assignado, de novo torna a patentear a sua extremosa gratidão as estimaveis pessoas que tiveram a bondade de comparecer no acto funebre celebrado na matriz de Santo Antonio, pelo repouso da alma de sua muito prezada irmãa Anna Alexandrina, que Deos tenha em sua santa gloria. Com muita especialidade gratifica ao respeitavel e Rvm. padre-mestre ex-provincial Frei Lino, pela summa caridade que praticou, quando junto ao leito de dor, recebeu o ultimo suspiro que exhalou no dia 13 do proximo passado, sua sempre lembrada irmãa, Maria Alexandrina, que Deos foi servido chama-la para si; repetindo tambem a caridade de comparecer no dia 9 do corrente, na occasião do passamento da dita irmãa Anna Alexandrina, com os soccorros da nossa santa religião, que só Deos lhe recompensará.

O Rm. Sr. padre vigario Joaquim José de Menezes, muito se prestou (até quando exhalou o ultimo suspiro), no segundo golpe que soffreu o abaixo assignado desta sua irmãa, que só mesmo nosso bom Deos poderá compensar.

Não poderei tão pouco esquecer os valiosos e prestantes serviços que recebi de meu amigo o Sr. Manoel Juvencio de Saboia, não só na molestia, como no funeral de minha saudosa irmãa, que ficarão gravados em meu eterno reconhecimento. — *Francisco Alexandrino de Vasconcellos Callaça.*

Recife 15 de abril de 1856.

— Quem precisar de uma ama com muito bom leite, dirija-se a rua do Queimado, loja n. 14.

— Paton Nash & Companhia declaram que João Pedro Jesus de Matta deixou de ser seu caixeiro desde hontem 14 do corrente mez. Recife 15 de abril de 1856.

— Precisa-se alugar uma ama forra ou captiva, para fazer o serviço de casa e rua, paga-se bem: na rua do Queimado n. 7.

— Quem tiver alguma escrava que engomme e cozinhe bem, e quizer alugar, annuncie para ser procurado.

— Um homem solteiro precisa de uma cozinheira ou cozinheiro, paga-se bem á vista de seu trabalho: na rua do Queimado n. 38.

ATHENEU PERNAMBUCANO

Hoje 16 do corrente, ás 3 horas da tarde, haverá sessão preparatoria no salão da FACULDADE.—O 1º secretario, *Ayres de Albuquerque Gama.*

CURSO DE PHILOSOPHIA POR BARBE.

Está a sahir do prelo a primeira parte desta excellente obra, traduzida do francez por João M. M. Navarro, a qual torna-se muito recommendavel aos que principiam o estudo da philosophia, pela sua clareza e concisão. Recebem-se assignaturas nesta typographia, sendo a 2$000 para os assignantes, e 3$000 a vulsos, promettendo-se até o fim do anno dar-se a conclusão do curso.—J. M. M. N.

AO PUBLICO.

Joaquina Lourença de Luna, professora particular autorisada pelo governo da provincia, avisa aos pais de suas alumnas, que mudou a sua aula para o sobrado immediato ao em que residia, na rua de Hortas, e se acha com a sua aula ja aberta: tambem scientifica aos pais de familias, que ella está prompta a receber pensionistas e educa-las, no que he concernente a uma senhora, para cuja tarefa já tem designado commodos sufficientes em sua casa. Julga desnecessario reiterar o zelo, assiduidade e esmero, que a annunciante ha sempre tomado no ensino de suas alumnas, visto como a pratica de muitos annos o tem exhuberantemente provado.

— Quer-se alugar um escravo para serviço de casa: a tratar na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

— Precisa-se de um Sr. padre para capellão de um engenho e para ensinar uns meninos a primeiras lettras, perto da praça: o Sr. padre que quizer, pode dirigir-se a rua de Hortas n. 114.

— Em dia de Pascoa, fugio do sitio da Tamarineira, collegio da Conceição na Cruz de Almas, o negro Joaquim, de idade 45 annos, grosso, boa estatura, meio zambo das pernas, quebrado da verilha direita, cujo volume he grande bastante, he de nação; promette-se a qualquer que o capturar, generosa compensação, ja que a policia não cura destas cousas.

— A directora do collegio da Conceição na Cruz de Almas, participa as familias que se tinham proposto antes da invasão nesta cidade do cholera, de mandar meninas para aquelle collegio, que o podem desde agora fazer, pois está resolvida a recebe-las, por confiar na protecção da divina patrona do mencionado collegio, até hoje ao abrigo daquelle flagello.

— Precisa-se de um feitor bom hortelão: quem estiver neste caso, dirija-se a Cruz de Almas ao collegio da Conceição; alli tambem se precisa de um criado que saiba comprar, e de fiador a sua conducta.

— Engomma-se roupa com toda a perfeição e promptidão: no becco de João Francisco n. 7.

— Christiani & Irmão declaram que o Sr. José Feliciano Machado deixou de ser seu caixeiro desde o dia 15 do corrente.

— Aluga-se o terceiro andar da casa n. 40 da rua da Cruz do Recife; no primeiro andar da mesma casa se darão as informações necessarias.

— Precisa-se arrender um engenho que seja para o sul, distante desta cidade até 10 leguas, e que esteja em bom estado, capaz de moer; da-se preferencia ao que for de agua: quem o tiver para arrendar, dirija-se a loja de fazendas da esquina da rua do Rangel.

— Ao Rvm. Sr. Francisco Antonio da Cunha Pereira, da provincia do Ceará, roga-se que mande ultimar na cidade da Fortaleza com o Sr. Antonio de Oliveira Borges o negocio que tratou em janeiro de 1854 na sua fazenda, Nova Olinda, do Ouricury, com uma pessoa da villa de Parnaguá de Piauhy; visto que não foi ultimado na do Joazeiro com o Sr. Dr. João de Souza Reis, como havia promettido; alias, declare o lugar certo da sua residencia para ser procurado, e não ser incommodado.

— Precisa-se alugar um preto para uma padaria de pouco serviço, embora não saiba trabalhar, paga-se bem: na rua do Mondego, padaria do Saraiva n. 95.

—Precisa-se de costureiras que se encarreguem de cortar e mandar fazer costuras de todas as qualidades em porção: a tratar na praça da Independencia n. 4.

— Aluga-se uma escrava para o diario de uma casa: quem a pretender, dirija-se a rua do Queimado, primeiro andar n. 6.

— O abaixo assignado avisa ao respeitavel corpo de commercio, que desde o dia 15 do corrente deixou de ser caixeiro da casa commercial dos Srs. Christiani & Irmão, e agradece cordealmente aos mesmos senhores e a sua familia o bom tratamento que lhe deram durante o tempo em que exerceu as funcções de seu emprego.

José Feliciano Machado.

— Aluga-se um pequeno armazem na travessa da Senzala Velha, com estrado e parêdes forradas de madeira, que servio de deposito de couros, podendo ter outra qualquer applicação: trata-se na loja contigua, rua da Cadeia do Recife n. 50, esquina da referida travessa.

— O abaixo assignado avisa ao respeitavel publico, que mudou a sua residencia da rua do Padre Floriano n. 66, para a rua Direita n. 39, aonde podera ser procurado.

Antonio Pereira Lagos Guimarães.

Rua Nova n. 22, defronte da Conceição.

L. Delouche tem a honra de annunciar, que acaba de receber relogios americanos com campa, ditos francezes com caixa, ditos de algibeira, correntes, chaves, caixas de musica, por preço muito em conta. Encarrega-se de todos os concertos pertencentes a sua arte, com perfeição e muita brevidade, visto que estão tres pessoas a trabalhar.

— Quem tiver para alugar 4 escravos para o serviço de engenho, annuncie para ser procurado.

MUTILADO

ILEGÍVEL

Terceira edição.

TRATAMENTO HOMEOPATHICO.

Preservativo e curativo

DO CHOLERA-MORBUS,

PELOS DRS.

CHARGÉ E JAHR,

e instrucção ao povo para se poder curar desta enfermidade, administrando-os remedios mais efficazes para atalha-la, em quanto se recorre ao medico, ou mesmo para cura-la independente deste, nos lugares em que não os ha.

TRADUZIDO EM PORTUGUEZ PELO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

Estes dous opusculos contém as indicações mais claras e precisas, e pela sua simples e concisa exposição estão ao alcance de todas as intelligencias, não só pelo que diz respeito aos meios curativos, como principalmente aos preservativos que tem dado os mais satisfactorios resultados em toda a parte em que elles tem sido postos em pratica.

Sendo o tratamento homeopathico o unico que tem dado grandes resultados no curativo desta horrivel enfermidade, julgamos a proposito traduzir estes dous importantes opusculos em lingua vernacula, para desfarte facilitar a sua leitura a quem ignore o francez.

Vende-se unicamente no Consultorio do traductor, rua Nova n. 52, por 2$000. Vendem-se tambem medicamentos precisos e boticas de 12 tubos com um frasco de tinctura 15$, uma dita de 30 tubos com ro e 2 frascos de tintura rs. 25$000.

PEDRAS PRECIOSAS.

Adereços de brilhantes, diamantes e perolas, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, botões e anneis de differentes gostos e de diversas pedras de valor.

Compram, vendem ou trocam prata, ouro, brilhantes, diamantes e perolas, e outras quaesquer joias de valor, a dinheiro ou por obras.

MOREIRA & DUARTE.

LOJA DE OURIVES

Rua do Cabuga' n. 7.

Recebem por todos os vapores da Europa as obras do mais moderno gosto, tanto de França como de Lisboa, as quaes se vendem por preço commodo como costumam.

OURO E PRATA.

Adereços completos de ouro, meios ditos, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, cordões, trancelins, medalhas, correntes e enfeites para relogio, e outros muitos objectos de ouro.

Apparelhos completos, de prata, para cha, bandejas, salvas, castiçaes, colheres de sopa e de cha, e muitos outros objectos de prata.

REPERTORIO DO MEDICO HOMEOPATHA.

EXTRAHIDO DE RUOFF E BOENNINGHAUSEN E OUTROS,

e posto em ordem alphabetica, com a descripção abreviada de todas as molestias, a indicação physiologica e therapeutica de todos os medicamentos homeopathicos, seu tempo de acção e concordancia, seguido de um diccionario da significação de todos os termos de medicina e cirurgia, e posto ao alcance das pessoas do povo, pelo

DR. A. J. DE MELLO MORAES.

Os Srs. assignantes podem mandar buscar os seu exemplares, assim como quem quizer comprar.

A HOMEOPATHIA E O CHOLERA.

Unico tratamento preservativo e curativo do cholera-morbus, PELO DOUTOR **Sabino Olegario Ludgero Pinho.** *Segunda edição.*

A benevolencia com que foi acolhida pelo publico a primeira edição deste opusculo, esgotada no curto espaço de dous mezes nos induzio a reimpressão.

Custo de cada exemplar. . . . . . 1$000

Carteiras completas para o tratamento do cholera e de muitas outras molestias, a. . . . . . 30$000

Meias carteiras. . . . . . 16$000

Os medicamentos são os melhores possiveis. Consultorio central homeopathico, rua de Santo Amaro (Mundo-Novo) n. 6.

CASA DOS EXPOSTOS.

Precisa-se de amas para amamentar crianças na casa dos expostos: a pessoa que a isso se queira dedicar, tendo as habilitações necessarias, dirija-se a mesma, no pateo do Paraizo, que ahi achará com quem tratar.

ARRENDAMENTO.

A loja e armazem da casa n. 55 da rua da Cadeia do Recife junto ao arco da Conceição, acha-se desoccupada, e arrenda-se para qualquer estabelecimento em ponto grande, para o qual tem commodos sufficientes: os pretendentes entender-se-hão com João Nepomuceno Barroso, no segundo andar da casa n. 57, na mesma rua.

PUBLICAÇÃO' LITTERARIA.

Repertorio juridico.

Esta publicação será sem duvida de utilidade aos principiantes que se quizerem dedicar ao exercicio do fôro, pois nella encontrarão por ordem alphabetica as principaes e mais frequentes occurrencias civis, orphanologicas, commerciaes e ecclesiasticas do nosso fôro, com as remissões das ordenações, leis, avisos e regulamentos por que se rege o Brasil, e bem assim resoluções dos Praxistas antigos e modernos em que se firmam. Contém semelhantemente as decisões das questões sobre sizas, sellos, velhos e novos direitos e decimas, sem o trabalho de recorrer á collecção de nossas leis e avisos avulsos. Constará de dous volumes em oitavo, grande francez, e o primeiro sahio á luz e está á venda por 8$ na loja de livros n. 6 e 8 da praça da Independencia. Os senhores subscriptores desta publicação existentes em Pernambuco, podem procurar o primeiro volume na loja de livros acima mencionada: no Rio de Janeiro, na livraria do Sr. Paula Brito, praça da Constituição; no Maranhão, casa do Sr. Joaquim Marques Rodrigues; e no Ceará, casa do Sr. J. Jose de Oliveira.

Massa adamantina.

Francisco Pinto Ozorio chumba dentes com a verdadeira massa adamantina e applica ventosas pela atracção do ar: póde ser procurado confronte ao Rosario de Santo Antonio n. 2.

Commissão de beneficencia da freguezia S. Antonio

A commissão abaixo assignada da freguezia de S. Antonio, encarregada por parte da associação commercial beneficente de soccorrer a pobreza, avisa as pessoas desvalidas que precisarem de soccorros, queiram entender-se a qualquer hora, na rua Nova n. 7, casa de Antonio Augusto da Fonseca, na rua do Trapiche n. 40, de Thomaz de Faria, e na mesma rua n. 36, de Salustiano de Aquino Ferreira. Pernambuco 25 de fevereiro de 1856. —Salustiano de Aquino Ferreira.—Antonio Augusto da Fonseca.—Thomaz de Faria.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os novos bilhetes da loteria 1ª da matriz da Parahibuna, que devia correr de 7 a 9 do corrente: os premios até 4:000$000 rs., serão pagos a distribuição das listas.

NORAT & IRMAÕS,

Rua da Aurora n. 58, primeiro andar.

Tem a honra de participar ao respeitavel publico desta cidade e com especialidade aos seus freguezes, que possuem presentemente o mais rico e completo sortimento das mais finas e delicadas obras de brilhante, perola e ouro, como até o presente não tem apparecido nesta praça; e affiançam a todos o mais modico preço por que vender se pode, obras de gosto e mais apurado: os mesmos desejam ardentemente que o respeitavel publico não deixe de ir lançar as vistas sobre as suas obras, afim de que seja conhecida a verdade de que encerram estas poucas palavras.

— Deseja-se fallar com o Sr. Joaquim Ribeiro Guimarães a negocio de seu interesse, na praça da Independencia n. 18 e 20.

—Candida Maria da Paixão Rocha, professora particular de instrucção primaria, residente na rua do Vigario do bairro do Recife, faz sciente aos pais de suas alumnas, que acha-se aberta sua aula, na qual continúa a ensinar as materias do costume, e admitte pensionistas, meio-pensionistas e externas, por preços razoaveis.

— Precisa-se de um criado moço, e que saiba boleiar: na rua do Collegio n. 25, primeiro andar.

Roubo.

O abaixo assignado promette gratificar generosamente os Srs. relojoeiros, ourives, inspectores de quarteirão ou outra qualquer pessoa, que poder descobrir o roubo feito em sua casa, na noite do 1º do corrente, na travessa da Madre de Deos, de um relogio de ouro patente suisso n. 3424, de caixa coberta, sendo esta taza por baixo e ovada por cima, esmaltado de ambos os lados com vivos de azul e branco, sobre o mesmo esmalte uma corrente de ouro inglez (mas não das modernas) de elos miudinhos e lapidados, com o encadeado muito unido, e mais um chave de ouro de formato grande e oitavada, mas inutilisada para dar corda por estar quebrada na ponta: por isso recommenda a pessoa que algum destes objectos descobrir, annuncie para ser procurado, ou dirija-se ao annunciante, na mesma travessa n. 18, para ser gratificado.—Joaquim Antonio Gonçalves da Rocha.

Pommateau, aterro da Boa-Vista n. 16.

tem a honra de participar as pessoas que lhe ficam devendo, que elle se acha na necessidade de pôr os seus nomes no *Diario*, pois não quizeram responder aos annuncios de 27 de fevereiro até 3 de março. Na mesma casa vende-se vinho francez de primeira qualidade, em barrica.

— O arrematante dos impostos das aferições, mascates e boceteiras do municipio do Recife faz certo que he chegada a época de reverem as aferições já feitas; assim como de novo convida a virem aferir os estabelecimentos e a grande quantidade de medidas de rua que deixaram de aferir no tempo competente, e até o presente não o tenham feito; tambem lembra aos mascates e boceteiras a tirarem as suas licenças, do contrario usará dos meios da lei, visto ser prejudicado em seus interesses.

O 59 A,

confronte ao Rosario em Santo Antonio, avisa aos seus freguezes, que já recebeu o verdadeiro extracto de absynthe da Prussia.

Instrucção moral e religiosa.

Este compendio de historia sagrada, que foi approvado para instrucção primaria, tendo-se vendido antes da approvação a 1$600 rs., passa a ser vendido a 1$000: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

—Precisa-se alugar um pequeno sitio perto desta cidade, o qual tenha lugar para guardar um cavallo, e que não seja proximo a charco ou agua estagnada, e se tiver casa assobradada melhor será: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

Attenção.

Quem tiver e quizer arrendar um sitio perto da cidade de Olinda, o qual tenha boa agua, baixa para capim, e commodos para 4 ou 6 bois, annuncie para ser procurado, ou entenda-se com o Sr. Dr. João Lins Cavalcanti de Albuquerque, na cidade do Recife, ou com Jeronymo de Albuquerque Mello, no seu engenho Ramos, em Pao d'Alho. Adverte-se que, se o sitio for junto a estrada que vai de Olinda para o norte será preferido, e paga-se mais do que valer.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Na casa da residencia do Dr. Loureiro, na rua da Saudade, defronte do Hospicio, precisa-se de uma ama de leite, forra, que não traga comsigo o filho, que tiver, de peito.

Associação Commercial Beneficente.

A commissão encarregada pela Associação Commercial Beneficente para distribuir soccorros ás classes necessitadas do bairro do Recife, faz saber a quem se achar nessas circumstancias, que póde procurar a qualquer de seus membros em suas residencias abaixo designadas a qualquer hora. A commissão estando disposta a não se poupar a quaesquer esforços para bem desempenhar a missão que lhe foi confiada, roga as pessoas que tiverem conhecimento de que qualquer pessoa em suas visinhanças se acha no caso de precisar de soccorro, mas que por qualquer circumstancia não o possa solicitar, queiram ter a bondade de assim lh'o indicar, afim de promptamente serem ministrados os necessarios auxilios.

Antonio Alves Barbosa, rua de Apollo n. 30.
José Teixeira Bastos, rua do Trapiche n. 17.
João da Silva Regadas, rua do Vigario n. 4.

Associação Commercial Beficente.

A commissão nomeada pela Associação Commercial Beneficente desta praça, com o fim de soccorrer as pessoas necessitadas e desvalidas da freguezia da Boa-Vista, por occasião da epidemia reinante, previne a quem estiver em taes circumstancias, de procurar a João Matheus, rua da matriz n. 18; Manoel Teixeira Bastos, rua da Alegria n. 7; Vicente Alves de Souza Carvalho, Estancia: desde as 7 horas da manhãa ás 9, e a tarde das 4 horas em diante: em caso urgente, porém, serão soccorridos promptamente a qualquer hora. A commissão desejando acertar na fórma de distribuir os soccorros, roga encarecidamente a todas as pessoas mais conhecidas desta freguezia que tiverem perfeita sciencia do estado de precisão de qualquer familia, se dignem de a informar afim de ser com promptidão attendida. Recife 25 de fevereiro de 1856.—João Matheus, Manoel Teixeira Bastos, Vicente Alves de Souza Carvalho.

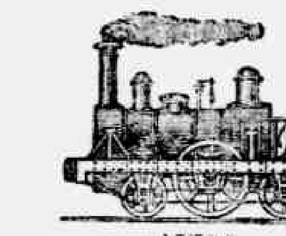
—Trocam-se notas do Banco do Brasil por sedulas: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

—Precisa-se de uma ama de leite que seja sadia e tenha bom leite, para criar um menino muito manso: no aterro da Boa-Vista n. 26, segundo andar, ou no Recife, rua do Torres n: 14, e promette-se gratificar satisfactoriamente á pessoa que der noticia e a levar a casa acima.

— Necessita-se de duas pessoas para o serviço interno de uma casa estrangeira, uma que cozinhe e engomme e outra que entenda de costura: na rua Nova n. 17.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, que saiba engommar: na rua do Hospicio n. 34.

—Quarta-feira 16 do corrente mez, depois da audiencia do Illm. Sr. Dr. juiz dos feitos da fazenda, que será as 10 horas do dia, se hão de arrematar em ultima praça os bens abaixo declarados, que foram penhorados pela fazenda provincial a seus devedores. Um sobrado de um andar na travessa do Carmo n. 10, com 2 quartos, 2 salas, 1 sotão, e nelle 2 quartos e cozinha, com 25 palmos de largura e 80 de fundo, tendo mais 1 loja, contendo 2 quartos, 2 salas, quintal em aberto, por 1:500$, penhorado aos herdeiros de Maria Josepha de Mattos; uma casa terrea arruinada na rua do Motocolombó n. 38, sendo de pedra e cal, com 26 palmos de frente e 60 de fundo, com 2 quartos, cozinha dentro, quintal em aberto, por 100$, penhorada a João da Cruz; uma casa terrea na rua Direita dos Afogados n. 35, com 100 palmos de fundo e 30 de frente, porta e janella, com 3 quartos, 2 salas, cacimba, cozinha fóra e quintal murado, por 500$, penhorada a Antonio Vaz Salgado; uma casa terrea na rua do Motocolombó n. 31, com 20 palmos de frente e 45 de fundo, com 2 salas e 1 quarto, cozinha dentro, quintal em aberto, sendo de pedra e cal, com alguns arvoredos de fructo, por 200$, penhorada aos herdeiros de Rita da Cunha; uma casa terrea de taipa na rua de S. Miguel n. 50, com 10 palmos de frente e 35 de comprimento, com porta e janella, por 45$, penhorada a Paulino Herculano de Figueiredo; uma casa terrea na rua da Concordia n. 1, com 32 palmos de frente e 30 de fundo, cozinha fóra, chão foreiro, por 200$, penhorada a João Baptista Soares; o terreno da casa terrea de taipa na rua do Quiabo n. 52, com 30 palmos de frente e 80 de fundo, e uma porção de telhas por 25$, penhorada ao tutor dos menores filhos de Bento Joaquim de Carrvalho; a renda annual da casa terrea na rua de Santa Rita n. 107, por 24$, penhorada a João Thomaz Pereira; umas taboas de pinho, um balcão, um caixão, uma balança com pesos e medidas, 50 garrafas, 8 botijas, 5 barris, 4 barricas, 2 garrafões, 6 cadeiras e 1 mesa, tudo por 20$080, penhorado a Gregorio da Costa Monteiro; uma escrava por nome Thereza, de nação Angola, com idade de 40 annos, por 300$, penhorada a viuva Vieira & Filhos; a armação da loja de sapateiro da rua Direita desta cidade n. 100, a qual tem caixilhos com vidros, por 10$, penhorada a João Gomes Pereira; duas bancas de amarello e 5 cadeiras da mesma madeira com assento de palha, por 16$, penhorado tudo a Caetano de Assis Campos.—O solicitador,
João Firmino Correia de Araujo.

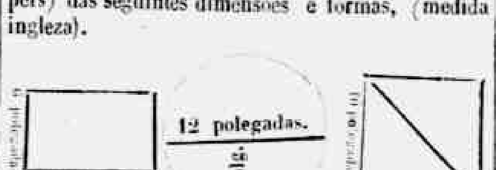


AVISO

aos negociantes em madeiras e outros pretendentes.

Referindo-se a seus annuncios do mez de setembro do anno passado, a respeito de contratos de madeiras para a estrada de ferro do Recife ao Rio de S. Francisco, o empreiteiro da dita estrada George Furness, pelo presente avisa aos negociantes em madeiras e quem mais possa interessar, que desde já recebe propostas para contratos de madeiras quadradas de qualidades mais duradouras e das dimensões seguintes: 15, 12, 9 e 6 polegadas de grossura, e de 10 a 30 pés de comprimento, tudo medida ingleza.

Tambem se recebe amostras de dormentes (sleepers) das seguintes dimensões e fórmas, (medida ingleza).



Cada proposta deve ser acompanhada dos nomes por extenso dos pretendentas, e a quantidade de madeiras que poderá contratar.

O preço dos dormentes deve ser estipulado por cada mil, e devem ser entregues em qualquer lugar da estrada, desde o Recife até a villa do Cabo, conforme as ordens do empreiteiro.

Adverte-se que os pretendentes devem dar uma garantia competente em como podem cumprir com os seus contratos.

Para outras informações podem os pretendentes dirigir-se a rua do Trapiche n. 12, segundo andar, escriptorio de George Furness.

—O Dr. Vicente Pereira do Rego participa aos seus amigos e constituintes, que transferio o seu escriptorio de advocacia para a rua do Queimado n. 46, primeiro andar, onde pode ser consultado das 10 horas da manhãa em diante.

Cidade da Victoria.

João Francisco Coelho Bitancourt, advogado formado em direito, residente na referida cidade, offerece o seu prestimo no fôro, tanto civel como crime, a qualquer pessoa que delle se queira utilisar, protestando ser pontual no desempenho de seus deveres. Igualmente trata de cobranças, tanto amigaveis como judiciaes.

ATTENÇÃO

Ainda continua a estar fugida desde o dia 17 do mez de fevereiro do anno presente a escrava Joaquina de nação, com os signaes seguintes; alta, secca, cara descarnada, falta de dentes, pernas arqueadas, (poucas vezes deixa o cachimbo) cuja negra fugio em companhia de um soldado do decimo batalhão, o qual se acha desertor e chama-se Manoel Joaquim da Silva, he crioulo, moço, cara redonda, olhos grandes, (he alguma cousa relaxado). A negra foi captiva por muitos annos de uma Srª viuva moradora em Panellas de Miranda, cuja Srª ainda existe no mesmo lugar, e a negra ahi deixou um filho, porem forro: por tanto, roga-se as autoridades puliciaes e capitães de campo, a captura desta escrava, levando-a a seu senhor Manoel Ferreira Chaves na rua da Gloria, na Boa-Vista, casa n. 94.

Precisa-se de uma pessoa liberta, preta ou parda, para tratar de uma criança de 2 annos: no pateo do Carmo sobrado n. 9.

—Aluga-se a loja do sobrado de dous andares n. 26, no pateo do Terço: a tratar com Luiz Gomes Ferreira, no Mondego.

BRANDAÕ VARETAS.

ALERTA!

São chegados á praça da Independencia n. 4 estes apreciaveis charutos; sua optima qualidade e nunca saboreado gosto os tornam recommendaveis. Ha já bastante tempo que não apparece tão boa fazenda, seu diminuto preço ainda mais anima; quem deixará de comprar uma inexgotavel fumaça por 2$500 rs., pequenas caixas de 25 e 50 charutos! Alerta, Srs. fumantes! Quem sabe apreciar uma fumaça, deve vir ver os verdadeiros—Brandão Varetas.

— Fugio no dia 6 de março proximo passado um escravo crioulo, de nome Cypriano, alto, côr fula, barriga grande, pés grossos, muito prosista, idade 60 annos: roga-se a quem delle souber o leve ou mande dar parte na rua Direita, padaria n. 69.

— Aluga-se um grande sitio com optima casa de sobrado, casa para feitor, senzala, cocheira e estribaria para 4 cavallos ou mais, com quintal murado, cacimba, curraes e armazens, arvores fructiferas de toda a qualidade, optima agua de beber, grande baixa de capim, muito perto da praça, na estrada de João de Barros: a tratar no mesmo sitio com a Exma. Sra. viscondessa de Goianna.

— Offerece-se uma pessoa que tem pratica para administrador de qualquer engenho: quem precisar dirija-se a rua da Santa Cruz n. 28, que achará com quem tratar.

— Precisa-se de um bom forneiro, paga-se bem agradando: no Forte do Mattos, rua do Burgos n. 81, padaria.

— Precisa-se de uma ama forra que se queira encarregar do serviço interno de uma casa de homem solteiro: quem se achar nestas circumstancias, dirija-se ao Forte do Mattos, rua do Burgos n. 31.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, para todo serviço de casa de 2 pessoas de familia: na rua do Torres n. 20, terceiro andar.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua da Cadeia n. 6, casa terrea.

— Em virtude das ordens do Illm. Sr. inspector da alfandega, precisa-se de serventes livres para o trabalho da capatazia da mesma alfandega: quem estiver nestas circumstancias, entenda-se as 8 horas da manhãa na mesma alfandega com o respectivo porteiro.

— Precisa-se de um bom feitor para tomar conta de um sitio perto da praça: no armazem da rua Nova n. 67.

— Precisa-se de um ama forra ou captiva, para todo serviço de uma casa de pouca familia: na rua da Moeda n. 2.

— Necessita-se de uma pessoa para serviço externo de uma casa, que cozinhe e engomme: quem tiver ou esteja neste caso, dirija-se a rua da Cruz no Recife n. 8, terceiro andar, ou annuncie.

ULTIMO PEDIDO.

Antonio Joaquim Vidal & Companhia pedem encarecidamente aos seus devedores de debitos antigos, o favor de lhes virem satisfazer seus debitos até o fim do andante, do contrario terão de ser incommodados por meios judiciaes, o que de certo acontecerá aquelles dos senhores, que ao nosso pedido desatenderem; e para que se não queixem sem razão, os prevenimos pelo presente annuncio. Recife 9 de abril de 1856.

— Na rua da Madre de Deos n. 38, existe um armazem aonde se alugam carroças puxadas a boi para conduzir materiaes ou generos de estivas, fazendas, ferro, etc., e tambem se fornecem pipas com agua para quarteis e hospitaes: trata-se com Firmino J. F. da Rosa alli ou na rua do Vigario por cima do escriptorio do Sr. Thomaz de A. F. & Filho. Juntamente compram-se bois que tenham sido de carroça e estejam magros e vaccas de leite, sendo por preços baixos, e uma carroça das que pegam em pipa por baixo.

— Declaramos que os annuncios que se fizeram no *Diario de Pernambuco* de 14 e 15 do corrente não se entendem com o Sr. Joaquim Ribeiro Guimarães, mas sim com o Sr. Joaquim Ribeiro de Carvalho Guimarães, a quem rogamos que compareça na loja da praça da Independencia ns. 18 e 20, para negocio de seu interesse.—Chapront & Bertrand.

— José Luiz Pereira Junior, faz sciente ao publico que Jeronymo José da Costa deixou de ser seu caixeiro desde o dia 14 do corrente.

— Offerece-se uma pessoa para escripturario de qualquer Dr. ou advogado: quem precisar dirija-se a rua do Queimado n. 20 que se dirá quem pretender.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva para casa de homem solteiro, para cozinhar, coser, lavar e engommar para duas pessoas: quem se achar nestas circumstancias dirija-se a rua Direita n. 22, refinação ou annuncie.

— Havera' na padaria da rua larga do Rosario, junto aos quarteis, excellente pão de familia, não só pela sua boa qualidade, como pelo commodo preço de 160 rs cada uma libra, e quem comprar mais de duas libras se lhe fará o abatimento de cinco por cento.

— O abaixo assignado faz sciente que comprou a padaria n. 38 da rua das Cinco Pontas, e alugou ao Sr. André Nauzer para o mesmo trabalhar por sua conta, e por isso o annunciante não se responsabelisa por qualquer debito que saja contrahido tendente a mesma padaria. Recife 12 de março de 1856.—Antonio Joaquim Salgado.

— Precisa-se de um piloto de carta: a pessoa que se julgar habilitada dirija-se a rua do Trapiche n. 43.

Attenção

Tendo de findar o arrendamento do vinculo na ilha de S. Miguel denominado Lombo da Maia e Vera Cruz: quem o pretender dirija-se a Passagem da Magdalena estrada que segue para o Lucas o primeiro sitio a direita, a fallar com o proprietario Antonio Soares da Cunha Nobre.

—George Patchett retira-se para Inglaterra.

—Aluga-se uma grande casa terrea, com quintal; na rua da Soledade: a tratar no Manguinho, sitio de Herculano Alves da Silva.

— Francisco de Paula Fiqueira de Saboia, negociante estabelecido nesta praça, declara que o Sr. João José Alves Junior deixou de ser seu caixeiro.

HOSPITAL PORTUGUEZ DE BENEFICENCIA.

A junta administrativa do Hospital Portuguez de Beneficencia, attendendo ao notavel decrescimento da epidemia nesta capital, e consideravel melhoramento no seu estado sanitario, o que torna já desnecessarios os seus serviços de caridade para com a população indigente desta cidade, cumprindo, que sem grande necessidade não esteja o estabelecimento desamparado do apoio dos respectivos estatutos, resolve, a contar de hoje em diante, encerrar o hospital no circulo marcado pelo rigor da instituição, e lettra dos mencionados estatutos, dando assim por concluidos os serviços que até agora da melhor vontade prestára a população indigente desta capital sem distincção de côr ou nacionalidade, ficando igualmente extinctas as commissões de transporte de doentes creadas em sessão de 8 de fevereiro, e cujos utencilios devem ser recolhidos ao hospital. Hospital Portuguez de Beneficencia em sessão de 10 de abril de 1856. —José de Almeida Soares de Lima Bastos, provedor.—Manoel Ferreira de Souza Barbosa, secretario.—Bernardino Gomes de Carvalho, Manoel Francisco da Silva Carriço, mordomos.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Os cautelistas Oliveira Junior & C., venderam a sorte grande de 5:000,000 rs., em vinte vigesimos, o n. 925, e convidam os possuidores dos mesmos, a virem receber o premio, em seu escriptorio, apenas sahir a lista geral.

Oliveira Junior & C.

— O abaixo assignado, havendo sido sorprehendido pela leitura do *boletim do cholera* publicado no *Diario de Pernambuco* de 5 do corrente, no qual vio sob n. 2254 o seguinte:—*Antonio José da Silva Braga, Portugal, 50 annos, solteiro, branco, Boa-vista, feitor, rua Real, sobrado defronte da Estancia*,—vê-se na necessidade de declarar que houve ahi engano quando se da ao fallecido a profissão de —feitor—, por quanto o dito fallecido, sendo irmão do abaixo assignado, com elle morava, não como feitor, e sim como seu irmão solteiro, e fazendo parte de sua familia. Qualquer assento que neste sentido se haja feito nos archivos publicos he inexacto, e o abaixo assignado protesta não ter tido parte em semelhante declaração, sendo que o estado de enfermidade a que está reduzido em cima de uma cama o impede de vigiar como lhe cumpre em occurrencias desta ordem. E em quanto por si nada pode fazer para que em taes archivos se restabeleça a verdade, faz o presente protesto por deferencia ao publico, perante o qual não póde consentir em ver depreciados os seus sentimentos de fraternidade. Recife 8 de abril de 1856.—Manoel José da Silva Braga.

— Digo eu abaixo assignado, que constando-me por algumas pessoas dignas de conceito que um official de minha fabrica de tamancos na rua Direita, esquina que bota para a travessa de S. Pedro, de nome Antonio Fernandes de Castro, dissera ter parte ou sociedade com o abaixo assignado na mesma casa, declaro que o mesmo Sr. Castro nenhuma gerencia tem na minha fabrica; unicamente o autorisei para administrar a gente que na mesma casa trabalha, mediante uma gratificação que com o mesmo Sr. Castro convencionei; e para evitar qualquer duvida ou engano a tal respeito, faço o presente annuncio. Recife 12 de abril de 1856.
Dionizio Gonçalves Maia.

— Precisa-se de um homem para trabalhar em um sitio com alguns escravos, e deitar sentido aos mesmos: na loja do Passeio n. 7.

— Aluga-se o 1.º andar de um sobrado no principio da rua das Cruzes, com excellentes commodos para grande familia: quem o pretender, dirija-se ao 2.º andar do mesmo n. 39

— Precisa-se de um criado para tratar de um quintal e fazer as compras de uma casa de pouca familia, dando este informação de sua conducta: na rua do Cabuga, loja n. 11.

Compras.

—Compram-se notas do Banco do Brasil: na rua do Trapiche-Novo n. 40, segundo andar.

— Compra-se uma preta que seja boa cozinheira e engommadeira: na rua do Collegio n. 25, primeiro andar.

— Compra-se um cavallo gordo para cabriolet: quem tiver annuncie.

— Compram-se garrafas das que vem com cerveja branca a 60 rs. cada uma e 6$000 o cento: no pateo do Carmo esquina da rua de Hortas n. 2.

— Compram-se 20 ou 40 acções da Companhia de Beberibe: na rua da Senzala Nova n. 40, primeiro andar.

— Compra-se uma casa terrea que seja muito boa, sendo na Boa-Vista ou em Santo Antonio, e em boa rua: quem quizer vender, dirija-se a rua do Crespo, loja n. 8.

Vendas.

MEZ Marianno.

O livro do mez Marianno augmentado de varias orações, unico usado pelos devotos da PENHA: vende-se sómente na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia, a dez tustões,

— Vendem-se 6 pipas ou toneis abatidos, que serviram de aguada: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos.

— Vende-se a taberna da praça da Boa-Vista n. 13, muito afreguezada tanto para a terra como para o matto, e com os fundos a vontade do comprador; a tratar na mesma praça, taberna n. 15.

PAPEL PAQUETE.

Na loja de ferragens de Vidal & Companhia, rua da Cadeia do Recife n. 56 A, vende-se papel paquete em meias resmas, proprio para se escrever pelos vapores estrangeiros, para poupar grandes despezas no porte, assim como obreias proprias.

CHARMAS.

Na praça da Independencia livraria ns. 6 e 8, vende-sa este compendio, traduzido pelo Dr. A. Herculano de Souza Bandeira.

Folhinhas PARA O CORRENTE ANNO.

Folhinhas de algibeira contendo o almanak administrativo, mercantil e industrial desta provincia, tabella dos direitos parochiaes, resumo dos impostos geraes, provinciaes e municipaes, extracto de algumas posturas, providencias sobre incendios, entrudo, mascaras, cemiterio, tabella de feriados, resumo dos rendimentos e exportação da provincia, por 500 rs. cada uma, ditas de porta a 160, ditas ecclesiasticas ou de padre, com a reza de S. Tito a 400 réis: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

— Vendem-se toalhas de labyrintho, de muito bons gostos, por preços commodos: na rua da Cadeia do Recife n. 28.

— Vende-se vinho genuino do Porto em caixas de 1 a 2 duzias de garrafas e mesmo em garrafas, contendo (sem exageração) o vinho mais superlativo que se pode desejar, e afiança-se que nunca aqui foi importado um semelhante nectar: vende-se na rua Nova n. 3, taberna de Antonio Ferreira Lima.

— No aterro da Boa-Vista n. 80, vende-se chocolate a 400 rs. a libra, aletria a 480, macarrão e talharim a 400 rs., ervilhas a 100 rs., banha de porco fina a 480, bolachinha quadrada americana a 400 rs., azeite de Lisboa a 560 a garrafa, sagu' a 320 a libra.

— Vende-se ou permuta-se por casas no Recife, a propriedade aonde existe edificada a capella dos Remedios, a qual contem 2 boas moradas de casas terreas e 2 ditas mais pequenas, 1 olaria muito bem montada, 1 pequeno sobrado junto a mesma e 3 bons viveiros com peixe, por preço commodo; e no caso do comprador não querer dar todo o dinheiro a vista, se dará algum prazo, dando o comprador boas firmas de garantia, e tambem se aluga no caso de não apparecer quem compre: a tratar na mesma olaria, ou no pateo do Terço n. 11.

MILHO.

Vende-se saccos com milho por barato preço, na rua da Cadeia do Recife, n. 23 loja.

—Vende-se regra propria para regrar papel, pelo preço de 160 200 e 240 réis, na rua do Encantamento, n. 5, tenda de torneiro.

Oh que pechincha.

No Passeio Publico, loja n. 9, de Albino José Leite, vendem-se ricos córtes de meia casemira, escuras e muito incorpadas, pelo diminuto preço de 1$000 cada um, ditos de brim de linho a 800 rs., chitas finas de cores fixas a 220 o covado, ditas pretas finas a 200 rs., chales pretos a 12$000 cada um, ditos brancos a 700 rs., chapeos de sol de panno com barras a 2$000, brins de linho escuros a 220 o covado, córtes de cassas chitas muito finas a 2$000, e outras muitas fazendas mais baratas do que se vende na California

Coqueiros.

Vendem-se coqueiros pequenos para se plantar: no sitio de Manoel Francisco junto a igreja de Santo Amaro.

— Vende-se um bom cavallo muito passeiro e carregador, até proprio para senhora: na loja do Passeio n. 7.

Na Califormia,

loja nova, na rua do Crespo, ao pé do arco de Santo Antonio, vendem-se córtes de cassas francezas de muito bons gostos a 1$300 e a 1$500; ha grande quantidade para se escolher, lenços de cassa brancos, lisos e com bico a 200 rs., chitas pretas francezas, largas, para luto a 240 o covado, e muitas outras fazendas muito baratas, a dinheiro á vista.

A melhor farinha de mandioca em saccas

que existe no mercado: vende-se por preço razoavel, no armazem do Cazuza, no caes da alfandega n. 7.

Tijolos de marmore e obras de dito.

Vendem-se tijolos marmore de 10 e 12 pollegadas, quadrados, e mais obras de marmore, como tumulos, urnas e estatuas, por preços commodos: em casa de Basto & Lemos, rua do Trapiche n. 17.

— Vende-se uma carroça com pipa, propria para vender agua, tudo em bom estado: atraz da fundição na rua do Lima, taberna de José Jacintho de Carvalho.

— Vendem-se 2 crioulinhas de idade de 15 a 20 annos, cosem e engommam bem: na rua Direita n. 3.

— Vende-se um lindo cabriolet com arreios e cavallo, tudo em muito bom estado, e por preço commodo: para ver, na cocheira do Sr. João Francisco, defronte da ordem terceira de S. Francisco, por baixo do Gabinete Portuguez, e para ajustar, na rua do Queimado n. 33, loja da Boa Fama.

Na loja das seis portas.

Em frente do Livramento.

Riscado preto para luto a meia pataca o covado, lila preta para saias, manto, jaquetas ou calças a dous tustões, chita escura, tinta segura a meia pataca, meias pretas para senhora a pataca o par, chales de côr escuros proprios para casa a cinco tustões, camisas de cambraia bordadas para senhora a cinco tustões, meias brancas para meninas a doze vintens.

Cevada de Lisboa.

Vende-se por 2$400 a arroba: na travessa da Madre de Deos n. 5, armazem.

— RELOGIOS cobertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, ua rua do Torres n. 38.

— Vende-se superior café de primeira sorte do Rio de Janeiro: na loja do Passeio Publico n. 11, de Firmiano José Rodrigues Ferreira.

Relogios inglezes de patente,

os melhores fabricados em Inglaterra: em casa de Henry Gibson: rua da Cadeia do Recife n. 52.

Cassas francezas finas 240 rs o covado.

Na rua do Crespo n. 5, vendem-se cassas francezas finas a 240 rs. o covado.

Para luto.

Cortes de vestido de cassa preta com 7 varas cada um, de bonitos padrões a 2$000: vende-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

Para vidraças.

Vendem-se vidros a 8$ a caixa: na rua Nova n. 38, defronte da igreja da Conceição dos Militares, casa encarnada.

FARINHA DE SANTA CATHARINA,

muito nova e de superior qualidade, a bordo do brigue escuna *Rapido*, fundeado em frente do arsenal de guerra, vende-se por preço commodo: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., no largo do Corpo Santo n. 25.

Cartas francezas.

Vendem-se superiores cartas francezas para voltarete a 500 rs. o baralho: na rua do Queimado, loja de miudezas Boa Fama n. 33.

Livros Classicos

Vendem-se os seguintes livros para as aulas preparatorias: History of Rome 3$000, Thompson 2$ Paul et Virginie 2$000; na praça da Independencia ns. 6 e 8.

Cebolas de Lisboa.

As cebolas ja se vendem mais baratas, e continua-se a vender na travessa da Madre de Deos n. 21, armazem de João Martins Barros.

Farinha de mandioca.

No armazem do Sr. A. Annes Jacome Pires vende-se superior farinha de mandioca em saccos grandes; para porções trata-se com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Meias pretas para padres.

Vendem-se superiores meias de laia para padres, pelo baratissimo preço de 1$800 o par, ditas de algodão pretas a 640 o par: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 35.

SEMENTES.

São chegadas de Lisboa, e acham-se á venda na rua da Cruz do Recife n. 62, taberna de Antonio Francisco Martins as seguintes sementes de hortaliças, como sejam: ervilhas torta, genoveza, e de Angola, feijão carrapato, roxo, pintacilgo, e amarello, alface repolhuda e allemãa, salsa, tomates grandes, rabanos, rabanetes brancos e encarnados, nabos roxo e branco, senoiras brancas e amarellas, couves trinchuda, lombarda, e saboia, sebola de Setubal, segorelha, coentro de touceira, repolho e pimpinela, e uma grande porção de differentes sementes, das mais bonitas flores para jardins.

Cousas finas e de bons gostos

NA LOJA DA BOA FAMA.

Vendem-se ricos leques com plumas, bolota, e espelho a 2$, luvas de pellica de Jouvin o melhor que póde haver a 1$800 o par, ditas de seda amarellas e brancas para homem e senhora a 1$280, ditas de torçal pretas e com bordados de cores a 800 rs. e 1$200, ditas de fio de Escocia brancas e de todas as cores para homem e senhora a 500 rs., ditas para meninos e meninas muito boa fazenda a 320, lencinhos de retroz de todas as cores a 1$, toucas de lãa para senhora a 640, pentes de tartaruga para atar cabello, fazenda muito superior a 5$, ditos de alisar tambem de tartaruga a 3$, ditos de verdadeiro bufalo para atar cabello imitando muito aos de tartaruga a 1$280, ditos de alisar de bufalo, fazenda muito superior a 320 e 500 rs., lindas meias de seda pintadas para crianças de 1 a 3 annos a 1$800 o par, ditas de fio de Escocia tambem de bonitas cores para crianças de 1 a 10 annos a 320 o par, espelhos para parede com excellentes vidros a 500, 700, 1$ e 1$200, toucadores com pés a 1$500, fitas de velludo de todas as cores a 160 e 240 a vara, escovas finas para dentes a 100 rs., e finissimas a 500 rs., ditas finissimas com cabo de marfim a 1$, tranças de seda de todas as cores e larguras a 320, 400 e 500 rs. a vara, sapatinhos de lãa para crianças de bonitos padrões a 240 e 320, adereços pretos para luto com brincos e alfinetes a 1$, toucas pretas de seda para crianças a 1$, travessas das que se usam para segurar cabello a 1$, pistolinhas de metal para crianças a 200 rs., galheteiras para azeite e vinagre a 2$200, bandejas muito finas e de todos os tamanhos de 1$, 2$, 3$ e 4$, meias brancas finas para senhora a 240 e 320 o par, ditas pretas muito boas a 400 rs., ricas caixas para rapé com riquissimas estampas a 3$ e 2$500, meias de seda de cores para homem a 640, charuteiras muito finas a 2$, castões para bengalas a 40 rs., pastas para guardar papeis a 800 rs., oculos de armação de aço prateados e dourados a 640, 1$ e 1$200, lunetas com aro de bufalo e tartaruga a 500 rs. e 1$, superiores e ricas bengalinhas a 2$, e a 500 rs. mais ordinarias, chicotes para cavallo pequenos e grandes, fazenda muito superior a 640, 800, 1$, 1$200, 1$500 e 2$, atacadores de cornalina para casaca a 320, pentes muito finos para suissa a 500, escovas finas para cabello a 640, ditas para casaca a 640, capachos pintados para sala a 640, meias brancas e cruas para homem, fazenda superior a 160, 200 e 240 o par, camisas de meia muito finas a 1$ e 1$200, luvas brancas encorpadas proprias para montaria a 240 o par, meias de cores para senhora muito fortes a 220 o par, ricas abotoaduras de madreperola e de outras muitas qualidades e gostos para colletes e palitós a 500 rs., fivelas douradas para calças e colletes a 120, ricas fitas finas lavradas e de todas as larguras, bicos finissimos de bonitos padrões e todas as larguras, ricas franjas brancas e de cores para camas de noivas, tesourinhas para costura o mais fino que se póde encontrar. Além de tudo isto outras multissimas cousas muito proprias para a festa, e que tudo se vende por preço que faz admirar, como todos os freguezes já sabem: na rua do Queimado, nos quatro cantos, na conhecida loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

CORTES DE CASSA PARA QUEM ESTA' DE LUTO.

Vendem-se córtes de cassa preta muito miuda, por diminuto preço de 2$ o córte, ditos de cassa chita de bom gosto a 2$, ditos a 2$400, padrões francezes, alpaca de seda de quadros de todas as qualidades a 720 rs. o covado, lãa para vestido tambem de quadros a 480 o covado; todas estas fazendas vendem-se na rua do Crespo n. 6.

LIQUIDAÇAO'.

O arrematante da loja de miudezas da rua dos Quarteis n 24, querendo acabar as miudezas que existem, vende barato afim de liquidar sem perda de tempo.

Franja com bolotas ara cortinados, peça	4$000
Papel pautado, resma, (de peso)	3$000
Dito de peso, resma	2$700
Lãa de cores para bordar, libra	7$000
Pentes de bufalo para alisar, duzia	3$000
Fivelas douradas para calça, uma	100
Groza de obreias muito finas	6$000
Lenços de seda finos, ricos padrões	1$500
Caixa de linhas de marca	240
Meias para senhora por	240
Pentes de tartaruga para segurar cabello	4$000
Grozas de canetas finas para pennas	2$000
Ditas de botões finos para casaca	2$000
Meias pretas para senhora, duzia	3$200
Ditas ditas para homem	2$800
Lacre encarnado muito fino, libra	1$800
Papel de cores, maço de 20 quadernos	600
Duzia de colxetes	720
Espelhos de todos os numeros, duzia	2$500
Linhas de novellos grandes para bordar	1$600
Ricas fitas escocezas e de sarja, lavradas, largas	900
Meias cruas sem costura para homem	3$300
Ditas de seda n. 2, peça	380
Tranças de seda branca, vara	400
Caixas de raiz, duzia	1$600
Peças de fitas de cós	300
Lapis finos, groza	2$400
Cordão para vestido, libra	1$200
Toucas de blonde para menino	1$200
Chiquitos de merino bordados para menino	1$000

e outros muitos artigos que se tornam recommendaveis por suas boas qualidades, e que não se duvidara dar um pouquinho mais barato a aquelle senhor logista, que queira a dinheiro comprar mais barato do que se compra em primeira mão.

Na California,

loja nova, na rua do Crespo, ao pé do arco de Santo Antonio, vendem-se peças de algodãozinho com avaria a 640, 1$, 1$280 e 1$600, e limpas a 2$, alpaca preta lavrada, sem defeito, de 4 palmos de largura a 200 rs. e a 240 rs. o covado, muito boa para quem está de luto, muito boas meias pretas de algodão para senhora a 400 rs, ditas para homem a 280, cassas pintadas francezas a 200 rs. o covado, córtes de ditas de 6 1/2 varas a 1$600, chales escocezes a 560, madapolão muito bom a 2$500, 2$600, 3$200, 3$600, 3$800, 4$, 4$100 e 4$800, e muito fino a 5$; assim como muitas outras fazendas, tudo muito barato, dinheiro a vista.

—Vende-se em casa de S. P. Johnston & C., rua da Senzala-Nova n. 42, sellins inglezes, chicotes de carro e de montaria, candieiros e castiçaes bronzeados, relogios patente inglez, barris de graxa n. 97, vinho Cherry em barris, camas de ferro, fio de vela, chumbo de munição, arreios para carro, lonas inglezas.

AGENCIA

Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

—Quem quizer comprar um carro americano de quatro rodas com assentos para duas pessoas, tendo arreios e cavallo muito ardigo: dirija-se a rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

—No armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, vende-se farinha de mandioca em saccas de superior qualidade, por preço commodo.

—Vende-se muito superior farinha de Santa Catharina, por menos preço do que em outra qualquer parte: a bordo do brigue « Sagitario », defronte do trapiche do algodão.

— Vendem-se barricas com farinha de trigo da já conhecida marca MMM, muito nova, e de qualidade igual a de Trieste, chegada agora de Genova, e por preço commodo: a fallar com Basto & Lemos, rua do Trapiche n. 17.

Gomma de araruta.

Vende-se superior gomma de araruta em barricas e as arrobas: no armazem de João Martins de Barros, travessa da Madre de Deos n. 21.

Velas de Carnauba.

Na rua do Queimado n. 69, vendem-se velas de carnauba em caixas de 40 a 60 libras, por menos preço do que em outra qualquer parte: quem precisar aproveite a occasião.

— Na livraria da rua da Cruz do bairro do Recife n. 56, acham se á venda as selectas inglezas e francezas, adoptadas nas aulas, com os competentes diccionarios e todos os livros classicos, e outras muitas obras novas, tudo por preço commodo.

— Vende-se a casa terrea n. 8, na travessa dos Martyrios: a tratar na rua do Livramento n. 21.

— Vende-se uma ovelha muito mansa, propria para criar menino, dando bastante leite: nas Barreiras n. 4, se dirá quem vende.

— Vende-se uma crioula de 36 annos de idade, que sabe cozinhar o diario de casa, lava de sabão e barrella, tambem serve para vender na rua ou pagar dia: na rua da Concordia, segunda casa do lado esquerdo, passando a rua da Cadeia Nova.

Velas stearinas, pedras de marmore para mesas, papel de peso inglez, papel de embrulho, oleo de linhaça em botijas, chicotes para carro, pianos de armario, lona e brim de vella, cemento romano, armamento de todas as qualidades, cabos de linho e de manilha, pixe da Suecia, champagne e vinhos finos do Rheno: vendem-se no armazem de C. J. Astley & C., rua da Cadeia n. 21.

PECHINCHA.

Vende-se no aterro da Boa-Vista, loja de fazendas ao pé da ponte n. 10, um relogio de ouro horisontal, muito lindo e bom regulador por 40$320.

Na rua do Crespo, loja amarella n. 4, de Antonio Francisco Pereira,

Chegaram de França as seguintes mercadorias, tudo de muito bom gosto e superior qualidade.

Camisas francezas com peito de linho a 45$000 a duzia.
Ditas ditas com peito de cambraieta, a 36$000 a duzia.
Ditas ditas de murim, a 24$000 a duzia.
Ceroulas de bramante de puro linho, a 3$000 cada uma.
Casacas do panno fino preto a 30$000.
Sobrecasacas de panno fino preto e de côres a 30$000.
Casacas redondas e flaque, tudo de panno muito fino a 32$000.
Palitós e sobre-casacas de sarja de seda, a 24$000.
Ditos de setim da China, a 24$000.
Ditos de Folar de seda, a 12$000.
Ditos de alpaca preta, a 12$ e 15$000.
Ditos de panno muito fino, a 20$000.
Ditos saccos de panno mesclado, a 20$000.

—Em casa de Henry Brunn & C., rua da Cruz n. 10, vendem-se.
Lonas e brins da Russia.
Instrumentos para musica.
Espelhos com molduras.
Globos para jardins.
Cadeiras e sofás para jardins.
Oleados para mesas.
Vistas de Pernambuco.
Cemento romano.
Gomma lacca.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixes de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em acrro sem despeza ao comprador.

—Na officina de encadernação, travessa da Congregação, vendem-se as seguintes obras de economia politica por Malthus, Sismondi, J. Baptista Say, cartas a Malthus pelo mesmo, cathecismo de economia, J. Dutens, e muitas outras obras de direito publico, das gentes, diplomatico e commercial, tudo em muito bom estado e por barato preço.

CHAROPE DO BOSQUE

Foi transferido o deposito deste charope para a botica de José da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO

Para cura de phtysica em todos os seus differentes gráos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

Navalhas a contento.

Continua-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as já bem conhecidas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que ha sido premiado em diversas exposições: vendem-se com a condição de não agradando poder o comprador devolve-las até 30 dias depois da compra, restituindo-se a importancia: em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 36.

—Em casa de Henry Brunn & C., na rua da Cruz n. 10, ha para vender um grande sortimento de ouro do melhor gosto, assim como relogio de ouro patente.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & C., em Santo Amaro, acham-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modelo e construcção muito superior.

ARADOS DE FERRO.

Na fundição de C. Starr & C., em Santo Amaro, acham-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá, construcção vertical e com todos os melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundição da Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum, logo na entrada, e defronte do arsenal de marinha, ha sempre um grande sortimento de taixas, tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas e fundas; e em ambos os lugares existem guindastes para carregar carros ou carros, livres de despezas. Os preços são os mais commodos.

Escravos fugidos.

— Fugio no dia 31 de março o preto João, crioulo, de estatura bem alta, cara bexigosa, tem uma marca de caustico ou queimadura debaixo do peito; este escravo pertenceu ao Sr. Manoel Milheiros, e depois ao Sr. Gonçalo José Affonso, com refinação na rua da Concordia, e he costumado a fazer destas fugidas: quem o appehender leve-o a refinação da rua acima n. 8, que se gratificará bem.

— Continúa andar fugida a preta Merencia, crioula, idade de 28 a 30 annos, pouco mais ou menos com os signaes seguinte: falta de dentes na frente, uma das orelhas rasgada proveniente dos brincos: quem a pegar leve-a a rua do Brum, armazem de assucar n. 12, que será bem gratificado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1856

DATA INCORRETA MUTILADO ILEGÍVEL